



CLAUDINA AZEVEDO MAXIMIANO
VENICIO FAVORETI
DAVID JUNIOR DE SOUZA SILVA
PEDRO ITALIANO DE ARAÚJO NETO
DAVILLA VIEIRA ODIZIO DA SILVA
(Organizadores)



INSTITUTO
FEDERAL
Amazonas

ANAIS



**Negritude e Pretice
na Amazônia:
Resistências da Floresta e da Águas**

**Semana de Reflexões sobre Negritude,
Gênero e Raça dos Institutos Federais**

IFAM
Manaus
2021

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DO AMAZONAS**

Prof. Me. Jaime Cavalcante Alves

Reitor *ProTempore*

Maria Francisca Morais de Lima

Pró-Reitor de Extensão

Claudina Azevedo Maximiano

Francine Pereira Rebelo

Coordenação Geral do Evento

Produção:

Claudina Azevedo Maximiano

David Junior de Souza Silva

Davilla Vieira Odizio da Silva

Pedro Italiano de Araújo Neto

Venicio Favoreti

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

S 471 Semana de reflexões sobre negritude, gênero e raça dos institutos
 federais: SERNEGRA (10.: 2021: Manaus, AM)
 Anais [recurso eletrônico] /10ª Semana de reflexões sobre
negritude, gênero e raça dos institutos federais: SERNEGRA, 23,24,25 e
26 nov em Manaus, AM. – MANAUS, IFAM, PROEX, 2021.

Inclui referências

ISBN: 978-85-69719-20-5

1. Equidade Racial – Eventos. 2. Antirracista. 3. População negra.
I. Título

CDD 301

**SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO E RAÇA DOS
INSTITUTOS FEDERAIS – SERNEGRA
23 A 26 DE NOVEMBRO DE 2021**

Coordenação do Evento:

Alícia Manuela S. Picanço de Miranda	Luiz Carlos Ferreira
Alessandra de Souza Fonseca	Mara Marcellino
Claudina Azevedo Maximiano	Maria Amélia dos Santos Castro
Clisivania Duarte de Souza	Maria Antônia de Jesus Andrade Braga
Davilla Vieira Odizio da Silva	Marília Silva
Denis da Silva Pereira	Pedro Italiano Araújo Neto
Francine Pereira Rebelo	Renildo Viana Azevedo
Glacy Ane Araújo de Souza dos Santos	Roberta Enir Faria Neves de Lima
João Carlos Nascimento da Silva	Taciara Raquel dos Santos Castro
Julienne Pereira dos Santos	

Colaboradores:

Adriana dos Santos	Isis Tatiane da Silva dos Santos
Cristina Façanha e Silva Castro	Juliana Batista
Davy Carvalho	Juliana Valentini
Emilly Patricia dos Santos Barbosa	Maria Rosangela Marinho de Souza
Gabriel Santos	Paulo Cesar
Henrique Alves	Roger Silva e Silva
Henrique Amaral	Ronny França
Inaê Nogueira Level	Thatiane Souza Costa Machado

Equipe de Apoio:

Andrea Costa do Prado
Alexandre Façanha Moura

Equipe técnica:

Alexandre Façanha Moura
Karoline Ribeiro dos Anjos
Rodrigo Fonseca

APRESENTAÇÃO

A *Semana de Reflexões sobre Negritude, Gênero e Raça dos Institutos Federais* (SERNEGRA) é um evento que promove reflexões e constrói caminhos para a equidade racial e de gênero, contribuindo para uma educação antirracista e antissexista. Trata-se de um congresso científico que dialoga com diferentes linhas de pesquisa, militância e sujeitos de resistência e conta com a apresentação de trabalhos em sessões temáticas, além de oficinas, palestras, rodas de conversas, mesas redondas, apresentações culturais, feirafro, entre outras ações.

O SERNEGRA teve sua décima edição em 2021. Desde o seu nascimento, no Instituto Federal de Brasília (IFB), o evento tem se irradiado pela Rede Federal de Ensino. Neste ano, o evento aconteceu entre os dias 23 e 26 de novembro, de modo virtual, em razão da pandemia. Ainda que *online*, esta edição teve como anfitrião o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM) e, como desafio, a visibilidade das negritudes, pretices e o “ser negro/a” na Amazônia.

Com o objetivo de provocar a discussão sobre a presença da população negra nos diversos espaços sociais no contexto amazônico, o SERNEGRA teve como pressuposto o processo histórico de invisibilização desses grupos sociais na Amazônia.

O evento foi realizado com base na plataforma *Even 3*, disponível em: <https://www.even3.com.br/sernegra2021/>. O conteúdo - que foi transmitido, ao vivo, pela rede mundial de computadores - encontra-se disponível no canal oficial do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM), no *YouTube*, disponível em: <https://www.YouTube.com/user/tvifamoficial/videos>.

PROGRAMAÇÃO

23/11 - TERÇA-FEIRA	
<ul style="list-style-type: none"> • Momento Acolhida • Abertura Oficial (<i>YouTube</i>) • Palestra Jorge Ferrão (<i>YouTube</i>) 	
<ul style="list-style-type: none"> • Oficinas (<i>Google Meet</i>) 	<ul style="list-style-type: none"> • Roda de conversa: Festas de terreiro (<i>YouTube</i>)
Intervalo	
<ul style="list-style-type: none"> • Lançamento da Exposição: Remando nas águas da arte e cultura negras na Amazônia 	
<ul style="list-style-type: none"> • Estudante negros e suas vivências 	<ul style="list-style-type: none"> • Simpósios Temáticos (<i>Google Meet</i>)
<ul style="list-style-type: none"> • Roda de Conversa: SUS e a situação dos negros na pandemia (<i>YouTube</i>) 	
<ul style="list-style-type: none"> • Sessão de cinema: “De bubuia pelos rios da Amazônia” (<i>YouTube</i>) • Palestra - Negro no Amazonas: uma história "mal" contada (Patrícia Sampaio) 	
24/11 - QUARTA-FEIRA	
<ul style="list-style-type: none"> • Momento Acolhida 	
<ul style="list-style-type: none"> • Roda de conversa: Mestre do mar abaixo (<i>YouTube</i>) 	<ul style="list-style-type: none"> • Oficinas (<i>Google Meet</i>)
<ul style="list-style-type: none"> • Conversa com artista negro (<i>YouTube</i>) 	
<ul style="list-style-type: none"> • Show Cultural: Gambá de Maués (<i>YouTube</i>) 	
Intervalo	
<ul style="list-style-type: none"> • Professores negros e suas vivências 	<ul style="list-style-type: none"> • Simpósios Temáticos e Encontro com Celso Prudente (<i>Google Meet</i>)
<ul style="list-style-type: none"> • Roda de conversa: Mulheres negras: representatividade e resistência (<i>YouTube</i>) 	
<ul style="list-style-type: none"> • Sessão de cinema: “De bubuia pelos rios da Amazônia” (<i>YouTube</i>) • Palestra: Racismo institucional e o acesso à Educação no Brasil (Tatiane Cristina Ribeiro) 	

25/11 - QUINTA-FEIRA	
<ul style="list-style-type: none"> • Momento Acolhida 	
<ul style="list-style-type: none"> • Roda de Conversa: Enegrecendo a política: a ocupação dos espaços institucionais pelo povo preto (<i>YouTube</i>) 	<ul style="list-style-type: none"> • Oficinas (<i>Google Meet</i>)
<ul style="list-style-type: none"> • Conversa com artistas Música Afro e Projeto Labere (<i>YouTube</i>) 	
<ul style="list-style-type: none"> • Show Cultural: Onça te pega – Quilombo (<i>YouTube</i>) 	
Intervalo	
<ul style="list-style-type: none"> • Lançamento de livros (<i>YouTube</i>) 	<ul style="list-style-type: none"> • Simpósios Temáticos (<i>Google Meet</i>)
<ul style="list-style-type: none"> • Sessão de cinema: “De bubuia pelos rios da Amazônia” (<i>YouTube</i>) • Palestra - Educação antirracista: um imperativo para a construção de uma sociedade democrática (Luana Tolentino) 	
26/11 - SEXTA-FEIRA	
<ul style="list-style-type: none"> • Momento Acolhida 	
<ul style="list-style-type: none"> • Oficina: Empreendedorismo afro: da ideia ao resultado (Presencial e Remoto) 	
<ul style="list-style-type: none"> • Roda de Conversa: Empreendedorismo negro no Brasil (<i>YouTube</i>) 	
Intervalo	
<ul style="list-style-type: none"> • FEIRAFRO: empreendedores negros, suas histórias e produtos 	
<ul style="list-style-type: none"> • Palestra de Encerramento: Moçambique e Amazônia: onde nossas histórias se encontram? (Luís Jorge Manuel António) • Encerramento 	

SUMÁRIO

PALESTRAS	17
Negro no Amazonas: uma história "mal" contada	17
Palestrante: Patrícia Maria Melo Sampaio	
Racismo institucional e o acesso à educação no Brasil	18
Palestrante:Tatiane Cristina Ribeiro	
Educação antirracista: um imperativo para a construção de uma sociedade democrática	18
Palestrante: Luana Tolentino	
Moçambique e Amazônia: onde nossas histórias se encontram?	19
Palestrante: Luís Jorge Manuel António	
RODAS DE CONVERSA	21
Festas de terreiro - lideranças de religiões de matriz africana, mestres e mestras do Axé	21
Coordenação : Roberta Enir Faria Neves de Lima (IFAM)	
Participação: Pai Alberto Jorge, Ednaldo Palheta (Cabeça) & Babalorixá Marcos Ti Osun.	
SUS e a situação dos negros na pandemia	21
Coordenação: Juliene Pereira dos Santos	
Participação: Hilton Pereira da Silva, Josealdo Furlan Martins & Juliana Fidelis	
Mestre do mar abaixo	21
Coordenação: Isis Tatiane da Silva dos Santos	
Participação: Fábio José do Espírito Santo Souza & Cleane Mayara da Costa Ramos	
Conversa com artista Negro Lamar	22
Coordenação: Alvatir Carolino da Silva	
Participação: Lamartine Silva	
Professores negros e suas vivências em instituições de ensino	22
Coordenação: João Carlos Nascimento da Silva (SEDUC)	
Participação: Reginaldo Conceição da Silva (UEA) & Claudina A. Maximiano (IFAM)	
Mulheres negras: representatividade e resistência	22
Mediadora: Juliene Pereira	
Participação: Anacleta (Quilombo Santa Rosa dos Pretos/MA) & Elielma (Quilombo Moura, Rio Trombetas, município de Oriximiná)	

Enegrecendo a política: a ocupação dos espaços institucionais pelo povo preto	23
Mediador: Denis da Silva Pereira	
Participação: Mayne Alves Goes, Francy Jr. & Joaquina Lino	
Conversa com artistas: Música Afro e Projeto Laberer (UFPE)	23
Coordenação: João Carlos Nascimento da Silva (SEDUC)	
Participação: Emerson Raimundo do Nascimento	
Empreendedorismo negro no Brasil	23
Mediador: Rangel Miranda (SEBRAE)	
Participação: Fernanda Ferreira da Costa Gonçalves, Bruno Vasconcelos & Ivanilda Frasão Tolentino	
OFICINAS	24
"O Amanhã Ancestral": imaginando outros futuros com base em nosso passado	24
Ministrante: Gabriel Verçoza	
Plantas que protegem e curam	24
Ministrante: Dona Lourdes (Liderança quilombola)	
Quem canta conta: as vozes do corpo e do coração	24
Ministrantes: Dr ^a Beija Flor (Carla Roeher) e Palhaça Fogueta (Atylana Fernandes)	
Oficina da cura	25
Ministrante: Dona Lourdes do Quilombo Andirá	
Memória afetiva e identidade negra nas bonecas Abayomi	25
Ministrante: Darlan Galvão de Sousa Lira	
Elementos dos orixás como criação cênica	25
Ministrante: Vítor Rocha	
Empreendedorismo afro: da ideia ao resultado	26
Ministrante: Olinda Marinho (Innatus hub)	
SIMPÓSIOS TEMÁTICOS	27
SIMPÓSIO TEMÁTICO 03: OS DESAFIOS DE UMA EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS	27
Coordenação: Silvano Fidelis de Lira & Patrícia Cristina de Aragão Araújo	
Trabalhos apresentados:	
Trajetórias da formação para o trabalho de estudantes negras de cursos técnicos subsequentes do instituto federal de Brasília	27
Joyce Cristine da Silva Carvalho & Jaqueline Coêlho Santana	

Os desafios de uma educação para as relações étnico-raciais: um estudo a partir da implantação da Lei 10.639	28
Silvano Fidelis de Lira & Patrícia Cristina de Aragão Araújo	
Pedagogia antirracista, epistemicídio e literatura negrobrasileira	29
Valmir Luis Saldanha da Silva & Simone Gabriela Rodrigues Benedito	
Formação continuada de professoras/es e aplicação da Lei 10. 639	29
Maria Hyannes Silva de Souza & Kelly Almeida de Oliveira	
As influências africanas no âmbito escolar: resistência e valorização da cultura negra na Educação de Jovens e Adultos	30
Thaila Bastos da Fonseca	
A afroperspectiva dos povos Bantu no ensino de Filosofia: transversalidades decoloniais no chão da escola.....	30
Wudson Guilherme de Oliveira	
SIMPÓSIO TEMÁTICO 04: OS IMPACTOS DO EPISTEMICÍDIO - CULTURA E CONHECIMENTO NA DIÁSPORA AFRICANA	32
Coordenação: Jéssica Cristina Álvaro de Oliveira & Giovane do Nascimento	
Trabalhos apresentados:	
Humanismo-iluminista e colonialismo na lente de Baron de Vastey no início do século XIX	32
Frantz Rousseau Deus	
Interseccionalidade invisibilizante em Beatriz Nascimento	33
Fabiana Santos Souza	
A saia como espaço-tempo formativo: docência em teatro e relações étnico-raciais	34
Alissan Maria da Silva	
Práticas decoloniais e diversidade musical do norte fluminense: o Boi Pintadinho, a Mana-Chica do Caboio e o Fado de Quissamã	34
Fernanda Morales dos S Rios, Priscila Gonçalves de Azevedo, Wilson dos Santos Souza & Giovane do Nascimento	
O Jongo e a escola: impactos das culturas afro-brasileiras na formação.....	35
Michele Pereira da Silva	
Diáspora, misoginia e musicalidade em Chiquinha Gonzaga	36
Andréa Hamminni Pires da Silva Avila Franquetto	
SIMPÓSIO TEMÁTICO 05: IDENTIDADE NEGRA E POLÍTICAS AFIRMATIVAS NO ENSINO SUPERIOR.....	36
Coordenação: Anna Beatriz Passos da Silva Carlos, Bruno de Oliveira Ribeiro & Miriam Carvalho da Silva	

Trabalhos apresentados:

A identidade negra e o ensino superior na universidade FMA, a partir da licenciatura em estudos africanos e afro-brasileiros.....37

Elisandra Cantanhede Ribeiro

Comissão de heteroidentificação: mecanismo necessário em processos seletivos.....37

Fabiana Santos Souza & Josileide Veras de Sousa

A mediação cultural no atendimento psicossocial aos imigrantes e refugiados na perspectiva das trabalhadoras de um Centro de Referência de Assistência Social.....38

Clefaude Estimable

SIMPÓSIO TEMÁTICO 06: POTÊNCIAS CRÍTICO-POLÍTICAS DA INTERSECCIONALIDADE39

Coordenação: Marjorie Nogueira Chaves & Raquel Suely Cardoso da Conceição

Trabalhos apresentados:

Unicórnios negros: a experiência emigratória de afro-brasileiros - uma análise teórica da emigração brasileira sob o viés racial.....39

Ísis Higino

Sobre habitar um não-lugar: masculinidades negras e as limitações da hegemonização do feminismo.40

Rafael Duarte Oliveira

O Quarto de Despejo de Carolina: desafios do direito à cidade na perspectiva interseccional41

Cíntia Mariane Nolaço de Oliveira & Marjorie Nogueira Chaves

Patrimônio negro: o papel do comitê gestor na elaboração de políticas públicas turísticas que se articulam com a preservação do sítio arqueológico do Cais do Valongo.....42

Aline Karina de Araújo Dias

Experiências desiguais no viver: desafios para garantia de direitos sexuais e reprodutivos na adolescência a partir da interseccionalidade de opressões. ...43

Pâmela Andrezza Amorim Leal Cordeiro

Femicídio antinegro: uma análise interseccional da Lei Maria da Penha44

Marjorie Nogueira Chaves

SIMPÓSIO TEMÁTICO 07: HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E NARRATIVAS SOBRE IDENTIDADES, TERRITÓRIOS E CULTURAS NEGRAS DA AMAZÔNIA45

Coordenação: Betânia de Assis Reis Matta, Patrícia Torme de Oliveira & Marcilene Queiroz Cabral Santos

Trabalhos apresentados:

Negros na Amazônia?47

Karina Balieiro da Silva

Afronazira: consciência de igualdade e respeito à diversidade47

Elcione Sousa da Silva Cordeiro & Ivanilde Santos da Silva

SIMPÓSIO TEMÁTICO 08: AGRICULTURA FAMILIAR, ORGANIZAÇÕES E MOVIMENTOS SOCIAIS EM COMUNIDADES RURAIS48

Coordenação: Antonia Erica Costa de Sousa, Denis da Silva Pereira & Suelem Maciel Pereira

Trabalhos apresentados:

Vendedores ambulantes de peixe no município de Lábrea.....48

Kaiky Júnior Ferreira de Araújo & Francisco Batista da Silva

Casas de farinha na cidade de Lábrea/ AM: práticas tradicionais, diálogos e convergência entre o rural e o urbano49

Érica Silva de Oliveira & Claudina Azevedo Maximiano

Ambientes de interação agroecológica e inovações no manejo da agrobiodiversidade em assentamentos rurais de Planaltina-DF50

Paula Balduino de Melo, Jéssica Rodrigues Pereira & Patricia Dias Tavares

Organização, arranjos produtivos e de comercialização no Distrito Agropecuário da Suframa - DAS50

Suelem Maciel Pereira, Denis da Silva Pereira & Antonia Erica Costa de Sousa

Duas mulheres atuantes no campo e na vida.....51

Luciana Dias Correia & Marnilda Pereira As

SIMPÓSIO TEMÁTICO 09: ÁGUA COMO DIREITO: A ÁGUA NO CENTRO DOS CONFLITOS TERRITORIAIS NA AMAZÔNIA52

Coordenação: David Junior de Souza Silva, Eunápio Dutra do Carmo, Oscar Adán Castillo Oropeza & Zairo Benjó

Trabalhos apresentados:

A luta das comunidades negras pelo direito à água em Breves53

Zairo Benjo

Ecología política de la microprivatización hídrica. Un acercamiento a las áreas indígenas de la Ciudad de México.53

Oscar Adán Castillo Oropeza & Edgar Delgado Hernández

Histórico da ocupação do bairro Beira-mar em Lábrea/AM: os moradores e suas trajetórias54

Andriely Gadelha Vieira & Claudina Azevedo Maximiano (IFAM)

Comunidades ribeirinhas e violação de direitos: a maior sede é por justiça social	55
Brenda da Silva Salazar, Maria Vitória Costa Fernandes, Rafaela de Jesus de Oliveira da Silva & Soleane Ferreira Inajosa	
Água na Amazônia: sentidos sociais, apropriações e conflitos	56
Aline Gabrielle Cardoso do Rosário & David Junior de Souza Silva	
Direito à cidade e a ocupação de áreas úmidas por populações tradicionais em Macapá/AP	56
Bruno de Oliveira Rodrigues, Jamille Del Castillo Souza, Lana Thayane Reis da Costa, Paula Carolina Gaião da Silva & Thaís Fernandes da Cunha	
Lavatórios na ponte: acesso possível à água nas áreas de ressaca do Congós, Macapá, no contexto da pandemia de COVID-19	58
Melissa Kikumi Matsunaga	
Água, Amazônia e os processos coletivos	59
Eunápio Dutra do Carmo	
Projeto de macrodrenagem do Una e luta por dignidade em Belém: uma breve síntese da realidade social dos moradores da beira do canal	60
Éder Dutra do Carmo & Isaneide Rocha de Sousa	
SIMPÓSIO TEMÁTICO 10: MULHERES NEGRAS AMAZÔNIDAS E OS PASSOS DE SUA RESISTÊNCIA	61
Coordenação: Rafele Cristina de Souza Queiroz & Luiza de Marilac Miléo Moreira Resumo	
Trabalhos apresentados:	
Tornar-se negra amazônida: como me reconheço nesse processo	61
Suzy Evelyn de Souza e Silva	
História oral de vida de mulheres negras: a importância da estética para construir-se negra amazônida (2000-2019)	62
Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro	
O impacto da militância, dos estudos e do feminismo negro emancipacionista na vida de uma educadora amazonense	62
Elizangela de Almeida Silva & Armindia Rachel Botelho Mourão	
Escrevivências na sala de aula: experiências docentes de professoras negras na cidade de Maués no Amazonas	63
Maria Rutimar de Jesus Belizario & Viviane Barreto Souza	
O ecoar da voz de uma professora preta do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas Campus Maués	63
Nilton Paulo Ponciano & Iara Batista da Silva	

Relato de experiência da trajetória e vivência na cultura <i>HipHop</i> do Amazonas	64
Maria Aparecida Trindade (Cida Aripória)	
Corpo ativista de memórias e ancestralidades	64
Ana Cléia Neri Alves	
SIMPÓSIO TEMÁTICO 11: TERRITÓRIOS NEGROS, INTERSECCIONALIDADE E IDENTIDADE	66
Coordenação: Alyne Fernanda Cardoso Reis & Jéssica Cristina Alvaro de Oliveira	
Trabalhos apresentados:	
Pretademia: narrativas negres estéticas	67
Karine de Souza Silva, Luana Alves da Silva & Thais Alana dos Santos Pereira	
Resistência quilombola na Amazônia: identidade e cultura na comunidade de Itacoã Miri no Acará-PA.	68
Gisely de Nazaré Freitas da Silva & Gianny de Nazaré Freitas da Silva	
Branqueamento do território e disputa de lugar na praça da harmonia	68
Stéfany dos Santos Silva	
SIMPÓSIO TEMÁTICO 12: MEMÓRIA E SABERES ANCESTRAIS DE MULHERES PARTEIRAS E BENZEDEIRAS NA AMAZÔNIA.	69
Coordenação: Ana Lídia Nauar, Rosângela da Silva Quintela & Caroline Barroso Miranda	
Trabalhos apresentados:	
Relatos de experiências sobre as vivências de uma parteira no interior da Amazônia	69
Ana Cleide Gonçalves de Oliveira, Catarina da Silva Moreira & Socorro Assunção Cunha	
Rezadeiras, rezadores e parteiras: impactos do ofício tradicional de cura na saúde pública do município de Tapauá	70
Cristina Barbosa de Almeida & Claudina Azevedo Maximiano	
Mulheres indígenas no contexto urbano de Belém do Pará: trajetórias, ancestralidades e identidades.	70
Alana Wictória Lima de Oliveira & Ana Lídia Nauar	
SIMPÓSIO TEMÁTICO 13: CINEMAS ENTRE NORTES: TERRITÓRIOS E CORPOS AMAZÔNICOS E NORDESTINOS	71
Coordenação: Uriel Nascimento Santos Pinho, Fátima Luiza da Silva Santos & Naira Évine Pereira Soares	

Trabalhos apresentados:

De iluminação criativa a feministas negras: experimentando o teatro do oprimido na Amazônia.....72

Ivanilde Santos da Silva, Mayra Lopes da Conceição & Victoria Cordeiro Santos

Tratando das minhas feridas me tornei roseira: um gesto decolonial em Tremor Iê73

Nayla Tavares Guerra

Cinemas de mulheres em Rondônia.....73

Alan Gomes Freitas & Michelle Barbosa Andrews

Experiência Luz e a recontação de histórias de assombração na cidade de Belém74

Ivanilde Santos da Silva

SIMPÓSIO TEMÁTICO 14: LITERATURA AFRO-LATINA E CARIBENHA: INTERLOCUÇÕES, DIÁSPORAS, RESISTÊNCIAS E NEGRITUDES.....75

Trabalhos apresentados:

O *abèbè* na con(tra)temporaneidade: reverberações e reflexos nas Américas75

Hildalia Fernandes Cunha Cordeiro

Perspectivas acerca das escritas e dos corpos de mulheres negras na América: analisando *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves, e *Jonatás y Manuela*, de Luz Argentina Chiriboga.....77

Júlia Dias da Silva

A maternidade negra apresentada por Carolina de Jesus em *Diário de Bitita*..77

Érica de Souza Oliveira

Escrita de foro privado por mãos de uma mulher negra: o gênero diário no legado de Carolina Maria de Jesus.....78

Verônica de Souza Santos

Projeto de e-book *Negritude em poesias*.....79

Antônio Paulino dos Santos, Ronilson de Sousa Lopes & Francine Pereira Rebelo

Irmãs Nardal e Suzanne Césaire: mulheres negras na Negritude79

Ricardo Silva Ramos de Souza

Memórias guianenses em *Comme un clou dans le coeur*, de Emmelyne Octavie (2018).....80

Dennys Silva-Reis

Interlocuções literárias: escritoras haitianas em resistência.....80

Margarete Nascimento dos Santos

Violência e subversão em <i>Fe en disfraz</i>, de Mayra Santos-Febres	81
Eliene Santana dos Santos	
Poetas negras na argentina, cuba e porto-rico: assentamentos de resistência..	82
Cristian Souza de Sales	
SIMPÓSIO TEMÁTICO 15: MEMÓRIA, ANCESTRALIDADE, RESISTÊNCIA: LITERATURA & OUTRAS ARTES NEGRAS	82
Coordenação: Sandro Adriano da Silva & Pedro Henrique Braz	
Trabalhos apresentados:	
Kossi Efoui e os <i>odús</i> da insubordinação e da astúcia.....	83
Daniel de Jesus dos Santos Costa	
Produção de roupas, fios de conta e paramentas de Orixás na cidade de Manaus/AM.....	84
Glacy Ane Araújo de Souza dos Santos	
Implantação do <i>poetry slam</i> no Brasil como “espaço de acolhimento” nas salas de aula.....	84
Lindaura Simone Andrade dos Santos	
<i>A moça de vestido amarelo</i>: memória e ancestralidade no conto de Conceição Evaristo	85
Wilma dos Santos Coqueiro	
Saberes oriundos da terra, com curas e aberturas de caminhos: as histórias contadas pelas minhas mais velhas coletadas via pesquisa de escuta	85
João Vítor Ferreira Nunes (João Vítor Mulato)	
Ismael Ivo: a resistência em um corpo negro dançante	86
Pedro Henrique Braz	
Melancolia, silêncio e memória na lírica de Carlos de Assumpção.....	87
Sandro Adriano da Silva	
Águas de mamãe Oxum: ancestralidade e memória afrodiáspórica em <i>Olhos d'água</i>, de Conceição Evaristo	88
Lorrany Andrade da Cruz & Flávio Pereira Camargo	
Literatura negro-brasileira, vestibular e infâmia: uma educação antirracista passa pela representatividade da literatura negra	89
Taynara Cristina de Souza Silva & Liliam Cristina Marins	
SIMPÓSIO TEMÁTICO 16: QUILOMBOS E COVID-19: UM TURBILHÃO DE HISTÓRIA(S) E EXPERIÊNCIA(S)	90
Coordenação: Veridiana Barreto Nascimento, Andréa Cardoso e Cardoso & Samilly Valadres	

Trabalhos apresentados:

Incidência de casos de COVID-19 em comunidades quilombolas próximas Mineração Rio do Norte (MRN).....91

Beatriz Fernandes Farias

Povos quilombolas e o aspecto relacional entre território e pandemia91

Lohana Katrini Picanço Pereira & David Junior de Souza Silva

A importância da reflexão sobre a terminologia “desenvolvimento” social e econômico na comunidade remanescente quilombola de União dos Palmares-AL.92

Levy Felix Ribeiro

“Bumba meu boi não é só festa”: estratégias de enfrentamento da Covid-19 do Boi de Leonardo e o Boi da Floresta no Quilombo Urbano da Liberdade, em São Luís-MA.93

Claudia Regina Avelar Santos, Nadir Olga Cruz, Talyene Cruz Melônio & Wilmara Aparecida Silva Figueiredo

O que pode fazer uma antropóloga no enfrentamento da pandemia em comunidades quilombolas?94

Luciana Goncalves de Carvalho

SIMPÓSIO TEMÁTICO 17: CINEMAS COM MULHERES INDÍGENAS E NEGRAS94

Coordenação: Graciela Guarani, Sophia Pinheiro & Janaina Oliveira

Trabalhos apresentados:

Dez encontros com o racismo - curta metragem95

Cláudia Ferreira da Silva Almeida

“Cores e Botas”: culturas da infância e processos de identificação95

Priscila Souza de Oliveira

“Acervo ZUMVI - O levante da memória” sob a perspectiva de uma cineasta negra.....96

Izabel de Fátima Cruz Melo & Ialle Ramos Azevedo

Reflorestar mentes para curar a Terra96

Paulo Mac Dowell

Mossane e Atlantique: formas distintas de representar a mulheridade africana através do tempo.....96

Mariana Angelito Bessa de Souza

SIMPÓSIO TEMÁTICO 18: REPRESENTATIVIDADE PARLAMENTAR DE NEGROS E NEGRAS NO AMAZONAS97

Coordenação: Renildo Viana Azevedo, Vinícius Alves da Rosa & Rafaela Fonseca da Silva

Trabalhos apresentados:

Representatividade do ativismo negro.98

Christian Rocha da Costa

Resistência da mulher negra na cidade de Manaus na política institucional98

Michelle Barbosa Andrews

ENCONTRO COM CELSO LUIZ PRUDENTE.....99

Coordenação: Roberta Enir

LANÇAMENTO DA EXPOSIÇÃO: REMANDO NAS ÁGUAS DA ARTE E CULTURA NEGRAS NA AMAZÔNIA.....99

Coordenação: Alessandra Fonseca, Claudina Maximiano, Mara Marcelino, Marília Silva, Denis Pereira & Roberta Enir

SESSÕES DE CINEMA: "DE BUBUIA PELOS RIOS DA AMAZÔNIA"99

Filmes: *Utopia e 2013/2020*.....99

Com a presença de: Rodrigo Aquiles Santos

Coordenação: Alícia Miranda

Filmes: *Butterfly e Açaí*..... 100

Participação: Mc Super Shock e André Cantuária

Coordenação: Alícia Miranda

Filme: *Meus santos saúdam teus santos*..... 100

Participação: Rodrigo Antônio

Coordenação: Alícia Miranda

LANÇAMENTO DE LIVROS..... 100

Organização: João Maciel de Araújo & Laura Cristina Leal e Silva

Obras lançadas:

Mulheres na história africana em Mato Grosso 101

Autora: Cristina Soares

Violência contra LGBT: resistência e enfrentamento 101

Autor: Denis da Silva Pereira

Abolição à sombra do cativeiro: raça, classe, gênero e educação (Amazonas, Brasil, Séc. XIX)..... 103

Autor: Ygor Olinto Rocha Cavalcanti

Negritude, poderes e heroísmo: estudos sobre representações e imaginários nas histórias em quadrinhos..... 104

Autora: Fernanda Pereira da Silva

Portfólio: aprendendo a ensinar/ensinando/aprendendo com o povo Jarawara da aldeia Casa Nova..... 105

Autoras: Alessandra de Souza Fonseca (Manira) & Claudina Azevedo Maximiano (Neme Boniraha)

Negritudes e poesias 106

Organizador: Ronilson Lopes



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

PALESTRAS

Negro no Amazonas: uma história "mal" contada

Palestrante: Patrícia Maria Melo Sampaio. Professora Titular do Departamento de História da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

Mediadora: Tereza de Jesus dos Santos. Mestranda em Ensino Tecnológico no IFAM.

Resumo: A palestra aborda a manutenção da memória e da história de pessoas alvo de esquecimento e apagamento no processo do registro histórico, o que pode ser uma ferramenta no enfrentamento contra o racismo, a invisibilidade e o esquecimento dessas pessoas. Durante anos, a história da formação do estado do Amazonas negligenciava a participação do povo negro, por considerar que a quantidade de pessoas escravizadas, vindas para a província do Amazonas, era relativamente baixa; todavia, um número demográfico menor resulta na falta de participação na história ou diminui sua relevância? Os ícones históricos (fotografias, ilustrações e gráficos), desmistificam a falta de representação das pessoas pretas no Amazonas. Os dados demográficos da população, na província que veio a se tornar o Amazonas, demonstram a presença maciça de escravizados na área urbana, de que faixa do continente africano eram originários, sua condição jurídica, bem como a relação entre quantidade e condição jurídica das pessoas livres e escravizadas. Sobre as relações de trabalho, podem-se verificar os tipos de trabalho em que as mulheres negras eram empregadas: quitandeiras, lavadeiras e outros, na maioria serviços domésticos. Há, ainda, o apontamento dos registros das pessoas encarceradas e como as mulheres negras aparecem no registro policial. Para dar rostos à história, são apresentadas as figuras de Monteiro Lopes, Adelelmo Nascimento, Alcides Bahia, Bruno de Menezes, em que se sobressai o embranquecimento do Governador Eduardo Ribeiro, conforme vai ganhando relevância e destaque. Em toda a palestra se relembra que há um projeto de silenciamento de grupos sistemáticos, a exemplo dos indígenas e da máxima "índio bom é índio morto", exprimindo a ideia de que índio protetor de florestas na toada de boi-bumbá é bom, mas o índio contemporâneo, protestando sobre queimadas, é comunista. No Amazonas, os negros também fazem parte de um grupo sistemático, cujo apagamento ocorre com um processo de não valorização: não se



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

fala deles porque são considerados pouco importantes e, se não são importantes, não devem ser objeto de estudo, nem matéria na mídia, nem devem ter registro histórico. Retratar a história das mulheres negras é garantir a lembrança de pessoas que asseguraram a liberdade de seus filhos, que compraram suas liberdades e de seus descendentes. Por meio da luta antirracista, que perpassa por ações contra o esquecimento, pode-se garantir o direito ao conhecimento das origens; afinal, se não sabemos de onde viemos, não sabemos quem somos.

Racismo institucional e o acesso à educação no Brasil

Palestrante: Tatiane Cristina Ribeiro. Educadora popular. Coordenadora nacional da Rede Emancipa e estudante de jornalismo da UFRN

Mediadora: Clisivania Duarte

Resumo: A aplicação de cotas se tornou importante para os estudantes que têm dificuldades de acesso à educação superior, barreira que, infelizmente, acontece dentro da educação brasileira, exceto na rede particular. Com os cortes de verbas recentes, realizados pelo atual governo, as academias passam por grandes dificuldades, juntamente com o corpo discente; algumas precisam fazer cortes principalmente nos auxílios destinados aos acadêmicos que necessitam de ajuda para permanência nas universidades. No ano 2021, a Lei de Cotas completou dez anos de existência e resistência e as bancas de heteroidentificação dos que se declaram negros, pretos e pardos utilizam cinco fatores para identificá-los; em alguns momentos essa identificação é imparcial, perante a miscigenação existente no país. Alcançar a comunidade que possui o conhecimento comum, somar com o conhecimento científico e avançar esses estudos, tendo como fonte a cultura brasileira, seria mudar a aparência dos estudos etnocêntricos e mudar para as verdadeiras raízes brasileiras, saindo da fragmentação europeia e antiga, resquícios deixados por colonizadores que usurparam a originalidades da verdadeira cultura.

Educação antirracista: um imperativo para a construção de uma sociedade democrática

Palestrante: Luana Tolentino. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMG.

Mediadora: Glacy Ane Araújo de Souza dos Santos. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social-PPGAS/UFAM.



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

Resumo: O marco da Lei 10.639, que permitiu o ensino das relações étnico-raciais nas escolas, veio de encontro à Lei de Diretrizes e Bases, que já estava pré-estabelecida, com uma educação voltada a conteúdos brancos e eurocêntricos. No entanto, é importante reconhecer que ainda estamos longe do ideal; é preciso haver um comprometimento de todos. Mesmo após a aprovação da Lei, foi constatado que muitas instituições não estavam adotando os conteúdos necessários para que esse tipo de ensino fosse posto em prática; por exemplo, na maioria dos institutos federais. Por terem um caráter de formação voltada ao mercado de trabalho, muitos professores se limitavam e tentavam designar esse conteúdo sobre relações raciais a outras pessoas da área. Em uma entrevista, Muniz Sodré diz que, para superar o racismo, é necessária uma educação sensibilizadora, através do que é sensível. O racismo ainda está agregado em diversos meios de nossa sociedade e precisa ser combatido. Nos dias de hoje, não existe a possibilidade de repassar a responsabilidade de aprendizado sobre o que é racismo para o outro, pois a facilidade de acesso ao conhecimento está cada dia mais ampla. Apesar dos grandes avanços no combate ao racismo, ainda há um grande índice de pessoas pretas com dificuldades de acesso aos meios educacionais, com altos índices de reprovação e não conclusão do ensino médio. Para além do meio educacional, o racismo ainda paira em nossa sociedade por meio de diversos tipos de violências que pessoas negras enfrentam no dia a dia. Por fim, mesmo com as grandes tentativas de cumprir os objetivos de uma educação antirracista, o Brasil, atualmente, passa por um projeto de genocídio político de sua população preta, reafirmando a violência que é esse racismo institucional agregado na sociedade. Para que haja um combate eficaz ao racismo institucionalizado, é necessário o reconhecimento de tal violência e a busca para a ampliação de uma educação que vai combata e dê voz a pessoas negras de nossa sociedade.

Moçambique e Amazônia: onde nossas histórias se encontram?

Palestrante: Luís Jorge Manuel António

Mediadora: Rafaela Fonseca da Silva

Resumo: A palestra apresenta o povo Macua, que tem algumas de suas raízes fincadas no Brasil. A pesquisa busca entender se nosso país arraigou, de alguma



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

forma, na sua cultura, um pouco desses costumes e se soube ressignificá-los. Esse grupo étnico é originário da África, mais especificamente de Moçambique; segundo o senso comum, o povo Macua nasce em uma montanha e, a partir de um rio, perpetua suas gerações. Com o processo de tráfico humano imposto pela escravidão, muito provavelmente a genética do povo Macua corre no sangue de muitos brasileiros, visto que Portugal fora um dos principais responsáveis pelo transporte de escravos para nosso país. Na sua essência, esse povo tem uma origem matriarcal: suas perspectivas social, econômica, política e cultural são dirigidas, em maioria, por mulheres de força e responsabilidade, principalmente religiosa. Os Macua se distinguem das sociedades dominadas por uma cultura machista e patriarcal. Nesse contexto, abordamos três eixos importantes: o primeiro diz respeito à pobreza que, na cultura Macua, quase não existe, pois não está ligada à origem ocidental da palavra (em que o pobre seria aquele com pouco ou nenhum recurso financeiro). Para esse povo, pobre é a mulher que não reproduz, pois, se ela não concebe e não cuida de nenhum filho, nunca terá a capacidade de comandar; o segundo caracteriza as formas de iniciação: a partir de uma determinada fase de sua formação física e biológica, todo integrante precisa vivenciar ritos que servem para educar os jovens na higiene, comportamento, sexualidade e tratativa com as outras pessoas da comunidade. Uma consequência desses costumes são os casamentos prematuros, que geram fortes debates e põem frente a frente modernidade e tradição; por fim, temos a grande miscigenação pela qual os Macua passaram, o que influenciou a formação de novas línguas (até hoje faladas por eles) que fazem parte da cultura e construção social de cada um dos indivíduos pertencentes a esse grupo. A partir das interações com outros povos, surge o comércio e, após, a religião. Contudo, aos poucos a pacificidade foi sendo esquecida, resultando em conflitos de origem religiosa, social, armada e de interesse financeiro.



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

RODAS DE CONVERSA

Festas de terreiro - lideranças de religiões de matriz africana, mestres e mestras do axé

Coordenação: Roberta Enir Faria Neves de Lima (IFAM)

Participação: Pai Alberto Jorge, Ednaldo Palheta (Cabeça) & Babalorixá Marcos *Ti Osun*.

Resumo: Espaço para que lideranças religiosas exponham um pouco sobre a sua experiência religiosa, esclareçam sobre os rituais, celebrações e entidades, apontem diferenças e destaquem os valores que fazem parte da vivência dos seguidores das religiões de matriz africana.

SUS e a situação dos negros na pandemia

Coordenação: Juliene Pereira dos Santos

Participação: Hilton Pereira da Silva, Josealdo Furlan Martins & Juliana Fidelis

Resumo: Trazer a discussão/reflexão sobre a situação da política pública de saúde para os negros no Brasil e os impactos da pandemia sobre essa população, destacando-se a situação da saúde quilombola na Amazônia.

Mestre do mar abaixo

Coordenação: Isis Tatiane da Silva dos Santos

Participação: Fábio José do Espírito Santo Souza & Cleane Mayara da Costa Ramos

Resumo: A roda de conversa trata do mar abaixo, expressão que reúne referências culturais vivenciadas e atualizadas pelos amapaenses, fundamental para a construção e afirmação da identidade negra brasileira. A proposta da mesa foi divulgar a cultura negra do Amapá.



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

Conversa com artista Negro Lamar

Coordenação: Alvatir Carolino da Silva

Participação: Lamartine Silva

Resumo: Espaço para apresentação dos trabalhos do artista e os desafios e perspectivas para fazer arte no Amazonas, considerando o lugar do artista no contexto reflexivo sobre a questão étnico-racial.

Professores negros e suas vivências em instituições de ensino

Participação: Reginaldo Conceição da Silva (UEA) e Claudina A. Maximiano (IFAM).

Coordenação: João Carlos Nascimento da Silva (SEDUC)

Resumo: Espaço de fala para professores pretos, diálogos sobre as experiências de formação e suas vivências nos espaços acadêmicos. A importância do professor preto e a questão da representatividade.

Mulheres negras: representatividade e resistência

Mediadora: Juliene Pereira

Participação: Anacleta (Quilombo Santa Rosa dos Pretos/MA) & Elielma (Quilombo Moura, Rio Trombetas, município de Oriximiná)

Resumo: A mesa tem como objetivo promover o diálogo sobre identidade e gênero na construção das estratégias de resistência no âmbito das lutas político-organizativas. Considerando-se as vivências e trajetórias de quatro mulheres quilombolas, que assumem o papel de liderança em associações coletivas, busca-se refletir a construção da mulher quilombola a partir dos atos de resistência cotidiana, entrelaçando questões de identidade e gênero, em defesa de seus territórios, seus corpos e seus modos de vida específicos.



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

Enegrecendo a política: a ocupação dos espaços institucionais pelo povo preto

Mediador: Denis da Silva Pereira

Participação: Mayne Alves Goes, Francy Jr. & Joaquina Lino

Resumo: A proposta dessa roda é tecer um diálogo a partir das vivências de mulheres pretas no espaço político no contexto de seus estados e do Brasil, apresentar suas lutas e desafios para romper com as diversas barreiras, em especial o racismo estrutural presente nos diversos espaços sociais nos quais estão inseridas.

Conversa com artistas música afro e projeto LABERER (UFPE)

Coordenação: João Carlos Nascimento da Silva (SEDUC)

Participação: Emerson Raimundo do Nascimento

Resumo: Uma pouca de música e arte afrocentrada, a partir da experiência do Projeto Laberer, cujo objetivo é proporcionar intervenções musicais (nas redes sociais durante o período de isolamento social) a partir do diálogo sobre a musicalidade, práticas e perspectivas afrocentradas que centralizam as pessoas negras.

Empreendedorismo negro no Brasil

Participantes: Fernanda Ferreira da Costa Gonçalves, Bruno Vasconcelos, Ivanilda Frasão Tolentino

Mediador: Rangel Miranda (SEBRAE).

Resumo: A proposta da roda é criar um espaço reflexivo sobre Estado e a economia, forma de produção, diagnóstico de mercado, o lugar do negro/a (coletivo) na dinâmica do mercado nacional e internacional.



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

OFICINAS

"O amanhã ancestral": imaginando outros futuros com base em nosso passado

Ministrante: Gabriel Verçoza.

Resumo: O processo colonizador tem por mecanismo sequestrar não só nossos corpos, mas também nosso imaginário. Como parte do método, a ficção científica branca nos ensina a pensar os futuros como alternativas infernais e catástrofes inevitáveis. A oficina propõe uma reflexão sobre como podemos usar nossa negritude para nos apropriar das ciências e tecnologias, utilizando-as em outras áreas e para outros fins, produzindo novas alternativas. Partindo da discussão da riqueza cultural e científica de África e de princípios da estrutura narrativa, as/os participantes serão convidadas/os a imaginar alternativas de futuro e contá-las através dos meios pelos quais se sentirem mais confortáveis. A branquitude insiste em nos negar o presente e se esforça para apagar nosso passado. A oficina busca resgatar ambos e usá-los para, coletivamente, imaginarmos novos futuros.

Plantas que protegem e curam

Ministrante: Dona Lourdes (Liderança quilombola)

Resumo: Durante a oficina será feita a apresentação de diversas plantas utilizadas no Quilombo do Andirá, pelos conhecedores, para a cura de diversas doenças. Serão apresentadas as plantas cultivadas para a proteção das pessoas e suas casas. A oficina está fundamentada nos conhecimentos tradicionais dos quilombolas do Rio Andirá.

Quem canta conta: as vozes do corpo e do coração

Ministrante: Dra. Beija Flor (Carla Roeher) e Palhaça Fogueta (Atylana Fernandes).

Resumo: Nossa premissa de voo é comunicação, nossa voz, nosso corpo, gestos, sons, olhares, expressões que se manifestam todo o tempo. revelando o desejo de comunicar-se. Cantar pode nos dar asas quando libertamos a vozes contidas no corpo e no coração. Cantando contamos memórias, histórias, sentimentos, segredos, visitamos o sagrado e o desajuste, o choro e o riso, alçamos altos e longos voos.



Negritude e Prática na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

A oficina pretende apresentar a arte do cantar como um caminho de liberdade. A ideia é que nesses três encontros possamos experimentar, através da escuta, observação, percepção do corpo e potência da voz, uma nova forma de recontar, cantando nossas histórias.

Oficina da cura

Ministrante: Dona Lourdes (Quilombo Andirá)

Resumo: A oficina será construída a partir da orientação de dona Sebastiana, quilombola do Andirá, anciã com longa experiência na prática da cura. Ao longo da oficina serão demonstradas técnicas e procedimentos utilizados no tratamento de espinhela caída, quebranto, mal olhado, dentre outras, além de orientações para o acompanhamento de mulheres grávidas.

Memória afetiva e identidade negra nas bonecas Abayomi

Ministrante: Darlan Galvão de Sousa Lira.

Resumo: A construção histórica da população negra no Brasil passa por diversas violências para além do processo de escravização. Epistemicídio e silenciamento são formas de violência típicas na construção de uma estrutura social racista. Como sintoma, mesmo de maioria negra, o Brasil cultiva, hegemonicamente, narrativas brancas em seu arcabouço histórico. Como luta, a reafirmação e ressignificação da participação da população negra na formação do Brasil se faz presente. Desse modo, o conceito de “Escrevivência”, cunhado por Conceição Evaristo, nos leva à possibilidade de enriquecimento e valorização da epistemologia e narrativas negras no empoderamento da nossa identidade. Nesse contexto, apresentamos as Bonecas Abayomi e a questão: como podemos dar significado e ressignificar nossas histórias?

Elementos dos orixás como criação cênica

Ministrante: Vítor Rocha.

Resumo: A oficina visa compartilhar saberes produzidos no campo da Performance e do Teatro Ritual desenvolvidos em pesquisas afrocentradas. A formação propõe os elementos da natureza e os arquétipos dos Orixás como ferramentas possíveis para a criação cênica sensível e prática. Para oficina, será necessário que o/a participante



Negritude e Prática na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

tenha em mãos os seguintes materiais: recipiente com água; recipiente com terra (vaso de planta); isqueiro ou vela.

Empreendedorismo afro: da ideia ao resultado

Ministrante: Olinda Marinho (Innatus hub)

Mediador: Luiz Carlos Ferreira (IFAM)

Resumo: Busca possibilitar aos empreendedores o entendimento das técnicas e metodologias para criação de um negócio a partir da ideação.



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS

SIMPÓSIO TEMÁTICO 03: OS DESAFIOS DE UMA EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Coordenação: Silvano Fidelis de Lira, Patrícia Cristina de Aragão Araújo

Resumo: Este Simpósio enfoca: a Lei 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileiras e africanas nas escolas públicas e privadas do ensino fundamental e médio; o Parecer CNE/CP 03/2004, que aprovou as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras e Africanas; a Resolução CNE/CP 01/2004, que detalha os direitos e as obrigações dos entes federados ante a implementação da Lei, compondo um conjunto de dispositivos legais considerados como indutores de uma política educacional voltada para a afirmação da diversidade cultural e da concretização de uma educação das relações étnico-raciais nas escolas, desencadeada a partir dos anos 2000. Em 2009, foi aprovado o Plano Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2009). Com base nessa fundamentação legal e em experiências gestadas no ensino público, este Simpósio busca reunir trabalhos e criar um espaço de discussão sobre os desafios de se criar uma educação para as relações étnico raciais no Brasil. Diante de um cenário político em que se ampliam preconceitos e intolerâncias, discutir tal temática é cada vez mais necessário.

TRABALHOS APRESENTADOS

Trajetórias da formação para o trabalho de estudantes negras de cursos técnicos subsequentes do instituto federal de Brasília

Joyce Cristine da Silva Carvalho & Jaqueline Coêlho Santana

Este trabalho objetiva estudar o percurso formativo de estudantes negras dos cursos técnicos subsequentes de Secretariado e de Secretaria Escolar oferecidos pelo



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

Instituto Federal de Brasília - campus São Sebastião, considerando o contexto da educação profissional brasileira, a formação para o trabalho e as percepções das participantes da pesquisa. Para alcançar os objetivos propostos, recorreremos à realização de pesquisa qualitativa mediante coletas de relatos, que, diante do contexto da pandemia de Covid-19, foi realizada por meio de formulários digitais respondidos por alunas e egressas do campus. A partir do feminismo decolonial, analisamos a apropriação do saber articulado ao mundo do trabalho como essência para emancipação e ascensão de mulheres negras, a compreensão da educação profissional tecnológica enquanto luta pela continuidade nos estudos, a exigência do rompimento de segregações enquanto competência político-pedagógica da escola e, ainda, destacamos o conjunto de variáveis que perpassam a relação trabalho-educação, atentas às interseccionalidades de opressões que atingem de maneiras desiguais as mulheres em formação acadêmica, a partir do percurso formativo e da percepção das estudantes sobre a sua própria formação.

Os desafios de uma educação para as relações étnico raciais: um estudo a partir da implantação da Lei 10.639

Silvano Fidelis de Lira & Patrícia Cristina de Aragão Araújo

Pretendemos, neste texto, a partir de uma análise da realidade educacional no Brasil, pensar e problematizar a implementação da Lei 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro brasileiras e africanas nas escolas públicas e privadas do ensino fundamental e médio; o Parecer do CNE/CP 03/2004, que aprovou as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras e Africanas; e a Resolução CNE/CP 01/2004, que detalha os direitos e as obrigações dos entes federados ante a implementação da lei, compondo um conjunto de dispositivos legais considerados como indutores de uma política educacional voltada para a afirmação da diversidade cultural e da concretização de uma educação das relações étnico-raciais nas escolas, desencadeada a partir dos anos 2000. Nesse mesmo contexto, foi aprovado, em 2009, o Plano Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2009). É com base nesta fundamentação legal e em



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

experiências gestadas no ensino público, sobretudo, que pretendemos estabelecer uma reflexão que venha a contribuir com a educação brasileira.

Pedagogia antirracista, epistemicídio e literatura negrobrasileira

Valmir Luís Saldanha da Silva & Simone Gabriela Rodrigues Benedito

O presente trabalho pretende apresentar os resultados finais da pesquisa de iniciação científica *Pedagogia antirracista, epistemicídio e literatura negrobrasileira*. Nele, desenvolvemos uma análise da coletânea poética *Querem nos calar: poemas para sem lidos em voz alta*, organizado por Mel Duarte (2019), a fim de pensar o ponto de vista feminino na literatura negrobrasileira e contribuir para o desenvolvimento de estratégias de pedagogia antirracista e de luta contra o epistemicídio, dentro de um ponto de vista decolonial (SOUSA SANTOS, 2018). Após analisar a relação entre os *griots* da África e a poesia falada de que essa coletânea é tributária, concluímos demonstrando a força da palavra corporificada e da ressignificação das estruturas ideologicamente comprometidas com o viés masculino, apontando para a potência da lírica apresentada nessa coletânea e para a importância de obras como essa para superar o epistemicídio abordado por Sueli Carneiro (2005), contribuir com a ampliação da visibilidade desse “lugar” de radicalização marginal submetido às mulheres e contra o qual elas são obrigadas, constantemente, a se rebelar e discutir o racismo na escola de que fala Kabengele Munanga (2005).

Formação continuada de professoras/es e aplicação da Lei 10. 639

Maria Hyannes Silva de Souza & Kelly Almeida de Oliveira

Este artigo tematiza as formas de abordagem e implementação da Lei nº 10.6039/03 na formação continuada de professoras/es que atuam nas escolas de Educação Básica de Codó/MA. Com o objetivo de compreender as percepções de professoras/es sobre as formas de abordagem e implementação da Lei nº 10.6039/03 em sua formação, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa cujo enfoque teórico-metodológico tem acento na fenomenologia de Merleau-Ponty. Os estudos de Cavalleiro (2005), Gomes (2006) e Munanga (2015) orientaram as análises dos dados obtidos mediante um questionário virtual direcionado a sete docentes que atuam na rede pública municipal de Codó. Dentre os resultados, destacamos que os docentes colaboradores já vivenciaram situações de racismo nos contextos familiar, escolar e



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

profissional e que não sabem o que fazer diante dessas situações, ficando, na maioria das vezes, em silêncio. Concluímos que é urgente oferecer aos docentes da rede cursos e programas de formação continuada que promovam uma educação antirracista.

As influências africanas no âmbito escolar: resistência e valorização da cultura negra na Educação de Jovens e Adultos

Thaila Bastos da Fonseca

O presente trabalho apresenta as influências africanas no contexto escolar, como tentativa de resistência, valorização e contribuição para a formação da identidade cultural dos estudantes da EJA, tendo em vista que somos frutos de uma miscigenação, e essas influências são latentes, mas ainda pouco valorizadas na escola. A escassez de material específico para estudo e aplicação da literatura e cultura africanas no âmbito escolar é evidente; desse modo, não há valorização e reconhecimento efetivos no contexto escolar. Nesse sentido, desmistificar concepções etnocêntricas enraizadas pelos nossos colonizadores é uma tentativa de resistência que contribui para a consciência da construção de nossa identidade. Dessa forma, objetivamos desenvolver e aplicar estratégias diversificadas no contexto escolar, como subsídio pedagógico aos professores e, acima de tudo, evidenciar e ressignificar os conhecimentos das heranças africanas na escola, de acordo com a Lei nº 11.645 de 2008. Para consistência teórica foram selecionados Munanga (1988); Todorov (2010); Oliveira (2008); Memmi (1960) e a Lei 11645/08. O trabalho apresentou resultados significativos, tendo em vista que os estudantes aprenderam mais profundamente acerca das nossas heranças culturais e desconstruíram atitudes preconceituosas enraizadas através da ação colonial.

A afroperspectiva dos povos Bantu no ensino de Filosofia: transversalidades decoloniais no chão da escola

Wudson Guilherme de Oliveira

Este trabalho pretende apresentar as dinâmicas amparadas na implementação da Lei Federal nº 10.639 de 2003, que altera Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), através do artigo 26-A, avançando e conquistando resultados reivindicados pelos movimentos negros, tornando obrigatória a inclusão de temáticas da História da África



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

e Cultura Afro-brasileira, bem como da Lei Federal 11.645 de 2008, que determina também o ensino das Culturas dos Povos Indígenas; ambas se apresentam como mecanismo possíveis para propor mudanças estruturais no sistema educacional brasileiro, em todos os currículos escolares da educação básica. Assim, com base na lei, o objetivo deste trabalho é apresentar reflexões da filosofia africana acerca da ancestralidade, da história, cultura e língua dos Povos Bantu e a necessidade de implementação dessas leis, bem como do compromisso para que se consolide sua efetivação no ensino de Filosofia. Para o sucesso desta proposta, trabalhamos os valores morais e norteadores da ética e as questões ligadas ao respeito com uma turma do 1º Ano do Ensino Médio, composta por jovens negros(as), pardos(as) e brancos(as), em uma instituição privada de educação na cidade do Rio de Janeiro, onde evidenciamos uma pedagogia antirracista e decolonial a partir das pesquisas de filósofos(as) afro-americanos(as), africanos(as) e afro-brasileiros(as), que produziram pensamentos filosóficos amparados na afroperspectiva. A metodologia utilizada foi gerada a partir de oficinas, rodas de diálogos, exposições de livros de literaturas africanas, indígenas e afro-brasileiros, apresentações sensibilizadoras de vídeos, textos e *slides* afrocentrados, que serviram de subsídio para propor as discussões na luta contra o racismo. De modo democrático, os(as) alunos(as) se organizaram em grupos para descolonizar os olhares eurocêntricos, racistas, xenofóbicos, machistas, homofóbicos entre outros, em relação aos direitos humanos e à disseminação do respeito ao próximo. Como resultado, surgiram pesquisas a partir de rodas de debates, em que os educandos entenderam problemas sobre violações dos direitos humanos, entre outras questões, em especial o racismo e os olhares estereotipados aos grupos afrodescendentes. Graças a essas dinâmicas, foi possível aumentar a estima de alunos(as) negros(as), proporcionar outros a reconhecerem sua ancestralidade negra, ouvir a legitimidade de discente. Consideramos de suma importância descolonizar os pensamentos baseados em moldes eurocêntricos, para que possamos revisar as correntes hegemônicas presentes em nossa sociedade, em especial nos currículos utilizados no chão da escola, que se articulam na disciplina de Filosofia. Nesse sentido, este artigo levanta uma discussão acerca de uma educação étnico-racial, combatendo as reversões dos preconceitos, das discriminações nos espaços educacionais, traçando e construindo estratégias sólidas para a contribuição da valorização e a construção das identidades negras em prol da redução do racismo.



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

SIMPÓSIO TEMÁTICO 04: OS IMPACTOS DO EPISTEMICÍDIO - CULTURA E CONHECIMENTO NA DIÁSPORA AFRICANA

Coordenação: Jéssica Cristina Álvaro de Oliveira e Giovane do Nascimento

Resumo: Este simpósio temático tem por objetivo reunir pesquisadores/as e/ou ativistas para discutir e refletir acerca das formas de conhecimento produzidas no contexto da diáspora africana, em especial no Brasil. O epistemicídio se constituiu como instrumento de dominação racial e étnico que possibilitou processos de destituição da racionalidade, da cultura e civilização do “outro”, à medida que nega o conhecimento produzido por grupos racializados como inferiores (CARNEIRO, 2005, p. 96). Assim, o saber ético e cosmológico de africanos e africanas experimentou e experimenta o silêncio imposto pela linguagem hegemônica (SODRÉ, 2018). As organizações de movimentos negros e o advento das ações afirmativas intensificam a elaboração, o acesso e a tradução de teorias que difundem múltiplas formas de conhecimento produzidas por pessoas que ocupam “o lixo das sociedades”, como afirma Gonzalez (1984), conhecimentos estes expressos por diversas formas de linguagem, cuja estética e a política são indissociáveis. Assim, serão aceitas pesquisas concluídas ou em andamento que apresentem críticas e/ou alternativas ao modelo de educação que se pretende hegemônico, a partir de um conhecimento desde África, ou situado nas diversas instituições afrodiaspóricas, tais como: religiões de matriz africana e as expressões culturais de origem negra, como por exemplo diferentes sotaques de samba, o jongo, a capoeira, o boi, o carimbó, o frevo, a folia de reis, o maracatu, dentre outras.

TRABALHOS APRESENTADOS

Humanismo-iluminista e colonialismo na lente de Baron de Vastey no início do século XIX

Frantz Rousseau Deus

Apresentamos, neste artigo, alguns aspectos das obras de um dos escritores haitianos do início do século XIX, Baron de Vastey (1781-1820). Esse escritor, como Boisrond Tonnerre (1776-1806), faz parte dos primeiros haitianos que tinham manifestado uma posição “radical” contra o sistema colonial escravista. De Vastey, através de seus



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

escritos, procura defender a revolução haitiana, a raça negra, a África, combater o colonialismo e (des)(re)construir o humanismo iluminista. Ao nos debruçar sobre os escritos desse autor, evidenciamos como a crítica colonial escravista vasteyana está intimamente ligada não somente à desconstrução do humanismo-iluminista, mas também a uma reflexão sobre o papel do poder na produção de narrativas históricas. Tal dimensão está presente nos seus livros: *Système Colonial Dévoilé* (1814); *Réflexions sur une lettre de Mazères* (1816) – duas obras que analisamos. Mais do que isso, ao olhar as críticas vasteyana, estamos convencidos de que os *Black Studies* estadunidenses e seus concorrentes britânicos, os *Postcolonial Studies*, ficariam mais enriquecidos se estivessem dispostos a ir além, acertando as contas com a tradução intelectual haitiana pré-negritude, particularmente com De Vastey. Finalizamos o artigo apontando que o silenciamento e/ou a marginalização dos escritos de autores anticoloniais e antiescravistas é condição de possibilidade pelo triunfo das teorias racistas, que legitimaram a dominação colonial-escravista e continuam legitimando o neocolonialismo.

Interseccionalidade invisibilizante em Beatriz Nascimento

Fabiana Santos Souza

De acordo com Carneiro (2015), "uma das heranças da escravidão foi o racismo científico do século XIX", que reverbera nos corpos negros, independentemente do espaço e do tempo. Importante salientar que a construção de estereótipos acerca dos sujeitos negros contribui com a invisibilidade de importantíssimos pesquisadores e pesquisadoras negras, que colaboraram intensamente para o entendimento da formação do Brasil. Pensando nesses lugares sociais pré-definidos, este trabalho visa valorizar a historiadora Beatriz Nascimento, que dedicou sua vida aos estudos acerca dos quilombos brasileiros e dos movimentos sociais. Em alusão ao seu livro mais recentemente publicado, *in memoriam*, ressaltamos que essa "história feita por mãos negras" deve ser contada. Suas contribuições ultrapassam a sala de aula e atuam, inclusive, por meio das mídias audiovisuais, com o documentário *Orí*. A metodologia interpretativa se pauta na construção da mulher negra a partir da teorização de Gonzalez (2020) e Kilomba (2018), bem como no conceito de racismo epistêmico, elaborado por Carneiro (2014). Mediante esses apontamentos, objetiva-se observar a interlocução entre história, racismo epistêmico e interseccionalidade de raça e gênero.



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

A saia como espaço-tempo formativo: docência em teatro e relações étnico-raciais

Alissan Maria da Silva

A saia rodada é elemento marcante na caracterização de participantes em várias performances da tradição afro-brasileira. Embora existam especificidades em materiais, adornos, tamanhos, diâmetros, moldes, costuras e outros elementos, é perceptível que há em comum a estrutura circular, a relevância de sua presença, sobretudo via corpo feminino, em seus respectivos espaços tradicionais, sejam eles religiosos ou seculares. A circularidade é valor fundante das sociedades negro-africanas e está também expressa esteticamente na complexidade das performances do corpo em diáspora - em seus movimentos, rítmicas, deslocamentos, organizações espaciais, bem como pode ser considerada na relação com elementos que, integrados ao corpo, estendem a relação espiralar no espaço-tempo da tradição. Nesse sentido, considera-se que há uma conexão entre a forma circular da saia e o feminino na cosmovisão que, em diáspora, soube se restaurar também no corpo da mulher que preenche a saia e a faz mover, como que propagando ondas pelo espaço. Dessa maneira, nesta comunicação, pretende-se compartilhar considerações acerca de desdobramentos do estudo de doutoramento *Saias de Axé* (PPGAC-UNIRIO/2020) na seara da experimentação artística e formação docente em Teatro, desenvolvidas como experiências de ensino, pesquisa e extensão no Instituto Federal Fluminense-Campos Centro, sob a identidade Laboratório de Estudos sobre Performances, Teatro-Educação e Relações Étnico-raciais.

Práticas decoloniais e diversidade musical do norte fluminense: o Boi Pintadinho, a Mana-Chica do Caboio e o Fado de Quissamã

Fernanda Morales dos S Rios, Priscila Gonçalves de Azevedo,
Wilson dos Santos Souza & Giovane do Nascimento

A riqueza da diversidade musical presente nas muitas músicas da música, constituem-se como formas de representações simbólicas do mundo, que nos permitem conhecer melhor a nós mesmos e ao outro. Porém, o projeto de modernidade contribuiu significativamente para exclusões e silenciamentos de muitas culturas, suscitando a privação de outras formas e possibilidades de pensar e de existir. No transcorrer desta trajetória - marcada pela imposição de modelos hegemônicos que valorizam e



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

privilegiam a “arte culta” do homem branco-europeu – destacamos, neste trabalho, as exclusões e mortes simbólicas que relegaram práticas musicais outras à subalternidade, sendo tidas como primitivas, inferiores e destituídas de valor estético, simbólico e social. Dentre tais práticas musicais desempenhadas por grupos tidos como subalternos, destacamos duas expressões culturais do norte do estado do Rio de Janeiro: a Mana-Chica, o Boi Pintadinho e o Fado de Quissamã. As atividades musicais inseridas nessas manifestações se apresentam como práticas musicais negras da diáspora africana, frutos de processos de resistências e de afirmação de identidades. Dito isto, este trabalho tem como principal objetivo refletir sobre os epistemicídios musicais perpetuados a partir de traços de colonialidade nos saberes e nas práticas musicais culturais brasileiras, destacando a música da Mana-Chica, do Boi Pintadinho e do Fado de Quissamã como formas de resistência e de enfrentamento aos padrões musicais eurocentrados. Com relação à metodologia utilizada, este trabalho, de natureza qualitativa, tem como base a pesquisa bibliográfica, com ênfase na área da etnomusicologia, buscando compreender os conceitos de colonialidade, música na diáspora africana e epistemicídios musicais. Espera-se que este trabalho possa fomentar a discussão acerca do preconceito, apagamento e silenciamento de expressões culturais contra-hegemônicas, além de contribuir para a disseminação e valorização dessas práticas musicais, que retratam e refletem a rica diversidade musical brasileira.

O Jongo e a escola: impactos das culturas afro-brasileiras na formação

Michele Pereira da Silva

Este relato tem a intenção de apresentar minha experiência enquanto professora de Teatro pelo programa *Mais Educação*, na Escola Estadual Joaquim Atayde, localizada na comunidade da Tapera, em Campos dos Goytacazes-RJ, onde então lecionava para o ensino fundamental II e no programa de correção de fluxo da escola, com estudantes de 11 a 18 anos. Cumprindo as demandas da Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana nas escolas, a metodologia de elaboração das aulas observava as movimentações e os batuques do Jongo - dança de origem africana introduzida no Brasil pelas(os) negras(os) trazidas(os) de Angola (PENHA, 2010, pg. 15) - com as movimentações e sonoridades do Funk - gênero musical que teve origem nas favelas - com o objetivo de criar



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

partituras de movimentos e sons próprios, de modo a relacionar o universo conhecido e desconhecido das(os) participantes sobre as culturas afro-brasileiras.

Diáspora, misoginia e musicalidade em Chiquinha Gonzaga

Andréa Hammini Pires da Silva Avila Franquetto

Este artigo traz a trajetória da primeira mulher regente de uma orquestra no Brasil, Chiquinha Gonzaga (1847-1935), com o objetivo de analisar os impactos do epistemicídio nas obras da compositora e pianista, assim como suas influências na produção cultural brasileira no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. As principais fontes bibliográficas utilizadas foram: o livro *Chiquinha Gonzaga - uma história de vida*, de Edinha Diniz, algumas composições da maestrina, juntamente com elementos socioculturais que circundam seu universo de inspiração artística. Nas composições de Chiquinha, observa-se a diáspora apresentada na mistura de ritmos, com influências europeias e africanas, como expressão da liberdade da mulher mestiça no século XIX. Dessa maneira, sua música induz a desvelar a opressão da classe feminina e artística de um século opressor, com veias pulsantes de uma misoginia que transpassa o fórum da musicalidade. Com isso, o Brasil ganha uma identidade musical.

SIMPÓSIO TEMÁTICO 05: IDENTIDADE NEGRA E POLÍTICAS AFIRMATIVAS NO ENSINO SUPERIOR

Coordenadores/as: Anna Beatriz Passos da Silva Carlos, Bruno de Oliveira Ribeiro & Miriam Carvalho da Silva

Resumo: As políticas de ações afirmativas raciais de acesso e permanência de estudantes negros no ensino superior estão a reconfigurar o caráter institucional, pedagógico e epistêmico das universidades brasileiras; sua característica histórica de reprodutora de desigualdades sociais passa, agora, por um processo de mudança e de avaliação da principal lei de acesso às Instituições Públicas de Ensino Superior (IPES) no Brasil, a Lei 12.711/2012, previsto para o ano de 2022. A identidade negra



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

tanto se encontra nas reflexões que originam o debate sobre as ações afirmativas, quanto sofre alguns efeitos dessas políticas. Pesquisas sobre heteroidentificação fenotípica, coletivos de acadêmicos negros, comissões de verificação das universidades e as ressignificações das categorias de pertencimento racial são algumas das temáticas que exemplificam a relação entre identidade negra, ensino superior e as ações afirmativas.

TRABALHOS APRESENTADOS

A identidade negra e o ensino superior na universidade FMA, a partir da licenciatura em estudos africanos e afro-brasileiros

Elisandra Cantanhede Ribeiro

O objetivo deste trabalho é analisar a contribuição da Licenciatura Interdisciplinar em Estudos Africanos e Afro-brasileiros (LIESAFRO), da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), para o diálogo acerca da identidade negra no ensino superior e sua trajetória dentro da universidade. A LIESAFRO teve sua primeira turma em 2015, como uma ação afirmativa, a partir das diretrizes da implementação da Lei 10.639/2003, com o objetivo de contribuir para a formação de professores(as) que dialoguem com a história e as culturas afro-brasileira e africana, nos diferentes espaços, ultrapassando os muros da academia e/ou das salas de aulas; além disso, visa contribuir para uma educação antirracista e emancipatória, que favoreça a desconstrução de estereótipos do negro na história, sobretudo no Brasil. A Lei serviu de base para implementação da licenciatura, que tem na sua matriz curricular uma bibliografia que possa, de fato, abordar as diferentes contribuições do negro nos diferentes espaços e problematizar o negro na historiografia brasileira e mundial.

Comissão de heteroidentificação: mecanismo necessário em processos seletivos

Fabiana Santos Souza & Josileide Veras de Sousa

A partir da autonomia dada às universidades para criar e implantar métodos de identificação dos beneficiários das cotas, trazemos, neste artigo, um relatório de acompanhamento das ações da Comissão de Heteroidentificação atuante na Universidade Federal de Goiás (UFG), especificamente no processo de matrículas da graduação nos anos de 2020 e 2021. O cerne desta pesquisa está no



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

desenvolvimento e verificação da efetiva aplicação de ações afirmativas, necessariamente da Lei 12.711/2012, que garante reserva de vagas a negros (pretos e pardos, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE), indígenas e quilombolas. Como pesquisadora do Observatório de Ações Afirmativas, também são trazidos aspectos de sistematização do rito procedimental, bem como observações da aplicação de metodologias de análise fenotípica. Por fim, a discussão entre experiência em campo, somadas à teoria. A metodologia interpretativa se pauta nos estudos sobre inclusão e equidade na educação brasileira, feitos por Nilma Lino Gomes (2020), na teorização de racismo estrutural escrita por Silvio Almeida (2019) e nos estudos sobre a história e debates acerca de ações afirmativas feitos por Sabrina Moehlecke (2002). Mediante esses apontamentos, pretendemos discutir, dialogicamente, sobre identidade negra e Comissão de Heteroidentificação na universidade pública.

A mediação cultural no atendimento psicossocial aos imigrantes e refugiados na perspectiva das trabalhadoras de um Centro de Referência de Assistência Social

Clefaude Estimable

Este artigo teve como objetivo principal compreender os sentidos atribuídos por profissionais de psicologia e serviço social de um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) à mediação cultural no município de Florianópolis. Foi utilizada a entrevista semiestruturada como procedimento de coleta de dados. A análise dos dados se deu pela perspectiva da análise de práticas discursivas, compreendida, conforme Spink (2013), como uma prática social dialógica e que implica a linguagem em uso. Como principais resultados, observou-se que a mediação cultural tem um papel importante para as trabalhadoras do CRAS, auxiliando nas questões que envolvem línguas, costumes e crenças no atendimento aos imigrantes e refugiados. Além disso, os resultados indicam que a mediação cultural é extremamente necessária para facilitar a comunicação e a interação no trabalho com os usuários imigrantes e refugiados, bem como a integração, haja vista que as principais dificuldades encontradas são a língua, cultura e as questões burocráticas. Dessa forma, a mediação cultural e a clínica intercultural podem se apresentar como possíveis soluções, através de uma escuta qualificada, para melhor conhecer e acolher essas pessoas.



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

SIMPÓSIO TEMÁTICO 06: POTÊNCIAS CRÍTICO-POLÍTICAS DA INTERSECCIONALIDADE

Coordenadores/as: Marjorie Nogueira Chaves & Raquel Suely Cardoso da Conceição

Resumo: No Brasil, o avanço da institucionalização dos estudos feministas e de gênero e a constituição de grupos e núcleos de pesquisa sobre mulheres têm significado não apenas a ampliação da produção de saberes, como também discutido o caráter androcêntrico do conhecimento científico. Embora a produção teórica feminista tenha arguido as teorias dominantes e a insuficiente representatividade das mulheres nos modelos explicativos das ciências sociais, ao mesmo tempo tem negligenciado outras experiências e trajetórias de vida, como as de mulheres negras na diáspora. A incorporação das discussões sobre raça nos estudos sobre mulheres ainda encontra forte resistência, não consistindo em uma prioridade para o campo. Concomitantemente, o uso da interseccionalidade como ferramenta teórico-metodológica tem auferido espaço na prática e na produção acadêmica do feminismo hegemônico. Pode-se dizer que a interseccionalidade, como conceito pensado e utilizado por mulheres negras em suas análises que articulam gênero, raça, classe e outros marcadores sociais, tem sido esvaziada de sentido e neutralizada em seu potencial crítico, principalmente no que diz respeito a uma mudança orientada para a justiça social. O objetivo deste Simpósio Temático é acolher propostas e estimular discussões que reflitam acerca dos alcances e dos limites da interseccionalidade, enquanto ponto de virada crítica, considerando, contudo, sua importância política na produção de conhecimento de teóricas e ativistas feministas negras.

TRABALHOS APRESENTADOS

Unicórnios negros: a experiência emigratória de afro-brasileiros - uma análise teórica da emigração brasileira sob o viés racial

Ísis Higino

O objetivo deste estudo é a compreensão crítica das lógicas raciais presentes nos processos migratórios brasileiros, especificamente para os emigrantes afro-brasileiros. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com seis deles, morando



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

em diferentes países: Irlanda, Canadá, Alemanha, Estados Unidos, Bulgária e Rússia. Resulta-se que as lógicas excludentes do Brasil acompanham as relações entre brasileiros brancos e negros, mesmo quando no exterior, existindo diferenças na forma como cada grupo racial experimenta a integração social e interferindo diretamente na permanência em outro país. Esses fatores se relacionam também com raça, gênero, sexualidade, idade, classe social e capacidade física de forma interseccional (BILGE; COLLINS, 2021). Mesmo que a maioria dos brasileiros negros não associe sua saída do país com racismo, suas trajetórias são retrato de uma histórica falta de opções, em território nacional, que não sejam atreladas às limitações impostas pelo mesmo – tornando o processo de deslocamento, a depender de para qual país, em uma forma de escapar da estrutura racista que fundamenta o território brasileiro. Embora passem por racismo também no exterior, a maioria dos entrevistados relata que, dependendo do país, é melhor ser negro fora do Brasil, devido a maior segurança, qualidade de vida, possibilidade de mobilidade social e reconhecimento intelectual. Isso leva a uma considerável melhoria em suas vidas, sentindo-se menos limitados e restritos por sua raça.

Sobre habitar um não-lugar: masculinidades negras e as limitações da hegemonização do feminismo

Rafael Duarte Oliveira

A popularização do termo “feminismo interseccional” marca uma dissidência entre a potencialidade e a eloquência do feminismo negro enquanto prática política ativa e uma ramificação contemporânea de ideais difusos, compilados sob uma terminologia aparentemente inclusiva. As diferenças inerentes entre as duas abordagens, nomeadamente a historicamente negra e a branca, marcam uma movimentação histórica e epistemológica, em que se abstrai a interseccionalidade em nome de uma suposta unidade categórica feminina. Dentro desse contexto, propomos uma exploração da masculinidade negra como estudo de caso de particular interesse enquanto ponto de partida para uma reflexão crítica sobre os limites do feminismo contemporâneo e a importância da construção de perspectivas de gênero que não se fundamentam em um feminismo branco e ocidental. Enquanto não-lugar, que não pertence ao feminismo e não se enquadra no patriarcado, a masculinidade negra exemplifica as limitações de propostas teóricas que incorporam a criação de um Outro



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

e a universalidade identitária como fundamentos basilares. Apesar de aparentemente contraproducente, por meio desta, demonstrar-se-á a importância da compreensão e complexificação das masculinidades, não apenas enquanto exercício intelectual, como também como pilar necessário para a construção de uma práxis contemporânea verdadeiramente interseccional, capaz de incorporar nuances subjetivas e materiais sem tipificações dicotômicas.

O Quarto de despejo de Carolina: desafios do direito à cidade na perspectiva interseccional

Cíntia Mariane Nolaço de Oliveira & Marjorie Nogueira Chaves

As vivências das mulheres não podem ser homogeneizadas no que se refere à ocupação das cidades, pois as clivagens de raça e de classe delimitam historicamente as experiências das mulheres no espaço público. A compreensão das bases estruturais que constroem as vivências não são as mesmas: as mulheres negras sempre circularam nas ruas, enquanto as mulheres brancas eram “protegidas” e “resguardadas” nas casas. As negras “vendedoras” ou de ganho” comercializavam alimentos, prestavam diversos tipos de serviços e se prostituíam; assim, compravam sua alforria e as dos seus próximos com o excedente do trabalho realizado. No processo de industrialização da economia, de crescimento demográfico e de urbanização, que acompanhou todo o século XX, houve o afastamento da população negra dos grandes centros para as periferias das cidades. Dessa forma, as favelas se tornam o espaço de existência e resistência negra que, para além da sua interpretação como ambiente de pobreza e precariedade social, anuncia outras formas de produção do espaço urbano. Nesse bojo, os escritos de Carolina Maria de Jesus ilustram a forma desigual como se desenvolveu a cidade de São Paulo, a análise de sua obra tem sido fundamental para pensar uma proposta de direito à cidade mais ampla e incluyente. Além disso, ilustra a produção de conhecimento por mulheres negras na apreensão de sua própria experiência no fortalecimento de uma política urbana justa.



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

Patrimônio negro: o papel do comitê gestor na elaboração de políticas públicas turísticas que se articulam com a preservação do sítio arqueológico do Cais do Valongo

Aline Karina de Araújo Dias

Este trabalho disserta sobre a compreensão do papel do comitê gestor do sítio arqueológico do Cais do Valongo, localizado na região portuária do Rio de Janeiro, na condução e preservação do bem, por meio de políticas públicas que fomentem o turismo cultural. Essas políticas de desenvolvimento turístico estão previstas no escopo do convênio entre a companhia de desenvolvimento urbano da região do porto - CDURP e o SEBRAE/RJ, visando privilegiar circuitos turísticos de experiência, articulando o turismo cultural que valorize a memória da diáspora africana do sítio arqueológico do Cais do Valongo. O referido sítio é reconhecido como patrimônio mundial desde de 2017, quando foi elaborado um rico dossiê de candidatura, pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN), um documento fundamental para o conhecimento da diáspora africana, determinada pelo tráfico de negros/pretos livres subjugados à condição de escravidão praticada por 400 anos no Brasil ,para suprir de mão de obra a colonização das Américas. O dossiê de candidatura do Cais do Valongo é um guia de estudo importante e destaca o papel fundamental da Organização das Nações Unidas (ONU), que instituiu o período de janeiro de 2015 a dezembro 2024 como a década das pessoas de descendência africana; desse modo, contribuiu com diversas ações no âmbito local e global. Assim, é importante a possibilidade de avaliar o destaque dado ao protagonismo da população negra/preta no desenvolvimento da sociedade brasileira e o respeito às heranças culturais desses grupos. A partir dessas reflexões e por meio de análises documentais, entrevistas e diversas fontes, busca-se compreender como estão sendo realizadas as ações do comitê gestor do sítio no desenvolvimento do turismo, considerando-se o papel da CDURP, do SEBRAE/RJ, do IPHAN, dos membros do comitê gestor, da comunidade receptora e destacando o protagonismo da comunidade negra/preta na qual se fomentem práticas turísticas culturais, cidadãs, sustentáveis e que favoreçam experiências que contribuam para aprendizados antirracistas.



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

Experiências desiguais no viver: desafios para garantia de direitos sexuais e reprodutivos na adolescência a partir da interseccionalidade de opressões

Pâmela Andrezza Amorim Leal Cordeiro

Ao longo da história, corpos sempre foram selecionados para bem viver ou terem ou serem violados. O corpo é dimensão política e marca a existência de sujeitos no mundo. Essa violação se dá por uma condição de raça, cor, classe e sexualidade, uma seleção que é feita por um Estado regido por interesses e movido por um racismo estrutural. A construção de gênero, na lógica ocidental, não dá conta da pluralidade das existências que atravessam estruturas cisheteronormativas aqui construídas, fazendo com que a opressão gerada por esse modelo de sociedade esteja nitidamente refletida no acesso à saúde pública. A garantia de direitos sexuais e reprodutivos para meninas, meninos e mulheres pretas se deu, no Brasil, a partir das tensões de movimentos sociais frente às ofensivas do Estado. Na medida em que mulheres negras se organizavam, em meados anos 80, reivindicando a não-esterilização em massa, construindo interseccionalidade como uma trincheira analítica no Brasil a partir da influência de outras pensadoras negras, também se aproximavam do movimento sanitário (responsável por gerar tensões para que o Sistema Único de Saúde (SUS) fosse posteriormente inaugurado). Essa discussão chega para o Serviço Social como uma dimensão da garantia de direitos sociais e direitos. Considerando o Serviço Social - e sua atuação na saúde pública - como uma categoria profissional que deve se atualizar cotidianamente em um movimento de constante ruptura, faz-se necessário enfatizar a discussão de direitos sexuais e reprodutivos na adolescência, a partir da interseccionalidade de opressões, como uma urgente saída para os desafios impostos pela conjuntura na garantia desses direitos. O histórico de luta de mulheres negras supracitado alcança a profissão e, atualmente, pensadoras e profissionais disputam no interior da categoria uma abordagem interseccional como uma ferramenta de intervenção profissional e fundamental para o planejamento de políticas em saúde. A adolescência é aqui abordada como importante marcador, considerando-se a noção de juventude, que, por vezes, gera a compreensão de adolescência como “fase” do desenvolvimento humano, ocasionando intervenções em saúde, sobre os corpos de adolescentes pretas e pretos principalmente, que os



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

reduzem à medicamentação e controle compulsório desses corpos. Dessa forma, a intenção do presente trabalho é apresentar a interseccionalidade como uma ferramenta de intervenção necessária para a garantia de direitos em saúde de meninas e mulheres negras para o Serviço Social e demais categorias em saúde. Uma análise interseccional dos múltiplos corpos possibilita com que adolescentes sejam protagonistas na luta pela garantia de direitos sexuais e reprodutivos, enxergando esses corpos com um olhar da égide da "medicamentalidade".

Feminicídio antinegro: uma análise interseccional da Lei Maria da Penha

Marjorie Nogueira Chaves

As mulheres negras são a maioria das vítimas de homicídio e feminicídio no Brasil. Segundo o *Atlas da Violência 2021*, elaborado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), em parceria com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), entre 2009 e 2019, o total de mulheres negras vítimas de homicídios apresentou aumento de 2%, passando de 2.419 vítimas em 2009, para 2.468 em 2019. Enquanto isso, o número de mulheres não negras assassinadas caiu 26,9% no mesmo período, passando de 1.636 mulheres mortas em 2009 para 1.196 em 2019. Considerada uma das legislações mais avançadas no enfrentamento da violência de gênero no mundo, a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006) não tem alcançado as mulheres negras. A Lei de Feminicídio (Lei nº 13.104/2015), como um instrumento jurídico importante, também não tem sido suficiente para diminuir seus assassinatos. Ao contrário, tanto a violência doméstica quanto as mortes por homicídio de mulheres negras têm aumentado de maneira preocupante; isso significa que o racismo tem incidido na forma como essas violências atingem as mulheres brasileiras. O objetivo deste trabalho foi analisar se os instrumentos legais de enfrentamento da violência de gênero, que se desdobram em políticas públicas específicas - como mecanismos de denúncia, prevenção e assistência às mulheres - contemplam a perspectiva interseccional. O racismo constitui entrave no acesso a direitos, incluindo os serviços previstos na Lei Maria da Penha.



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

SIMPÓSIO TEMÁTICO 07: HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E NARRATIVAS SOBRE IDENTIDADES, TERRITÓRIOS E CULTURAS NEGRAS DA AMAZÔNIA

Coordenadores/as: Betânia de Assis Reis Matta, Patrícia Torme de Oliveira & Marcilene Queiroz Cabral Santos

Resumo: A historiografia oficial da Amazônia foi marcada por um processo de silenciamento da presença negra, ao longo de décadas, que teve como consequência a despersonalização e a invisibilização do negro como sujeito integrante da diversidade étnica, social e cultural na construção histórica da região. Atualmente, observamos avanços significativos com relação à real historiografia amazônica, redesenhando novos contornos, possibilitando desmistificar a negação da presença e da participação do negro que, além de sujeito histórico, contribuiu efetivamente para a construção das identidades amazônicas, dentre as quais foram mais naturalizadas as influências de raízes indígenas. A partir desses pressupostos, podemos constatar que o esquecimento e o ocultamento estão sendo vencidos pelos vestígios e relatos irrevogáveis, recuperados por estudiosos e pesquisadores. Para tal, múltiplas ferramentas têm sido aplicadas em pesquisas historiográficas de caráter documental, complementadas por registros de história oral, que têm como fonte as memórias de descendentes que lutam para que suas trajetórias não sejam apagadas. Com base no exposto, propomos para este ST debates que explorem as “Histórias, memórias e narrativas sobre identidades, territórios e culturas de uma Amazônia enegrecida”. Ao colocarmos em evidência esses conceitos e categorias, consideramos que esse espaço de conhecimento, intermediado pelos diálogos, representa caminhos democráticos e legítimos de fala, os quais permitem ponderarmos acerca das identidades, dos territórios ocupados e da cultura da(s) comunidade(s) negra(s) que pertencem a essa região. Assim sendo, privilegiamos trabalhos e pesquisas, finalizadas ou em andamento, de estudantes oriundos do ensino médio, graduação e pós-graduação, bem como líderes de comunidades e pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento que, através de relatos de experiência, conduzam a novas perspectivas que abarquem a temática. O objetivo é criar um campo de socialização de abordagens históricas, teóricas, discursivas e, sobretudo, evidenciar a existência do sujeito negro na Amazônia. Para isso, cruzamos as experiências e sentidos produzidos pelas falas dos atores sociais advindos de comunidades rurais e urbanas,



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

territórios quilombolas e movimentos sociais que defendem e representam uma “Amazônia enegrecida”, oportunizando, dessa forma, discussões que envolvam os universos simbólicos e sógnicos, situadas em contextos históricos, culturais e sociais. Reiteramos aqui nosso interesse em colaborar com estudos já existentes, na busca de romper com o silêncio persistente no que tange ao negro no contexto amazônico, como sujeito histórico, que contribuiu na formação das identidades e da cultura na região. Com base nesse entendimento, a pesquisadora Patrícia Melo Sampaio (2011) tem se debruçado nos estudos direcionados à cultura e à presença do negro na Amazônia, em especial com relação às influências e heranças, sejam elas originárias da condição de negros escravizados ou não. Diante desse cenário, trazer à luz essas questões permite ampliar a compreensão acerca do desenvolvimento da escravidão na região, valorizando as memórias desses atores sociais de reconhecida importância na diversidade cultural no contexto amazônico, visto que suas narrativas e trajetórias nos permitem mergulhar nesse universo complexo e plural. Maurice Halbwachs (2003) chama a atenção para os laços existentes entre identidade e memória, enfatizando a importância desse campo de estudo para a apreensão dos fenômenos humanos e sociais. O enfoque dado à identidade se pauta na compreensão do negro como um ser capaz de abrigar diversas culturas. Em suma, as identidades são edificadas sob uma abordagem multicultural, diante das diversas expressões culturais que rompem com a fronteira da hegemonia, em prol de identidades híbridas. De acordo com Hall (2006), as identidades não são pré-estabelecidas, estáticas e únicas, ao contrário, são resultantes de iniciativas culturais e de modificações em função de diálogos constantes e indispensáveis a uma sociedade em constante transformação. Desse modo, pretendemos estabelecer um diálogo que busque compreender como o negro ocupou os mais diversos territórios da região amazônica, imprimindo sua cultura, tradição, crenças, lendas e religiosidade. Por territorialidade, entendemos que se trata do mundo vivido, fomentando identidades aos lugares através dos modos de vida, crenças, língua, tradição, comportamento e as memórias.



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

TRABALHOS APRESENTADOS

Negros na Amazônia?

Karina Balieiro da Silva

Sabe-se que a sociedade brasileira é formada por três matrizes: a indígena, a europeia e a negra, porém há muitos questionamentos acerca da presença da matriz negra na região amazônica. Este trabalho tem por objetivo relatar experiências vividas no ano de 2019, na sala de aula, através Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e também comentar sobre o artigo intitulado *O uso do Ensino da História da África e Cultura Afro-brasileira como um viés à luta contra o racismo*, publicado na revista da Associação Nacional de História - Seção Amazonas (ANPUH-AM), após tais vivências. Método são ações e/ou procedimentos ordenados que devem ser realizados para que algum objetivo seja atingido (CARDOSO, 1981, p. 64). Nesse sentido, a ação desenvolvida será pela oralidade, expondo as experiências que a docência proporciona e como a matriz negra vem sendo trabalhada nas escolas. Portanto o intuito é desmistificar a ideia do “etnocentrismo reverso”, em que só preto fala de preto ou somente a mulher fala de mulher.

Palavras-chave: Amazônia; Negro; Educação.

Afronazira: consciência de igualdade e respeito à diversidade

Elcione Sousa da Silva Cordeiro

O presente relato de experiência se fundamenta no projeto intitulado *AFRONAZIRA*, desenvolvido pelo corpo docente e discente da Escola Estadual Professora Nazira Litaiff Moriz, no município de Tefé-AM. Seu objetivo é discutir, no contexto da sala de aula, a temática negritude, enfatizando a igualdade e o respeito à diversidade racial. O projeto foi idealizado em 2015, pelo professor de História Afrânio Pereira de Oliveira, e desde então passou a fazer parte oficialmente do planejamento anual da escola, onde toda a comunidade escolar participa de modo interdisciplinar. A culminância é realizada sempre no dia 20 de novembro, dia da consciência negra, através de diferentes manifestações culturais e artísticas. Diante disso, a cada ano o projeto tem



Negritude e Prática na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

se fortalecido, trazendo novos significados para a questão da negritude e grandes benefícios para a formação dos educandos.

SIMPÓSIO TEMÁTICO 08: AGRICULTURA FAMILIAR, ORGANIZAÇÕES E MOVIMENTOS SOCIAIS EM COMUNIDADES RURAIS

Coordenadores/as: Antonia Erica Costa De Sousa, Denis Da Silva Pereira & Suelem Maciel Pereira

Resumo: Este Simpósio Temático visa promover a troca de conhecimentos e a reflexão de diversos temas relacionados à agricultura familiar em contexto: comunidades tradicionais quilombolas e indígenas, colônia de pescadores e de agricultores, comunidades ribeirinhas, assentamentos, Reservas Extrativistas (RESEX) e Unidade de Conservação, sob as dimensões econômicas, sociais, culturais e políticas, por meio de estudos que tragam como objeto pesquisas e/ou experiências de desenvolvimento sustentável, reflexões sobre Estado e Sociedade, território e territorialidade, conflitos sociais, agricultura e etnicidade, experiências agroecológicas, práticas extrativistas, experiências de manejo de sistemas agroflorestais, segurança e cultura alimentar e nutricional, certificação de produtos orgânicos, relações de gênero e sexualidade e racismos.

TRABALHOS APRESENTADOS

Vendedores ambulantes de peixe no município de Lábrea

Kaiky Júnior Ferreira de Araújo, Francisco Batista da Silva
& Claudina Azevedo Maximiano

Este trabalho tem como objetivo realizar o levantamento dos vendedores ambulantes de peixe, os peixeiros, em Lábrea/AM e fazer o acompanhamento do trajeto de alguns desses vendedores, a fim de qualificar uma análise dessa prática comercial na cidade e os impactos da pandemia de COVID 19 sobre ela. Dentre as estratégias metodológicas, utilizamos a entrevista semiestruturada. Os principais instrumentos para a coleta de dados foram o celular (*WhatsApp*) e caderno de campo. Como resultado, foram catalogados 23 peixeiros. Os dados da pesquisa apontam para três categorias de peixeiros: a) pescador e peixeiro que vende com carrinho pelas ruas; b)



Negritude e Prática na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

peixeiros que compram o peixe e vendem em carrinhos, parados em pontos fixos; c) peixeiros que possuem um ponto fixo na cidade. Os sujeitos pesquisados apontaram que as espécies de peixes mais vendidas são: jaraqui (*Semaprochilodus spp*), mandi (*Pimelodus*), matrinxã (*Brycon amazonicus spp*), surubim (*Pseudoplatystoma tigrinum*) e sardinha (*Triportheus spp*). Os dados obtidos nos possibilitaram refletir sobre um dos aspectos da cadeia produtiva do pescado no município, no caso, sobre uma categoria específica incluída nessa cadeia: os peixeiros. Tal prática se insere no contexto das práticas relacionadas ao conhecimento tradicional, presentes na relação entre pesca tradicional e venda do pescado. Apontamos que garantir academicamente a visibilidade para esses sujeitos pode repercutir em futuras iniciativas de políticas públicas que podem vir a influenciar diretamente a prática desses agentes sociais e na melhoria do pescado vendido na cidade.

Casas de farinha na cidade de Lábrea/AM: práticas tradicionais, diálogos e convergência entre o rural e o urbano

Érica Silva de Oliveira & Claudina Azevedo Maximiano

Esta pesquisa teve como o objetivo principal fazer o levantamento das casas de farinha na cidade de Lábrea, com o objetivo de mostrar que o fazer a farinha está presente na sede do município, em diálogo com a prática tradicional vivenciada nas comunidades, aldeias e sítios da região do Médio Purus. A investigação teve seu início no ano de 2020, quando fomos surpreendidos com a pandemia de Covid-19. Tal situação impactou diretamente nossas ações, sobretudo o trabalho de campo. Porém, mesmo diante desse desafio, conseguimos desenvolver as atividades, fazendo algumas alterações na metodologia e seguindo as orientações sanitárias estabelecidas pelos órgãos de saúde. Os dados aqui apresentados foram obtidos junto aos proprietários das casas de farinha, respeitando o distanciamento social. Desse modo, não foi possível realizarmos a observação participante dos momentos de produção da farinha e nem entrevistas longas. Grande parte dos contatos foi feito através das redes sociais e aplicativos como *WhatsApp*.



Negritude e Prática na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

Ambientes de interação agroecológica e inovações no manejo da agrobiodiversidade em assentamentos rurais de Planaltina-DF

Paula Balduino de Melo, Jéssica Rodrigues Pereira & Patricia Dias Tavares

Este trabalho traz os principais aprendizados do processo de pesquisa-ação estabelecido no território de Planaltina-DF, entre o Núcleo de Estudos em Agroecologia (NEA) Candombá do Instituto Federal de Brasília (IFB) e o Assentamento Rural Pequeno Willian. Ambos compreendem, majoritariamente, comunidades negras. Essa articulação surgiu da necessidade de avançar no conhecimento sobre o uso e manejo da agrobiodiversidade com base nos saberes locais e ancorados na ancestralidade. Desenvolvemos atividades articuladas em quatro eixos principais: a) consolidação dos ambientes de interação e inovação agroecológica; b) levantamento e caracterização dos sistemas produtivos; c) identificação dos saberes associados ao uso e manejo da agrobiodiversidade; d) favorecimento das relações ecológicas dos agroecossistemas. Usamos como referência o princípio metodológico da sistematização de saberes e práticas, associada às histórias de vida, que mediaram análises, junto às famílias, sobre a relação com o território, com as plantas e as práticas de uso e manejo. A ocupação territorial dos lotes e as formas de manejar os agroecossistemas estão diretamente relacionadas aos saberes e práticas de cada família. A pesquisa-ação mostra a necessidade de aprendermos mais com as dinâmicas naturais dos ambientes do Cerrado e com os povos cerratenses para estabelecer sistemas agrícolas multifuncionais, catalisadores de processos ecológicos e econômicos adaptados às condições ambientais e, por consequência, mais estáveis e resilientes.

Organização, arranjos produtivos e de comercialização no Distrito Agropecuário da Suframa (DAS)

Suelem Maciel Pereira; Denis da Silva Pereira & Antonia Erica Costa de Sousa

A pesquisa realizada é fruto de um projeto de iniciação científica (PIBIC) no ano de 2019, que teve como transponto o compromisso de retomada de diálogos com as associações: Associação Rural Assistencial de Mulheres e Amigos da Colônia Agrícola João Paulo (AMARACAJAP), do Ramal Chico Mendes e suas vicinais: Ramal da Escola, Ramal do Beto, Ramal do Rufino, Ramal do Elias; Associação de



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

Agricultores Rurais Bons Amigos (AGRIAMIGOS) - Ramal Bons Amigos 14 - Puraquequara e pela Comunidade Produtora do Brasileiro (CPB). A referida pesquisa teve como objetivo descrever os arranjos produtivos, comercialização e organização do Distrito Agropecuário da Suframa (DAS). Nesse sentido, construiu-se um arcabouço teórico que embasou a pesquisa: comunidade, organizações sociais, política e poder, agricultura familiar, setor primário na Amazônia, segurança alimentar. Esta pesquisa tem como metodologia o materialismo, pesquisa-ação e pesquisa participante. No decorrer da pesquisa, o trabalho de campo foi realizado por meio de um curso de extensão intitulado *Pesquisa e Cartografia Social em Contextos Sociais na Amazônia*, que proporcionou a integração de estudantes tanto do próprio campus (IFAM-CMZL) quanto de outras instituições. O curso contou com 15 horas teóricas sobre epistemologia, pesquisa e cartografia social e metodologia e 25 horas de trabalho de campo: visitas em 20 propriedades, aplicação de questionários e entrevistas com lideranças. Ao final do referido curso, confeccionamos um relatório técnico, um produto síntese dos resultados obtidos. Considerando que essas famílias residem em comunidades rurais em interface direta com o meio urbano, adotamos como classificação: comunidades periurbanas.

Duas mulheres atuantes no campo e na vida

Luciana Dias Correia & Marnilda Pereira As

Este relato de experiência descreve nossa vida no dia-a-dia no campo, desde os anos de 2015 aos dias atuais. No ano de 2020, no período crítico do início da pandemia de Covid-19, houve um olhar mais cuidadoso para esse lugar que passamos a chamar de Sítio Agroecológico Santa Rita, uma vez que decidimos fazer a transição do que antes era convencional, com base na agricultura familiar, e, a partir de então, iniciamos atividades mais voltadas aos princípios da agroecologia, de forma mais pontual, entendendo que a permacultura precisava fazer parte do nosso desenho do paisagismo. Assim, todo o trabalho de campo/sítio foi construído a partir do designe permacultural; hoje, temos as seguintes atividades que compõe esse desenho; próximo à casa é possível observar os três jardins comestíveis de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC), plantas medicinais e plantas melíferas; seguindo um pouco mais, temos o minhocário e a área de compostagem; criação de galinha caipira, patos, gansos etc. E um pouco mais afastado da casa, temos o meliponário (criação



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

de abelhas sem ferrão), algumas espécies para produção de mel e outras para produção de própolis; mais afastado ainda, temos o andirobal, onde se extrai o óleo de andiroba, trabalho 100% artesanal; por fim, temos a trilha ecológica. Todo o trabalho desenvolvido no sítio tem as quatro mãos de duas mulheres que entenderam a magnitude da vivência agroecológica e o valor para a saúde mental e espiritual de uma convivência dentro de um espaço de florestas remanescentes. Além do trabalho de campo, arriscamos enveredar para a partilha de conhecimento e saberes; então, nasceu o que chamamos de vivência agroecológica, em que pessoas se reúnem para aprender sobre a agroecologia e também conhecer o dia a dia no sítio, onde predomina a força da mulher negra. Iniciamos também o trabalho voluntário, trocando trabalho por experiência no campo/sítio e essa iniciativa tem somado bastante ao campo do saber. Recebemos pessoas para visitas técnicas e artesanais. O trabalho árduo do campo, às vezes pesado, não deixa a grandeza do lugar menos contemplativa, de sossego e paz. Um dos objetivos que baliza nossa trajetória é que a mulher pode chegar e fazer o que ela quiser. O empoderamento feminino também perpassa pelo campo; anteriormente, essa atividade era vista como predominantemente masculina, mas esse patriarcado precisa ser reconstruído, pois a mulher pode chegar e fazer acontecer seu lugar de fala onde ela decidir empreender. Assim tem sido nosso desfecho nesse ritmo rural, antirracista e, acima de tudo, como inspiração para que o campo também seja um lugar de fala, escuta e reflexão. O caminho pode ser mais desafiador, no entanto encontramos força e coragem na força que nos une e que nos faz capaz de ser o que queremos ser. Desse modo, seguimos plantando, reflorestando e ajudando o meio ambiente ter sua casa preservada!

SIMPÓSIO TEMÁTICO 09: ÁGUA COMO DIREITO: A ÁGUA NO CENTRO DOS CONFLITOS TERRITORIAIS NA AMAZÔNIA

Coordenadores/as: David Junior de Souza Silva, Eunápio Dutra do Carmo, Oscar Adán Castillo Oropeza, Zairo Benjó

Resumo: A disputa pelos territórios das águas revela megaempreendimentos (hídricos, minerários e de grãos), responsáveis diretos pela degradação e poluição de ecossistemas e invasão de áreas de proteção, provocando crise hídrica, sendo esses empreendimentos os que mais consomem água no Brasil. Em movimento de



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

contrainformação, os povos das águas e florestas, com suas ancestralidades e corpos-territórios, vêm enfrentando e ressignificando as lutas sociais e epistêmicas pela água como bem-comum, acolhimento da vida, dignidade e denunciando a apropriação desse bem como mercadoria, propriedade privada e *commoditie*, detentora da insustentável ideia de “recurso natural”. Na Amazônia, populações periféricas e comunidades tradicionais sofrem violações e violências com racismo ambiental, quando são invisibilizados e apartados socialmente de políticas públicas dignas, configurando a “subhumanidade”, denunciada por Ailton Krenak e, nesse particular, quando são privados de consumir água com qualidade, um direito humano e garantido pela constituição. Somada à crise hídrica, a privatização de agências ligadas ao abastecimento de água acena para a agudização dos conflitos e o avanço do etnocídio numa região da fronteira do capitalismo, que concentra mais de 20% da água do planeta e tem sede de justiça e de liberdade.

TRABALHOS APRESENTADOS

A luta das comunidades negras pelo direito à água em Breves

Zairo Benjo

O acesso à água é visto como um direito humano, a partir da constatação de sua essencialidade para a manutenção da vida no planeta. Neste projeto, expõe-se como esse direito - não definido pela Constituição Brasileira, mas reconhecido pela ONU -, tem sido atendido ou violado em bairros periféricos e comunidades locais em Breves, onde a maioria da população é composta por pessoas pretas e pardas. Nessa abordagem, demonstra-se como essas comunidades atingem o objetivo, ou seja, como a água chega em suas casas e por quais meios.

Ecología política de la microprivatización hídrica. Un acercamiento a las áreas indígenas de la Ciudad de México

Oscar Adán Castillo Oropeza & Edgar Delgado Hernández

En la presente ponencia se discutirá la relación entre la territorialización de las micropurificadoras/embotelladoras en áreas urbanas con hablantes de alguna lengua indígena con diversos niveles de marginación social en la Ciudad de México, el



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

acercamiento a este caso de estudio se realiza a través de la ecología política del agua para analizar cómo se presenta la microprivatización del agua y cómo se agencian en el territorio. Además, se busca indagar cómo en esta relación nos permite comprender otra dimensión de la marginalidad social de la población indígena en estas áreas. Para ello se realizan, entrevistas semiestructuradas, la utilización de sistemas de información geográfica (SIG) y una revisión hemerográfica.

Histórico da ocupação do bairro beira-mar em Lábrea/AM: os moradores e suas trajetórias

Andriely Gadelha Vieira & Claudina Azevedo Maximiano (IFAM)

A proposta desta pesquisa se situa no contexto dos estudos antropológicos ligados aos povos e comunidades tradicionais da Amazônia. A cidade de Lábrea/AM é localizada no interior do estado do Amazonas, na região conhecida como Médio Purus. Dentre os diversos espaços sociais existentes na cidade, escolhemos o bairro “Beira Mar”, como objeto e espaço de pesquisa. O bairro é formado por palafitas e seus moradores dialogam diretamente com a dinâmica do rio; em parte do ano suas casas ficam praticamente submersas pelas águas do rio Purus, Ituxi e do igarapé Caititu. O objetivo geral desta pesquisa é tecer um diálogo antropológico, no sentido de identificar quem são os agentes sociais que vivem nesse bairro, bem como compreender a dinâmica histórica de ocupação do espaço, a origem, as trajetórias e enfrentamentos vividos pelos moradores, com destaque para as questões relacionadas à pandemia da COVID 19. A partir das trajetórias das famílias, pretende-se fazer a contextualização histórica da ocupação da área e identificar os impactos relacionados a pandemia da COVID 19. Como recurso metodológico, utiliza-se o trabalho de campo, buscando fazer uma etnografia do lugar. Essa questão será facilitada, pelo fato de a pesquisadora bolsista deste projeto ser moradora do Bairro “Beira Mar”. Além de conversas e entrevistas com os moradores, será realizada busca de informações na internet e na prefeitura de Lábrea. No que tange à identificação da origem dos moradores, um questionário será distribuído nas casas; nesse mesmo questionário apresentam-se algumas questões socioeconômicas, no intuito de obter de informações pertinentes à condição e qualidade de vida das pessoas e dados sobre o como foram impactados pela pandemia da COVID 19. Os principais instrumentos para



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

a coleta de dados serão o celular e o caderno de campo, assim como o computador, para a construção de um banco de dados da pesquisa.

Comunidades ribeirinhas e violação de direitos: a maior sede é por justiça social

Brenda da Silva Salazar, Maria Vitória Costa Fernandes,
Rafaela de Jesus de Oliveira da Silva & Soleane Ferreira Inajosa

O presente trabalho foi realizado nas comunidades ribeirinhas Vila Intel I, Vila Intel II e Magebras, às margens do Rio Parauaú, no município de Breves, localizado na Ilha do Marajó. De acordo com os dados do Observatório do Marajó (2020), 57% da população reside na zona rural e 43% reside na zona urbana; é importante ressaltar que 77% dessa população não tem acesso ao serviço de abastecimento de água por rede geral de distribuição, sendo a zona rural a mais prejudicada. A maior dificuldade em levar o abastecimento às zonas rurais é o custo, em decorrência da desigualdade social, moradias irregulares, saneamento básico, principalmente pela distância e escassez de recursos nesses locais. Isso demonstra a falta de um planejamento a longo prazo na zona rural, como: investimentos no transporte, na educação, na saúde e no meio ambiente. Nesse sentido, este trabalho visa fazer um panorama do contexto atual dessas comunidades, tendo como base o seu processo histórico de exclusão social, fato ligado aos anos de exploração desde o ciclo da borracha ao ciclo da madeira. Observa-se que essa região, rica em sua biodiversidade, passou por um longo processo de desestruturação e degradação ambiental e social. Essas comunidades vêm enfrentando diversos problemas, relacionados à falta de políticas públicas de desenvolvimento social e político, dentre os quais o mais comum é a falta de saneamento básico adequado; para essas comunidades, a falta de saneamento desencadeia outros fatores, ligados à exclusão social, que violam diretamente seus direitos, como, por exemplo, a questão da água vivenciada por eles, visto que fazem uso das águas dos rios. Sabe-se que os rios são percursos estratégico, pelos quais, diariamente, se locomovem grandes embarcações; desse modo, os rios são poluídos por grandes quantidades de combustível e contaminados com lixo jogado pelos viajantes das embarcações. É importante ressaltar que as embarcações possuem pequenos esgotos direcionados aos rios e que, posteriormente, essa água será consumida pela população das águas, ocasionando doenças e infecções para aqueles que a consomem. A metodologia utilizada foi a pesquisa de campo, entrevistas semi-



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

estruturadas, observações, bem como pesquisa bibliográfica de teóricos que discutem a respeito de temas voltados para a Amazônia e as comunidades tradicionais, dentre os quais se destacam Pacheco-Sarraf (2009), Porto-Gonçalves (2005), Castro (2018), Leão (2014), Gonçalves *et al.* (2016). As ações desenvolvidas com as comunidades, como oficinas de informação e formação, reuniões de trabalho e elaboração de projetos, foram pensadas com o intuito de proporcionar a participação social e o engajamento social, o que permitiu que pudessem se organizar coletivamente para a realização de atividades de geração de renda, o que resultou no pontapé inicial para a criação da Associação dos Moradores, sendo este um dos resultados preliminares alçados a partir das atividades realizadas durante esta pesquisa.

Água na Amazônia: sentidos sociais, apropriações e conflitos

Aline Gabrielle Cardoso do Rosário & David Junior de Souza Silva

A proposta desta pesquisa é iniciar uma reflexão sociológica sobre o sentido social da água nas dinâmicas sociais da Amazônia. Antecipadamente, podemos dizer que a água aparece como território, como espaço sagrado, como comunicação, como recurso natural e como mercadoria. Sendo diversos os seus sentidos e os atores sociais que convergem sua ação para ela, a água se torna centro de inúmeros conflitos sociais na Amazônia. A água se torna mercadoria no contexto do capitalismo; a água reveste-se de um direito humano na cidade, nas áreas rurais, nas comunidades; a água é necessária para reprodução da vida e como lugar de moradia – rios, lagos e ressacas; e a água envolve processos como racismo ambiental e ecocídio (numa perspectiva de ecologia política). Neste texto, refletimos sobre a água como direito humano e como direito à moradia.

Direito à cidade e a ocupação de áreas úmidas por populações tradicionais em Macapá/AP

Bruno de Oliveira Rodrigues, Jamille Del Castillo Souza, Lana Thayane Reis da Costa; Paula Carolina Gaião da Silva & Thaís Fernandes da Cunha

A ocupação tradicional em palafitas, nas áreas de ressaca, é forma de habitação comum no estado do Amapá, principalmente na capital. Essas populações se apresentam em guetos que correspondem a uma necessária ausência do poder público. Tais áreas são circuitos de encapsulamento de grupos sociais em processos escalonados de exclusão social. As políticas de moradia e prestação de serviços



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

básicos são rarefeitas, quando não inexistentes, criando subespaços de produção da urbanidade, onde não há dever de garantia de direitos mínimos de cidadania. Assim, precisa-se catalogar e produzir dados empíricos da realidade dessas populações, evidenciando algo que está escondido por detrás do asfalto e dos serviços públicos em evidência. O presente trabalho, portanto, pretende mapear as políticas públicas nas áreas de ressaca dos Bairros Jesus de Nazaré (Ponte do Axé) e São Lázaro (Passarela Vale Verde), na cidade de Macapá/AP, buscando constatar a qualidade do Direito à Cidade dessa população e em que medida as novas políticas de realocação e remoção dessas populações lhes possibilitam ou negam acesso a outros serviços públicos essenciais. Dessa modo, nessas duas áreas, foram feitas entrevistas com moradores do local e pesquisa de campo, para que se pudesse aferir a realidade em dois aspectos: ambiental e social. Trata-se de uma revisão bibliográfica, com pesquisa documental, que se soma à atividade de estudo de caso, sendo, basicamente, uma pesquisa qualitativa que, ligada a estruturas do método descritivo, permitiu-nos constatar a realidade do objeto de estudo, no caso, as ressacas, como também analisar a arquitetura das estratégias administrativas locais para tratamento e enfrentamento das ocupações ilegais no município. Nesse sentido, surge como desafio conceituar áreas de ressaca e definir o tipo de ocupação dessas áreas, vinculando-o ao instituto do Direito à Cidade; ao fim, identificar as rotas de transposição dessas populações e verificar quais são os serviços públicos disponíveis nas novas localidades. Ao analisar todos os dados coletados, vê-se a discrepância entre o projetado pelos legisladores, ao criarem as leis, e a realidade, ao se aplicar os institutos jurídicos e sociais necessários para a vivência em sociedade. O conceito de cidade e o Direito a ela são situações totalmente diferentes na aplicação prática, pois se observa que o tratamento é diferente para os que têm condição mais abastada e os que não a têm. Em relação às políticas públicas nas áreas citadas neste trabalho, constatou-se que o Estado não cumpre o seu papel de forma plena, pois as políticas são quase inexistentes e, quando existem, não atendem a todos os moradores e não são executadas de forma eficaz. Ao se observar as possibilidades de aplicação de novas políticas de realocação e remoção dessas populações para um local diferente, a fim de uma melhoria de vida, analisa-se que a situação não mudaria em quase nada, pois, nas áreas de ressaca, essas pessoas são privadas de certas políticas públicas; porém, em conjuntos habitacionais e outros estabelecimentos com o objetivo de



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

moradia da população, há privações de políticas públicas também, só que em outros aspectos. Há falta de condições dignas de vivência, há apenas um esforço hercúleo pela sobrevivência. O ideal seria uma reforma geral nessas políticas, analisando-se o que está sendo feito, o que precisa ser feito e o que é necessário mudar, a fim de atender a todos de forma plena, satisfazer os interesses do Estado e atingir todas as áreas que delas dependem disso na sociedade. O quadro teórico do Direito à Cidade é adequado para a leitura da realidade local, pois, com base no estudo de Lefebvre, encontra-se presente nas áreas de Ressaca, porém de forma limitada, devido aos direitos básicos como saúde, segurança, saneamento e mobilidade não serem exercidos de forma plena. Isso permite questionar se o acesso aos Direitos Humanos se consolida nessas áreas, posto que esses direitos possibilitam ao indivíduo viver com dignidade. Logo, essas análises permitem identificar a existência dos desafios que se encontram presentes na busca por se constatar o Direito à Cidade nas áreas de ressaca e de que forma acontece o acesso a esse direito e aos elementos que o englobam, em face da realidade quanto à organização e equilíbrio na preservação e conservação desse ambiente. O direito à cidade, nos dias atuais, é a urgência da recuperação coletiva do espaço urbano pelos grupos marginalizados. Um apelo. Uma exigência de todos para todos.

Lavatórios na ponte: acesso possível à água nas áreas de ressaca do Congós, Macapá, no contexto da pandemia de COVID-19

Melissa Kikumi Matsunaga

A mãe relatou que havia comprado recentemente a casa, antes moravam em outra área de ressaca da cidade e disse que ali era muito melhor que o local anterior. As crianças estavam com diarreia na ocasião. A casa não dispunha de sanitário. O "banheiro" consistia em um espaço descoberto, apenas com chuveiro, o vaso sanitário era ausente, sendo utilizado apenas um buraco provido pelo deslocamento de uma das tábuas do piso. Não havia pia para lavar as mãos. A cozinha também não existia. O que havia era um resquício de jirau (muito comum nas casas ribeirinhas) que, no caso, era uma pia feita de madeira, acessada como se fosse uma janela. Havia apenas um quarto onde todos dormiam. Havia muito lixo jogado no "terreno", cuja limpeza estava sendo executada por um morador da ressaca que fazia esse serviço. Havia uma caixa d'água usada, não instalada, esperando para ser utilizada. O



Négritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

abastecimento de água das casas da área de ressaca da Décima era feito via ligação clandestina da CAESA e via poço, cujo proprietário cobrava a taxa de 40 reais mensais para distribuição. A água da CAESA era amarelada, devido às conexões clandestinas que muitas vezes contaminavam a água por fissuras na tubulação. Além disso, não havia instalação para todas as casas. Realizamos o levantamento das condições de abastecimento na ocasião. A proposta #LAVATORIOSNAPONTE, idealizada em abril de 2020, buscava melhorar as condições de abastecimento de água às moradias localizadas em áreas de ressaca, garantindo que os moradores pudessem assegurar condições mínimas de higiene no período da pandemia de COVID-19 em Macapá, capital do estado do Amapá.

Água, Amazônia e os processos coletivos

Eunápio Dutra do Carmo

A questão da água é a manifestação da luta da mãe Terra, liderada pelas suas gentes para continuar viver e (r)existir. Essa manifestação pela água livre e soberana faz parte de processos coletivos necessários para a sobrevivência, que são urgentes, pois trata-se do bem-comum dos povos da floresta, que enfrentam o avanço do sistema capitalista para apropriação e privatização da água; portanto, para transformá-la em mercadoria corrente, como fazem os agentes econômicos, as elites financeiras e políticas. O avanço da degradação da qualidade da água está diretamente associado à destruição dos territórios, prejudicando todas as espécies de vida existente. Os projetos de ordenamento e de infraestrutura para mobilidade do capital, presentes em vários espaços nas Amazônias, incidem sobre o grau de contaminação, precarização e insegurança hídrica em curso. Nessa direção, não se pode descontextualizar o consumo de água com qualidade de preservação e conservação dos territórios. Se a água potável é um direito humano, sua garantia e efetivação implicam enfrentamentos sociais, políticos e institucionais. Diante disso, emergem questões como: quais as tessituras em construção para o enfrentamento da privatização insana da água? Quais os modelos de apropriação de água em curso? Desse modo, diálogos e convergências acumuladas a partir dos territórios dos povos originários e das comunidades tradicionais são essenciais para insurgências e (r)existência dos povos da floresta. É nessa perspectiva que as dimensões conflitivas e políticas da água, envolvendo as corpos-território, devem ser refletidas a partir da sociobiodiversidade,



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

como dimensão humana, cultural e de conhecimentos, saberes protagonizados pelos sujeitos que moram nos biomas, pois a água está na centralidade da vida de todas as formas de organização sociocultural.

Projeto de macrodrenagem do Una e luta por dignidade em Belém: uma breve síntese da realidade social dos moradores da beira do canal

Éder Dutra do Carmo & Isaneide Rocha de Sousa

Belém é entrecortada por ilhas que marcam a história da cidade. Por outro lado, na área urbana, as bacias tomam conta da paisagem. Essa relação rios, ruas, bosques e vilas faz parte das cenas socioculturais da cidade. A relação da população Amazônica com os rios vem desde nossos antepassados e, ao longo do tempo, sofre diversas modificações a partir da necessidade da população local. A política de reforma urbana nos proporciona compreender como um conjunto de acontecimentos sociais permite a democratização do espaço urbano. A luta da população pela garantia de necessidades básicas é antiga, tais como: casa, água, luz, esgoto, saúde, transporte, escola, etc., principalmente para os moradores da margem dos canais. Faz-se necessário construir uma proposta que consiga conciliar o acesso à garantia dos direitos aos moradores que vivem à beira do canal, pois há uma biodiversidade envolvida. Nessa direção, importa compreender que o canal, para a maioria dos moradores, se configura como uma extensão do quintal, pois é ali que se lava e estende a roupa, onde se planta e colhe, onde se criam os animais, é dali que muitos utilizam o conhecimento das plantas medicinais e curativas como uma forma de complemento ao direito à saúde e também uma estratégia social de lazer. É nesse locus de vivência que as trocas de saberes ancestrais são tecidas como forma de organização e resistência popular. Motivados pelo sentimento de pertença, somos levados a uma postura de vanguarda nos *fronts* de luta contra o capital imobiliário e pelo direito à moradia digna. O levante popular em torno dos impactos socioespaciais da macrodrenagem na área urbana de Belém são inspiradores nesse processo; contudo, faz-se necessário avançar tanto nas questões de organização social e comunitária como na potencialização da participação social, que dão caráter emancipatório do futuro mais humano para essas populações historicamente excluídas.



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

SIMPÓSIO TEMÁTICO 10: MULHERES NEGRAS AMAZÔNIDAS E OS PASSOS DE SUA RESISTÊNCIA

Coordenadores/as: Rafaela Cristina de Souza Queiroz, Luiza de Marillac Miléo Moreira

Resumo: Neste simpósio, temos interesse em evidenciar vivências, escrevivências, discussões, interfaces entre identidade, classe, raça, gênero, ancestralidade, saúde mental, organização social/movimento social local e regional, religiosidade e saúde reprodutiva que marcam as mulheres negras Amazônidas, assim como debates dentro do feminismo interseccional e do feminismo negro realizados por pesquisadoras nortistas. O Brasil é caracterizado pela diversidade e a Amazônia não é diferente. São múltiplas identidades e ancestralidades. A historiografia omitiu a presença negra na Amazônia e somente no início dos anos 2000 é que os primeiros estudos, discutidos nas universidades como UFAM e UFPA, pesquisas como a de Patrícia Sampaio, *O fim do silêncio: presença negra na Amazônia* (2012), apontam para uma diáspora negra na região amazônica. As mulheres negras continuam enfrentando a invisibilidade imposta a partir do senso comum, mas reafirmam sua presença e resistência nas lutas contemporâneas enquanto horizonte das forças ancestrais vindas das florestas e das águas, das pretas e dos pretos que compartilham saberes e histórias.

TRABALHOS APRESENTADOS

Tornar-se negra amazônida: como me reconheço nesse processo

Suzy Evelyn de Souza e Silva

Repensar, ou pensar, sobre a própria identidade, após ter alcançado a maturidade, é uma experiência instigante. O desafio se encerra em elaborar o fio condutor de um processo pessoal a partir de um contexto histórico de invisibilidade da presença negra na Amazônia, em especial no Amazonas, o qual, muito recentemente, começa a se descortinar. A construção do texto se baseou em pesquisa bibliográfica de produções científicas e matérias jornalísticas disponibilizadas nas plataformas digitais da internet, além de ter sido emprestada ao texto uma experiência pessoal como estudo de caso.



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

A política higienista, implantada fortemente entre os séculos XIX e XX, não conseguiu sufocar a trajetória de um povo que, notadamente, também compõe a sociedade amazônica, mas que logrou transformar o tipo regional caboclo em identidade, pensando em deixar os negros e indígenas somente para os anais da história, o que demanda um esforço para visibilizar e garantir ao povo negro o seu lugar na história do Amazonas e, nesse contexto, buscar se estabelecer enquanto mulher negra, desenvolvendo um discurso acolhedor para interlocução com aqueles que ainda não conhecem a sua própria ascendência.

História oral de vida de mulheres negras: a importância da estética para construir-se negra amazônida (2000-2019)

Bárbara Rebouças Marinho Ribeiro

Esta pesquisa busca refletir acerca das relações que se estabelecem entre estética e construção de uma identidade étnico-racial a partir de duas histórias orais de vida de mulheres negras em contexto amazônico. Concebemos que, a partir do físico, se estabelecem os aportes que geram os choques de alteridade, que criam meandros identitários aos quais pessoas negras amazônidas são expostas. As reflexões presentes aqui se apoiam em narrativas de nossas colaboradoras, que revelaram na estética algo para além de um objeto de estudo, possibilitando-nos perceber caminhos para questionar as diversificadas complexificações identitárias que se apresentam nas suas vivências; além disso, como a estética se manifestou enquanto linguagem e estratégia de resistência frente às particularidades do racismo direcionado a mulheres negras amazônidas, sobretudo na contemporaneidade.

O impacto da militância, dos estudos e do feminismo negro emancipacionista na vida de uma educadora amazonense

Elizangela de Almeida Silva & Arminda Rachel Botelho Mourão

O relato tem como objetivo fazer uma exposição das vivências enquanto mulher negra que encontra nos estudos e na militância um norte para contribuir socialmente na luta contra o racismo, o machismo e demais formas de opressão. O tempo, na exposição, é cronológico e busca fazer relação entre a prática social, as experiências de vida e o contato com a teoria da luta emancipacionista, a qual fundamenta a prática atual tanto como pesquisadora, quanto como educadora da rede estadual de ensino.



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

Escrevivências na sala de aula: experiências docentes de professoras negras na cidade de Maués, no Amazonas

Maria Rutimar de Jesus Belizario & Viviane Barreto Souza

O presente texto tem como proposta apresentar relatos de experiências, com objetivo de repensar as práticas de ensino de sociologia e metodologia a partir da literatura de atores indígenas e negros, em conformidade com as leis 10.639/2003 e 11.645/2008. Para tanto, utilizaremos as obras *Quarto de despejo*, da escritora Carolina Maria, e *Metade cara, metade máscara*, da escritora Eliane Potiguara, como textos geradores, bem como os relatos da realidade sociológica dos estudantes subsidiados pelas escrevivências (Conceição Evaristo). A escrita da mulher negra não tem a função de adormecer a Casa Grande. Pelo contrário, é uma escrita que incomoda, que perturba, como destaca Conceição Evaristo. A partir da leitura dessa realidade e do contexto em que ocorrem as práticas docentes das professoras negras de sociologia, da Rede Estadual do Amazonas, e de metodologia, do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Amazonas, campus Maués, pretende-se compreender de que modo essas práticas podem contribuir para o fortalecimento das estratégias de resistência das mulheres negras Amazônicas. Ter como suporte teórico metodológico os escritos de mulheres negras e indígenas é reexistir através de um novo campo epistemológico, pensado e escrito por nós, colocando-nos como autoras e não como coadjuvantes.

O ecoar da voz de uma professora preta do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, campus Maués

Nilton Paulo Ponciano & Iara Batista da Silva

O ecoar das vozes negras no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, campus Maués, foi silenciado desde sua criação, no ano de 2010. O silêncio se deu na medida em que não se dialoga, de forma efetiva, acerca de questões sobre uma educação antirracista e que exponha claramente as lutas da população negra para a conquista dos espaços sociais nessa cidade no interior do Amazonas. Este trabalho apresenta a narrativa de uma professora de Língua Inglesa, preta, que, de maneira potente, lutou e luta para ocupar o espaço nessa instituição de ensino. Pouco se fala das questões da população negra nesse ambiente de ensino, o



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

que se dava apenas no dia da Consciência Negra e de forma lúdica. O diálogo passa a ser refletido por parte da professora, que reserva tempo em suas aulas, para estabelecer, de forma dialógica, reflexões sobre a importância de lutar e defender o lugar de fala, assim como resistir para ocupar espaços sociais por aqueles que são excluídos pela cor da pele e por seus traços afrodescendentes. Entre os estudantes que apresentam “baixo rendimento” no campus Maués, a maioria são pretos. É necessário romper com esse silêncio e lutar para que as vozes ecoem; e através da história de vida de uma ‘PROFESSORA PRETA’, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico – PPGET, atualmente Coordenadora Geral de Ensino, que desde sua inserção, via concurso público, defende e participa de seleções de alunos ingressantes por meio das cotas, assim como defende e luta para que alunos pretos do campus Maués sejam favorecidos com os recursos de assistência ao educando, pretende-se apresentar a narrativa de sua trajetória de vida, para encorajar outros a resistirem e ocuparem os espaços que por competência nos pertencem.

Relato de experiência da trajetória e vivência na cultura *HipHop* do Amazonas

Maria Aparecida Trindade (Cida Aripória)

Trajетória e vivência na cultura *HipHop* do Amazonas, há 18 anos incentivando o empoderamento através do *Rap* (música) e produção cultural protagonizada por mulheres e para mulheres. O quanto é importante essa visibilidade para o enfrentamento ao machismo, sexismo, misoginia e violência dentro da periferia onde a atuação do *HipHop* é latente e tem muita representatividade na comunidade, despontando talentos dentro dos quatro eixos do *HipHop* (*Rap, Break, Dj e Graffiti*) para vários lugares da cena amazonense.

Corpo artista de memórias e ancestralidades

Ana Cléia Neri Alves

Meu “ativismo” teve início no final dos anos 80 na cidade de Manaus, cidade que tenho orgulho de fazer parte, orgulho de ser mulher de ancestralidade construída por mulheres fortes, guerreiras, sobreviventes e que resistem através do sangue e memória na minha pele. Costumo dizer que quando eu chego aos lugares, quando eu faço a minha arte-militância eu trago toda a minha herança, eu trago todas as



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

mulheres e homens que desbravaram caminhos e que lutaram por liberdade e por direitos. Meu corpo amazônida é um corpo político, um corpo que faz da sua arte um ativismo constante e esse “ativismo” é um estímulo para continuar na construção por liberdade, dando visibilidade a nossa riqueza cultural e identidades, um corpo que luta e que combate o racismo, preconceito, intolerância e violências. Corpo que busca estar junto de pares que também possam juntos, para se fortalecerem e formar uma cadeia, uma corrente, um alimentando o outro com experiências e ações, para continuar esse ciclo de energia fortalecedora “artista”. A dança é o meu primeiro segmento artístico, o segmento que me abriu as primeiras portas para o entendimento como mulher artista, atuante com o meu corpo político. A dança me estimulou para buscar minha militância e esta me abriu muitas portas e oportunidades para conhecer, experimentar e viver momentos de grandes aprendizados e oportunidades para contribuir para o despertar de outros ativismos. Fez-me perceber que a busca por conhecimentos, através da vivência com os grupos, associações e movimentos sociais era e é muito importante para entender melhor como podemos realizar algumas mudanças de pensamentos e desconstruções incutidas na nossa cultura desde que nascemos. Proporcionou-me estar ao lado de pessoas como Nestor Nascimento, um homem guerreiro, de fala mansa, que eu via nos eventos, nas praças em atos políticos e manifestações artísticas. Através de seu discurso, Nestor Nascimento conseguia reunir artistas, produtores, políticos e donas de casa em muitos lugares de Manaus. Sua ideia de criar um movimento foi o importante início de uma organização de pensamentos, desejos, ideais, realizações e ações. Nestor, homem negro, militante e advogado, que atuava nas causas dos direitos humanos, principalmente nas causas sociais do povo negro do Amazonas. Ter também a oportunidade de estar nos grupos de dança em Manaus como o *Ballet* Experimental de Dança do Amazonas, GEDAM, Renascença, Contem Dança, *Ballet* da Barra foram momentos importantíssimos para o amadurecimento e a percepção sobre a valorização da cultura amazonense. Vivências e oportunidades com o Grupo Afro-ameríndio Malungo Dudu, Escada sem Degraus, Maracatu Eco da Sapopema, Baque Mulher Manaus e Pedra Encantada me oportunizaram o entendimento do pertencimento e identidades afro-ameríndias. Estar nesses grupos me ajuda e estimula para que eu possa, cada vez mais, procurar entender porque ainda somos um povo com tanta riqueza cultural, mas, ao mesmo tempo, muitos artistas ainda não



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

conseguem entender sobre questões de identidade, autoestima e ancestralidades. As inquietações e as reflexões sobre questões como o combate ao racismo, discriminação, preconceito, intolerância religiosa e violência contra as mulheres e ao movimento LGBTQI+ me estimulam para estar em frentes de lutas que precisam ser ocupadas com os movimentos sociais com mulheres negras e afro-ameríndias como, por exemplo, ser membra do Fórum de Mulheres Afro-ameríndias e Caribenhas, Fórum Permanente de Mulheres de Manaus, Núcleo Quilombo Petista, oportunidade importantíssima de estar com a Frente Nacional de Mulheres no *Hip Hop* só me fortalecem. Minha arte e ativismo precisam estar nesses lugares; meu corpo amazônico precisar falar para os outros corpos amazônicos que ainda não conseguiram se alertar para o entendimento de seu lugar, de suas identidades amazônicas. Meu corpo artista amazônico necessita falar por minhas ancestrais indígenas que sofreram e foram silenciadas, muitas não puderam manter suas identidades étnicas até para que pudessem resistir, sobrevivendo um pouco mais, em uma época em que ser indígena e negro no Brasil colônia era indicador de ser visto como homem escravizado e mulher escravizada. Outras, como minha avó materna, foram induzidas e orientadas a não revelar de onde veio, de onde seus pais vieram e os pais de seus pais também, mas é visível ver os traços indígenas em seus corpos. Meu corpo artista amazônico ainda está aqui, vivo e atuante, resistindo a uma pandemia da doença Covid-19, que ainda mata aqueles mais vulneráveis, esquecidos e sem políticas públicas que os alcancem mais rápida e efetivamente. Por todos os meus ancestrais, povos originários desta terra invadida e saqueada, eu me levanto, eu me levanto, eu me levanto.

SIMPÓSIO TEMÁTICO 11: TERRITÓRIOS NEGROS, INTERSECCIONALIDADE E IDENTIDADE

Coordenadores/as: Alyne Fernanda Cardoso Reis & Jéssica Cristina Alvaro de Oliveira

Resumo: A partir das análises socioterritoriais, este simpósio temático tem por objetivo reunir pesquisadores/as e/ou ativistas para discutir e refletir sobre temas relativos aos estudos da produção negra nos territórios. Estes são locais para repensarmos estruturas urbanas e as relações sociais brasileiras sob a ótica da



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

identidade da população negra nesses espaços. Portanto, são lugares de formação de patrimônios culturais materiais e imateriais, de formas de expressão artísticas, do saber-fazer, da territorialidade e dos movimentos de resistência às imposições da cultura dominante, no contexto da diáspora africana. Ainda no contexto da diáspora, é importante compreender como uma matriz de dominação - ou seja, lugar onde as opressões interseccionais se originam, se desenvolvem e estão inseridas - articula diferentes sistemas de opressão, tais como raça, classe, gênero, idade, orientação sexual, dentre outros que interferem nos territórios. Com isso, o espaço não pode ser entendido apenas pelos objetos que o constituem, de natureza palpável, mas por sua própria dinâmica, construída a partir dos sujeitos que o ocupam. Assim, serão aceitas propostas em andamento ou concluídas, que compreendam as diferentes expressões da cultura negra nos territórios.

TRABALHOS APRESENTADOS

Pretademia: narrativas negras estéticas

Karine de Souza Silva, Luana Alves da Silva & Thais Alana dos Santos Pereira

O objetivo desta proposta é apresentar o resultado da experiência do processo de desenvolvimento da identidade visual do *site* e das redes sociais da plataforma *Pretademia*. A *Pretademia* é uma plataforma cujo objetivo é divulgar e tornar acessível pesquisas, experiências e narrativas sobre mulheres negras. Na apresentação, traremos nossa experiência de criação a partir das trocas realizadas nas discussões do grupo de pesquisa acerca da epistemologia feminista negra e o processo de desenvolvimento de narrativas visuais, enquanto forma de conhecimento. Dentro do projeto *Pretademia*, desenvolve-se a pesquisa *O estudo sobre mulheres negras*, que reflete sobre os estudos que abordam raça e gênero através de uma perspectiva interseccional, para uma investigação mais ampla da quantidade e relevância do tema mulher negra no Brasil em teses e dissertações. O projeto é um processo de aquilombamento para construção de saberes de e para mulheres negras de dentro do espaço acadêmico.



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

Resistência quilombola na Amazônia: identidade e cultura na comunidade de Itacoã Miri no Acará-PA

Gisely de Nazaré Freitas da Silva & Giany de Nazaré Freitas da Silva

Esse trabalho tem como proposta relatar a experiência vivenciada durante pesquisa de campo na comunidade de Itacoã Miri, no Acará-PA, em julho (2019), em um período de quatro dias, nos quais foi possível compreender como a identidade e a cultura negra se (re)constroem no cotidiano dos quilombolas. Considerando a cultura como uma reunião de conhecimentos aprendidos e repassados aos seus semelhantes no decorrer do tempo, foi constatada em Itacoã Miri uma herança cultural que atravessa gerações em diversos aspectos, como: a religiosidade, a culinária, as festas e os ritmos regionais, por exemplo, o carimbó. Contudo, muito da identidade local está sofrendo intervenções, como a questão da religiosidade, que vem sendo afetada por grupos cristãos evangélicos. A desconstrução de uma religiosidade local e herdada durante gerações vem enfrentando resistências para sua permanência.

Branqueamento do território e disputa de lugar na Praça da Harmonia

Stéfany dos Santos Silva

A região central da cidade do Rio de Janeiro, em especial a zona portuária, é um território historicamente marcado por uma ocupação majoritariamente negra. Essa comunidade, que começou a se formar no final do século XIX, foi batizada pelo artista Heitor dos Prazeres como Pequena África, nome que permanece no imaginário sobre a região. É nesse território negro que se situa a Praça da Harmonia, palco de grandes eventos do passado, como a Revolta da Vacina (1904), e das manifestações culturais e experiências espaciais negras, que atravessam o século e se reinventam no presente. No contexto recente de transformação urbana, mobilizada pelo *Projeto Porto Maravilha* (2010-2021), a zona portuária se transforma em cenário de uma disputa tensionada de um lado pelos poderes hegemônicos e do outro pelos atores locais, pesquisadores e movimento negro, no processo de significação desse território. O presente artigo tem por objetivo investigar essa disputa a partir do recorte espacial específico da Praça da Harmonia, tendo como metodologia a análise das representações gráficas e audiovisuais dos empreendimentos associados ao *Projeto*



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

Porto Maravilha e das grafagens espaciais das práticas culturais negras, processo conceituado como disputa de lugar.

SIMPÓSIO TEMÁTICO 12: MEMÓRIA E SABERES ANCESTRAIS DE MULHERES PARTEIRAS E BENZEDEIRAS NA AMAZÔNIA

Coordenadores/as: Ana Lídia Nauar, Rosângela da Silva Quintela & Caroline Barroso Miranda

Resumo: Neste simpósio, temos interesse em evidenciar as vivências, as escrevivências, as discussões, as interfaces entre identidade, classe, raça, gênero, ancestralidade, saúde mental, organização social/movimento social local e regional, religiosidade e saúde reprodutiva que marcam as mulheres negras Amazônidas, assim como também debates dentro do feminismo interseccional e feminismo negro realizados por pesquisadoras nortistas. O Brasil é caracterizado pela diversidade e a Amazônia não é diferente. São múltiplas identidades e ancestralidades. A historiografia omitiu a presença negra na Amazônia e somente no início dos anos 2000 é que os primeiros estudos, discutidos nas universidades como UFAM e UFPA, pesquisas como *O fim do silêncio: presença negra na Amazônia*, de Patrícia Sampaio (2012), apontam para uma diáspora negra na região amazônica. As mulheres negras continuam enfrentando a invisibilidade imposta a partir do senso comum, reafirmando sua presença e resistência nas lutas contemporâneas enquanto horizonte das forças ancestrais vindas das florestas e das águas, das pretas e dos pretos que compartilham saberes e histórias.

TRABALHOS APRESENTADOS

Relatos de experiências sobre as vivências de uma parteira no interior da Amazônia

Ana Cleide Gonçalves de Oliveira, Catarina da Silva Moreira
& Socorro Assunção Cunha

O estudo sobre as identidades das mulheres parteiras e benzedoras na Amazônia coopera para a visibilidade de saberes ancestrais de grande importância social e cultural, principalmente em locais de ausência de políticas sociais voltadas para o público feminino. Esta pesquisa objetiva contribuir com o debate a respeito das



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

memórias e saberes ancestrais das mulheres parteiras e benzedeiros, refletindo sobre suas contribuições sociais e históricas. Para isso, desenvolveu-se coleta e análise de relatos de memórias sobre as vivências da parteira Maria Bibiana Silva Assunção (1922-2011), no município de Santa Bárbara do Pará. A metodologia abrangeu entrevista virtual, com apoio de materiais tecnológicos, com mulheres que foram assistidas pela referida parteira. Os relatos coletados são fontes importantes para conhecimento e reflexões sobre as contribuições históricas e sociais das mulheres parteiras, como também são conhecimentos acerca das identidades dessas mulheres no contexto da Amazônia paraense, conforme orientação teórico-metodológica de George Duby (1987) e Carlos Ginzburg (1987).

Rezadeiras, rezadores e parteiras: impactos do ofício tradicional de cura na saúde pública do município de Tapauá

Cristina Barbosa de Almeida & Claudina Azevedo Maximiano

O conhecimento e a prática tradicional de cura são questões que se destacam quando se discutem os equipamentos do estado que atendem à saúde na Amazônia. O objetivo deste texto é apresentar os resultados da pesquisa realizada com rezadeiras, rezadores e parteiras na cidade de Tapauá/AM, considerando os impactos da ação desses agentes sociais no contexto da saúde pública municipal. A metodologia foi baseada nas perspectivas das ciências sociais, tendo como referência a antropologia, com destaque para o trabalho de campo. Os resultados mostraram que os agentes tradicionais de cura produzem impactos significativos no contexto da saúde pública em Tapauá/AM. Os dados da pesquisa apontam para os conflitos relacionados ao preconceito e à falta de reconhecimento por parte dos agentes de saúde pública local quanto à aceitação e valorização da ação desses sujeitos. Os resultados da pesquisa apontam que é preciso haver um esforço para que a prática tradicional de cura seja reconhecida no contexto da política pública de saúde no município.

Mulheres indígenas no contexto urbano de Belém do Pará: trajetórias, ancestralidades e identidades

Alana Victória Lima de Oliveira & Ana Lídia Nauar

Esta pesquisa tem como objetivo compreender questões que envolvem as experiências das mulheres indígenas no contexto urbano de Belém do Pará, que fazem parte da Associação Multiétnica Wyka Kwara, fundada em 2019, atualmente



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

localizada na cidade de Ananindeua (Região Metropolitana de Belém). É importante entender como essas mulheres indígenas constroem suas narrativas, a partir das especificidades de suas vivências ancestrais, no contexto urbano, e como percebem e analisam as situações vivenciadas. O desenvolvimento da pesquisa ocorreu por meio de entrevistas, com base na metodologia da História Oral, tendo como referência estudos de Cusicanqui (1987) e Ramos Júnior (2019) e diálogo com a bibliografia sobre a temática, a exemplo de Maximiano (2013) e Pinto (2010). Dessa forma, foram constatadas especificidades com relação às diversas experiências vividas por mulheres indígenas em âmbito urbano, para além do imaginário social ligado ao exótico e a uma objetificação dos corpos dessas mulheres indígenas.

SIMPÓSIO TEMÁTICO 13: CINEMAS ENTRE NORTES: TERRITÓRIOS E CORPOS AMAZÔNICOS E NORDESTINOS

Coordenadores/as: Uriel Nascimento Santos Pinho, Fátima Luiza da Silva Santos & Naira Évine Pereira Soares

Resumo: De 2003 a 2017, o Brasil experimentou diversas políticas de descentralização da produção e circulação de audiovisual, que se abriram a realizadores de fora do centro-sul, ao mesmo tempo em que colocaram em movimento um circuito de expectativas, aderências e negações do que seriam essas “regiões” “outras” e as populações que as habitam. O objetivo deste Simpósio Temático é reunir trabalhos que se interessem por discutir as expectativas de representação no cinema e no audiovisual produzido na Amazônia e no Nordeste, que, em sua história colonial, já foram amalgamados como “Norte”, até se encaminharem para suas delimitações contemporâneas entre secas e águas grandes, violência e riqueza, tradição e vazio. Interessa-nos ver os caminhos que essas expectativas de representação audiovisual (e as políticas públicas que as tornaram possíveis) abrem, bem como as trilhas que ainda seguem fechadas para realizadores e personagens pretos, pobres e que não correspondem aos padrões de cisheteronormatividade. Interessa-nos debater, a partir de filmes e experiências afrodiáspóricas e indígenas de produção e circulação audiovisual na Amazônia e no Nordeste, fronteiras como símbolos de poder, incluindo-se as fronteiras dos corpos, que afetam uns aos outros enquanto imagens. Assim, por



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

meio do cinema, nos movemos entre territórios-geográficos e corpos-territórios, com seus relevos e políticas.

TRABALHOS APRESENTADOS

De iluminação criativa à feministas negras: experimentando o teatro do oprimido na Amazônia

Ivanilde Santos da Silva, Mayra Lopes da Conceição
& Victoria Cordeiro Santos

Nesse relato, abordamos a experiência vivida no espaço cultural Usina das Icamíabas, na cidade de Belém, no qual participamos de uma semana de experimentações artísticas em retomada das ações de forma presencial, tendo como resultado um vídeo com experimentações cênicas envolvendo as oficinas realizadas. Durante a semana, realizamos ações coletivas em inter-relação entre as oficinas de figurino, iluminação cênica e teatro do oprimido, realizadas concomitantemente. Nossa equipe desenvolveu oficina de iluminação cênica criativa a partir do Teatro do Oprimido (pesquisadora Ivanilde Silva), bem como participou das oficinas de Teatro do Oprimido e figurino (pesquisadoras Mayra Conceição e Victoria Cordeiro); estas últimas, também artistas, trouxeram seus relatos de vida para, a partir da reflexão dos referenciais de Augusto Boal, construir suas apresentações cênicas e se relacionarem com o figurino e, mais especificamente neste relato, com a iluminação cênica. A artista Victoria trouxe como referência o olhar sobre o patriarcado, observando com detalhe "o lugar da mulher" na sociedade, reconfigurando-o através do feminismo para mostrar a força da mulher; sua performance foi constituída a partir de intervenções da luz. A artista Mayra Conceição abordou uma vivência muito particular às mulheres - a menstruação, com todo o simbolismo que ela representa -, construindo sua encenação com outras situações onde o corpo feminino é indiscutivelmente atacado, silenciado ou eliminado. A iluminação construída foi pautada nesse contexto, com o domínio da cor vermelha banhada em tudo. A construção e a iluminação cênica foram cruciais para a concretização das propostas. Abordamos, assim, o processo de construção das cenas a partir dessas relações corpóreas e visuais com a iluminação e outros indutores, refletindo sobre a construção poética envolvendo o trabalho das artistas e da luz proposta pelos participantes da



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

oficina de iluminação cênica criativa, apontando, entre outros elementos, de que maneira a luz contribuiu no processo criativo e na realização das suas performances.

Tratando das minhas feridas me tornei roseira: um gesto decolonial em Tremor lê

Nayla Tavares Guerra

Debruçamo-nos sobre o filme cearense *Tremor lê* (2019) para investigar a possibilidade de linguagem e estética decoloniais. A obra mostra o reencontro de Cássia e Janaína, anos depois que esta foi presa em uma manifestação. Juntas, elas elaboram um plano de sequestro dos restos mortais do General Castelo Branco, para negociar a soltura das demais companheiras. A metodologia da análise fílmica, juntamente do cotejo da bibliografia, permitiu a definição de três eixos de análise. O primeiro deles é o aspecto da coletividade, dado que a noção de autoria neste longa é completamente borrada. Seu processo de produção é essencialmente coletivo, fundindo-se às experiências das membras da equipe em coletivos de militância negra, sapatão e feminista. O segundo eixo analisado é a presença da oralidade, estratégia adotada para não reproduzir na tela a violência apresentada. Essa estratégia nos convida a evocar nossas próprias imagens de violência, acionando nossas memórias pessoais que se conectam com o filme. Por fim, analisamos a estrutura temporal fragmentada, que se conecta com o tempo espiralar. Ao fragmentar toda a narrativa e embaralhar as cenas, *Tremor lê* rompe com a crono-normatividade, instrumento de dominação epistêmica dos sujeitos subalternizados, apresentando um caminho de enfrentamento decolonial no cinema. Concluímos que a obra se insere no bojo do movimento epistemológico da decolonialidade, não apenas espelhando-a, mas participando ativamente de sua construção.

Cinemas de mulheres em Rondônia

Alan Gomes Freitas & Michelle Barbosa Andrews

Recorrendo a fragmentos de conversas com as mulheres realizadoras do território, este artigo atenta, principalmente, para as características, perturbações e desejos de um cinema rondoniense nascente, feito por mulheres. Michele Saraiva, Simone Norberto, Raíssa Dourado, Angélica Menezes e Marcela Bonfim são as amadoras de cinema com quem proponho dialogar a respeito de seus filmes já realizados ou em



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

processo. Por que abordar filmes rondonienses feito por mulheres e somente eles? O sentido de conjugar iniciativas fílmicas tão variadas se deve ao fato de todas elas se empenharem, a seus modos, na criação de imagens e sons habitados pela escuta, pela memória, pelo encontro, pelo desejo e, por que não, pelo encantamento da beira do rio e das vidas nas florestas. Também me interessa o fato de que os filmes são realizados por mulheres que atuam, em diversas frentes, pela consolidação de uma cena cinematográfica local. Seus filmes delas dizem alguma coisa das minhas investigações; portanto eles são pontos de partida que me ajudam a me reencontrar.

Experiência Luz e a recontação de histórias de assombração na cidade de Belém

Ivanilde Santos da Silva

O projeto *Experiência Luz e a Recontação de Histórias de Assombração na cidade de Belém*, de Ivanilde Silva, foi um projeto premiado no *Edital Juventude Ativa do Movimento de Emaús*, através da Lei Aldir Blanc. O projeto visitou espaços comunitários da cidade, realizando rodas de conversas, resgatando histórias de assombração e vivenciando as experiências com iluminação cênica criativa que eu denomino: experiências luz. Trata-se de um ato de reencontro das tradições orais, resgate de memórias, sentimentos e sensações, na busca de construção de uma poética baseada na mistura de experiências luz em interface com as histórias de assombração na cidade de Belém. Dessa experiência resultou um vídeo, demonstrando como a luz cênica foi utilizada para estabelecer a conexão com a cultura oral através das histórias de assombração e a síntese das relações vivenciadas através de experiências luz e recontação de histórias de assombração, durante o percurso nos espaços comunitários da cidade de Belém. Nos tempos atuais que estamos enfrentando, com isolamento social e concentração das pessoas em casa, as rodas de conversa são mecanismos para explorar as potencialidades das relações. Ao experimentar a luz como estímulo indutor para o processo de criação e composição cênica, os participantes permitem-se aflorar suas ancestralidades, com as quais se tornam elementos constitutivos desse processo.



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

SIMPÓSIO TEMÁTICO 14: LITERATURA AFRO-LATINA E CARIBENHA: INTERLOCUÇÕES, DIÁSPORAS, RESISTÊNCIAS E NEGRITUDES

Coordenadores/as: Cristian Sales (UNEB) & Margarete Santos (UNEB)

Resumo: Este simpósio apresenta-se como um espaço para reflexão, discussão e divulgação de estudos teóricos e/ou crítico-analíticos sobre as literaturas produzidas no Atlântico Negro. Na América Latina e Caribe, as literaturas afrodescendentes se convertem em uma ferramenta estratégica para o exercício da produção de conhecimento (poemas, contos, romances, peças de teatro, novelas, ensaios etc.), instaurando uma ruptura radical com os padrões instituídos pela colonialidade de poder, do saber e do ser (QUIJANO, 2000; MALDONADO-TORRES, 2016). Dessa maneira, artistas, ativistas, feministas, escritoras/es e intelectuais afro-latinas/os e caribenhas/os foram e continuam a ser uma inspiração para “sonhar, pensar, refletir e relembrar” trajetórias distintas de certas lutas raciais e formas de resistência. (SOMMER, 2018, p. 375). Diante dessas possibilidades, seguindo a linha argumentativa e epistêmica da “Amefricanidade” proposta por Lélia Gonzalez (1988a), esperamos visibilizar/conectar vivências e “experiências históricas comuns” de vidas negras nos mais diversos países: Argentina, Brasil, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Haiti, Uruguai, Venezuela, Porto Rico, entre outros, pois, conforme nos ensina Geri Augusto (2017), “a língua não deve nos separar”. À vista disso, o simpósio visa congrega pesquisadores/as que tenham interesse em divulgar resultados de pesquisas já concluídas ou em andamento, com foco naquelas que abordem os seguintes campos temáticos: diáspora, ancestralidade, memória, história, resistência, negritude, raça, racismo, gênero, corpo e identidade.

TRABALHOS APRESENTADOS

O *abèbè* na con(tra)temporaneidade: reverberações e reflexos nas Américas

Hildalia Fernandes Cunha Cordeiro

Esta comunicação objetiva compartilhar estudo parcial de algumas respostas dadas por mulheres negras iniciadas e não iniciadas à indagação: o que pode um *abèbè*?



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

Tal indagação é uma provocação à pergunta feita, originalmente, por Todorov (2009): “o que pode a literatura?”. É de bom tom mencionar que as respostas compartilhadas neste ensaio são parte constituinte da tese, ainda em construção, intitulada *Literatura Abèbè: uma abordagem teórico-crítica negra perspectivada para ler Toni Morrison*. Essa noção concebe o legado mencionado como escrita de afirmação da mulher negra, em busca de rotas de fuga e esquiva das tentativas diversas de aniquilamento do racismo, e que aponta caminhos para o empoderamento e para a emancipação. Interessa-me, neste ensaio, refletir de que forma a ferramenta litúrgica que dá nome à abordagem é concebida pelas *sistah* (KILOMBA, 2019) nas *Américas* (GONZALEZ, 1988) no tempo atual, denominado por Carrascosa (2014) de con(tra)temporâneo. Sendo o *abèbè* uma espécie de leque com espelho (ou de leque e espelho), é meu desejo, ainda, refletir sobre os caminhos que esse instrumento percorre historicamente, distanciando-se do vocábulo original em yorùbá – *dígí* (espelho), a ponto de ser impossível, em solo brasileiro, ser reconhecido como tal. O *abèbè* é pensado, nesse contexto, como simbologia fundante, na tentativa ininterrupta de organizar a luta e o levante. Intento, também, compreender de que forma as minhas irmãs, mulheres negras, em permanente dispersão, além de conceberem tal ferramenta, acabam por fazer uso desta em seus cotidianos. Para melhor acompanhamento da complexidade originada nas respostas disponibilizadas, buscarei respaldo nas produções teóricas feministas negras, tendo a noção de “abebelidade” proposta por Sales (2018), bem como os espelhos de *Oxum* e *Iemanjá*, teorizados por Conceição Evaristo (2019), como principais fundamentos para mergulhar nessas zonas abissais de memórias profundas, que atravessam oceanos em águas rubro-negras, posto que, tingidas de *èjè* (sangue), se encontram desde o primeiro traslado forçado. Outras autoras convidadas para compor este delicado mosaico são: Beatriz Nascimento e Ana Maria Gonçalves (2006), Leda Maria Martins (2002), hooks (2019) e Lorde (2019; 2020), concebendo a “experiência vivida como critério de significação” (COLLINS, 2019). Essas teóricas arrematarão, com precisão, as memórias que vêm sempre das águas, sopradas pelo vento, nos deixando ora à deriva, ora em direção a portos nossos, para os quais sempre retornamos. Meu intuito é acessar e conhecer o que cada *sistah* entrevistada entende acerca do alcance da ferramenta litúrgica ancestral escolhida, visto que isso auxilia, sobremaneira, acessar e conhecer, também, como tal paramenta ecoa em cada uma de nós, mulheres negras



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

espalhadas e (re)unidas pelas águas diaspóricas, e de que forma ela aponta caminhos repletos de sinalizações sobre processos de (auto)amor e autorrecuperação (hooks, 2019). Meu desejo final, com a escrita da tese, é que a proposta apresentada tenha o poder de alargar, diversificar, enriquecer e pluralizar a teoria e crítica literária negra, o que considero de mais dignificante em todo o trabalho.

Perspectivas acerca das escritas e dos corpos de mulheres negras na América: analisando *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves, e *Jonatás y Manuela*, de Luz Argentina Chiriboga

Júlia Dias da Silva

As escrituras de mulheres africanas e amefricanas compõem uma cartografia de histórias e narrativas disruptivas que rasuram concepções embasadas pelo racismo, pelo patriarcado, pela heteronormatividade, entre outras violências coloniais contra os povos originários e negros. As escritas de mulheres negras, portanto, insurgem como recriações de nossas memórias coletivas e individuais e ampliam o sentido de existência para nós, sujeitas, sujeitos e sujeitos negres. Neste artigo, intento aproximar duas obras produzidas por escritoras negras distantes geograficamente, contudo muito próximas pela literatura. As conexões de escritas afrodiaspóricas apresentadas dar-se-ão a partir da amefricanidade, conceito tão caro, cunhado por Lélia Gonzalez, e da seguinte afirmação de Geri Augusto: “a língua não pode não separar”. Cabe salientar que as produções literárias e intelectuais de mulheres negras na América Latina é um movimento amplo, com suas nuances, rico em diversidades poéticas e narrativas. No entanto, aqui, serão analisadas e aproximadas narrativas produzidas no Brasil e no Equador, em diálogo com mulheres negras que escrevem desde diferentes espaços-tempos na afrodíaspóra.

A maternidade negra apresentada por Carolina de Jesus em *Diário de Bitita*

Érica de Souza Oliveira

Diário de Bitita, de Carolina Maria de Jesus (1914-1977), narra a trajetória da narradora-personagem mediante um conjunto de memórias do período pós-escravista, ao grafar suas experiências como mulher negra naquele contexto e ao evidenciar as vivências de outras mulheres negras da época. Entre as cenas de descaso experimentadas pela população periférica, a escritora destaca a relação



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

afetiva entre ela e sua mãe. Na obra, através dos relatos, a autora agencia um espaço de reflexão para revelar as opressões de gênero e raça em seu contexto, produzindo um conhecimento a partir de suas experiências. Desse modo, Carolina Maria de Jesus, em *Diário de Bitita*, possibilita outras leituras para a imagem maternal de mulheres negras. Tendo como âmago as relações familiares, as narrativas apresentam um resgate da cultura ancestral negra, uma vez que, em momentos de afetividade, a autora afirma um local de existência de núcleos familiares centrados na figura de mães negras. A escritora dribla um imaginário colonial que impossibilitou às mulheres negras serem mães, terem famílias e cuidarem de seus filhos, mecanismos que tentavam promover o apagamento de sua prole na construção da cultura nacional e apresentá-las no discurso de escritores consagrados apenas como corpo-objeto, corpo-sexual e corpo-trabalho. O trabalho em questão apresenta um recorte da pesquisa concluída sobre as imagens de maternidades negras nas obras de Carolina Maria de Jesus. Para a pesquisa, foram utilizados os aportes teóricos de Gonzáles (1983), Del Priore (1993), Evaristo (2005, 2009), Davis (2013), entre outras.

Escrita de foro privado por mãos de uma mulher negra: o gênero diário no legado de Carolina Maria de Jesus

Verônica de Souza Santos

Quarto de Despejo: diário de uma favelada (1960), *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1961), *Diário de Bitita* (1986, 2014) e *Casa de Alvenaria - volume 1: Osasco* (2021) e *Casa de Alvenaria - volume 2: Santana* (2021) são publicações da escritora Carolina Maria de Jesus, mineira da cidade de Sacramento. Com base nos princípios da Crítica Textual e da Filologia, tecemos alguns pontos de discussão a partir do cotejo entre diferentes suportes, sejam eles manuscritos e edições diversas de uma mesma obra, demarcando elementos que interferem no processo de compreensão dessa obra, da autora e seu processo de criação textual, em paralelo às escolhas editoriais adotadas pelos editores das publicações, para, então, compreender as nuances respectivas ao gênero diário. Esse gênero se delinea no escopo de uma estrutura que rompe com propostas tradicionais do texto e apresenta paradigmas próprios de concepção, com o propósito-fim de, estrategicamente, se localizar como denunciante e até mesmo como ferramenta para a (re)constituição de sincronias de povos historicamente subalternizados. Em razão da extensão deste



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

trabalho, é impossível que se dê conta de todos os contextos que ele depreende. Assim, iniciamos o debate - que deve se alongar em outras oportunidades – selecionando alguns critérios subjacentes à história social da cultura escrita, enfatizando que D. Carolina Maria de Jesus é uma escritora que subverte o processo editorial tradicional, indicando a necessidade de adoções peculiares no tratamento do seu texto, não por rasurar o cânone, mas por ser ela o próprio cânone.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; *Casa de Alvenaria*; História da cultura escrita; Filologia; Processo editorial; Transmissão de textos. Gênero “Diário”.

Projeto de e-book *Negritude em poesias*

Antônio Paulino dos Santos; Ronilson de Sousa Lopes & Francine Pereira Rebelo

O projeto *Negritude em poesias* teve como objetivo reunir um grupo de poetas e poetisas do município de Lábrea e/ou de outros municípios, prioritariamente da região Norte. O intuito do projeto foi produzir textos voltados para a temática da negritude e publicar um livro, em formato digital e físico, através do Clube dos Autores, para participar do *X Simpósio SERNEGRA*. Além disso, o grupo reflete sobre a temática racial, socializa obras com temas de autores e autoras negras e realiza algumas produções artísticas em formas de poesias. O livro reúne poesias de autores e autoras do Amazonas, trazendo voz para uma negritude muitas vezes escondida, acobertada pelas diversas misturas étnicas presentes no Brasil.

Irmãs Nardal e Suzanne Césaire: mulheres negras na negritude

Ricardo Silva Ramos de Souza

O movimento da Negritude francesa ficou reconhecido pela atuação de Aimé Césaire, Leopold Sédar Senghor e Leon Damas, frisando a solidariedade entre os negros, a valorização do ser negro e a luta contra o colonialismo. Entretanto, a história da Negritude não registra o protagonismo exercido pelas mulheres negras martinicanas Paulette Nardal, Jane Nardal, conhecidas como Irmãs Nardal, e Suzanne Césaire. As Irmãs Nardal, em Paris, desenvolveram pensamento crítico em seus ensaios, antecipando questões que seriam caras à Negritude, criaram um salão literário que proporcionou o encontro de negros do Caribe, da África e do Harlem Renaissance, e Paulette Nardal foi coeditora do jornal *La Revue du Monde Noir*. Suzanne Césaire foi



Négritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

coeditora e ensaísta da revista *Tropiques* (1941-1945), na Martinica; seus ensaios antecipam questões sobre a alienação e identidade antilhana, que seriam trabalhadas por Frantz Fanon e Edouárd Glissant. Pretende-se desenvolver uma análise dos ensaios dessas mulheres martinicanas, apoiada na categoria de amefricanidade, de Lélia Gonzalez, para reflexão acerca do lugar das mulheres negras na produção de conhecimento, tendo como exemplo as experiências de Paulette Nardal, Jane Nardal e Suzanne Césaire, com suporte teórico de autores como T. Denean Sharpley-Whiting (2002), Jeremy Braddock e Jonathan P. Eburne (2013), Suzanne Césaire (2021), Brent Edwards (2003), Grada Kilomba (2019), Lélia Gonzalez, entre outros.

Memórias guianenses em *Comme un clou dans le coeur*, de Emmelyne Octavie (2018)

Dennys Silva-Reis

Emmelyne Octavie é uma jovem voz da poesia da Guiana Francesa. Assim como muitos autores do Departamento Ultramarino francês da América Sul, sua arte literária ainda é pouco conhecida e difundida entre os estudos francófonos no Brasil. Assim, visa-se apresentar ao público brasileiro parte de sua obra e pôr em contato estudiosos com a poética de Octavie. Para isso, este trabalho se debruça sobre a antologia poética *Comme un clou dans le coeur* (2018) e analisa as questões literárias complexas e interseccionais na Guiana Francesa, como a tríade identitária (a identidade negra, a identidade guianense e a identidade amazônica) e uma vivência comum aos países da América do Sul: o colonialismo. Dessa forma, almeja-se conectar os estudos da literatura da Guiana Francesa com os estudos de outras literárias latino-americanas, nas quais esmiúçam-se nítidas semelhanças.

Interloquções literárias: escritoras haitianas em resistência

Margarete nascimento dos Santos

Pensar o Haiti a partir da sua produção literária é uma forma de investigar e compreender as linhas da sua história. Nas últimas décadas, o Haiti viu o despertar de escritoras que, através de suas produções, desejam mudar os tons que colorem o país. Elas nos mostram que é possível falar sobre dor, violência, política e trauma com leveza e poesia, sem perder o senso de emergência das temáticas abordadas. As escritoras haitianas fazem da literatura um lugar de reflexão e resistência, dando voz



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

a personagens femininas que precisam romper com as expectativas que a sociedade patriarcal exerce sobre elas. Espera-se que esse corpo feminino adote uma atitude que lhe dê o direito de desempenhar um papel social e é precisamente isso que essas escritoras desmistificam. Para melhor estabelecer essa reflexão, analisaremos os trabalhos das escritoras Yanick Lahens e Kettly Mars, que nos dão pistas para melhor compreender o papel das mulheres na sociedade haitiana. Elas refletem sobre o corpo negro das mulheres haitianas, que, apesar da violência, devem se reinventar e construir um lugar onde possam se tornar protagonistas de suas vidas. Analisaremos também os mecanismos utilizados por Lahens e Mars para realizar as discussões sobre representações de poder, gênero e raça e os caminhos encontrados para estabelecer um espaço de fala da mulher haitiana.

Violência e subversão em *Fe en disfraz*, de Mayra Santos-Febres

Eliene Santana dos Santos

Essa pesquisa objetiva examinar as representações das mulheres negras encontradas no romance *Fe en disfraz* (2009), da escritora negra porto-riquenha Mayra Santos-Febres. Nesse romance, dentre outros temas, a escritora aborda a violência colonial relatada pelas personagens e como elas reverberam no corpo das mulheres negras na atualidade. Nesse contexto, propõe-se a analisar quais relações a autora faz entre os tempos passado e presente e como ela apresenta os paralelos, diferenças e continuidades da trajetória das personagens. Busca-se também analisar como a colonialidade do poder produziu discursos sobre corpos subjugados e como a autora reescreve os trilhos de mulheres negras nesse deslocamento decolonial na narrativa. Além disso, pretende-se apresentar quais estratégias a escritora usa na relação porosa entre o real e o ficcional, como dispositivo para criar possibilidades de subversão dentro do sistema de herança colonial, tanto na história como na literatura. A análise se embasa nos aportes teóricos de feministas como Angela Davis, Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez, Bell hooks, Djamila Ribeiro, Carla Akotirene, Grada Kilomba e Ochy Curiel; críticas literárias como Florentina Souza, Conceição Evaristo, Ana Rita Santiago e o crítico literário Luiz Silva (Cuti), que são referências no campo da literatura negra e da literatura de mulheres negras no Brasil; contribuições de filósofos e historiadores como Geovana Xavier, Frantz Fanon, Stuart Hall, Eduardo Paiva França, entre outros.



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

Palavras-chave: Decolonialidade; Mulher negra; Violência colonial; Subversão; Literatura de mulher negra; Literatura caribenha.

Poetas negras na Argentina, Cuba e Porto-Rico: assentamentos de resistência

Cristian Souza de Sales

Este trabalho apresenta uma reflexão acerca da poesia negra de autoria feminina na Argentina, Cuba e Porto Rico. Para alcançar a proposta, foram selecionadas três escritoras contemporâneas: Graciela González Paz, com sua obra *Zambeze* (2021) em; Georgina Herrera, autora de *Cabeças de Ifé* (2021) e Mayra Santos-Febres, autora de *Conjuro da Guiné* (2021). Em seguida, ecoando suas vozes de diferentes espaços-tempos, contextos geográficos e culturais, o texto argumenta como autoras negras, no labor com as palavras, audácias e recriações, tecem uma poética de resistência aos padrões definidos pelo cânone literário na América Latina e Caribe. Nessa perspectiva, evidencia-se que, com a potencialidade de suas escritas e sonoridades, as poetisas mencionadas ressignificam os modelos instituídos por uma tradição, operando um fazer literário para assentar memórias afrodiaspóricas e saberes silenciados. Cabe salientar que são coletâneas inéditas, traduzidas do espanhol para o português, desdobrando-se em um amplo e fecundo movimento de interlocuções entre mulheres negras americanas e caribenhas.

SIMPÓSIO TEMÁTICO 15: MEMÓRIA, ANCESTRALIDADE, RESISTÊNCIA: LITERATURA & OUTRAS ARTES NEGRAS

Coordenadores/as: Sandro Adriano da Silva, Pedro Henrique Braz

Resumo: Os discursos de canonização produzidos no e pelo campo literário (BOURDIEU, 1996), especialmente a universidade, o mercado editorial e sua reverberação na escola operam como silenciadores da literatura negra, seja do ponto de vista da autoria, seja em relação a temáticas, que são minimizadas, quando não apagadas (CUTI, 2010). Basta uma sondagem nos principais manuais de historiografia literária, incluindo os (poucos) que se atêm ao gênero poético, para constatar que a ausência de poetisas negras e negros indica uma exclusão anterior ao cânone, como os casos paradigmáticos de Carolina Maria de Jesus e Carlos de Assumpção. Poucas e poucos, nesse nicho social e étnico-racial, alçam



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

condições objetivas para ter uma carreira literária consolidada, a despeito das novas configurações do nicho editorial voltado à publicação de obras de autoria exclusivamente negra, como é o caso da Editora Malê, cujos precursores foram os *Cadernos negros*, no final da década de 1970. Graças a eles, nomes como Cuti, Conceição Evaristo, Solano Trindade e Abdias do Nascimento obtiveram alguma visibilidade e trouxeram a reboque as demandas do Movimento Negro por representatividade social, econômica, política e literária. Esse breve espectro histórico-literário mostra-se em sintonia com a ideia de resistência que, de acordo com Bosi (2002), origina-se no campo da ética, mas cujo sentido apela para uma determinada força, que luta e resiste contra outra força. A memória, em sentido amplo, cria um *élan* entre literatura, arte e imaginário individual e coletivo, sempre em devir, e de forma dialógica, na constituição das identidades (ASSMANN, 2011) e no registro da catástrofe e do trauma (SELLIGMANN-SILVA, 2003). A ancestralidade, tomada em seu sentido antropológico, constitui-se como patrimônio material e simbólico, reverberando uma ideia de herança cuja transmissão a converte em memória social (OLIVEIRA, 2012). Toda alteridade é antes uma relação, pois não se conjuga alteridade no singular. O Outro é sempre alguém com o qual me confronto ou estabeleço contato (OLIVEIRA, 2001). Nesse sentido, a ancestralidade é um território sobre o qual se dão as trocas de experiências sígnicas.

TRABALHOS APRESENTADOS

Kossi Efoui e os *Odús* da insubordinação e da astúcia

Daniel de Jesus dos Santos Costa

Esta proposta tem o intuito de apresentar apontamentos teóricos sobre o texto teatral *A Encruzilhada*, do dramaturgo togolês Kossi Efoui (2021). O texto conta a história de quatro personagens (Ponto, Mulher, Poeta e o Cana) que estão em busca de saídas das suas próprias encruzilhadas. O texto dramático de Kossi Efoui foi traduzido para o português pelo Grupo *En Classe et En Scène*, sob orientação da professora Dra. Maria da Glória Magalhães dos Reis, da Universidade de Brasília. No ano de 1989, a peça ganhou o *Grand Prix Tchicaya U Tam'si*, no Concurso Teatral Interamericano da RFI, pelo seu caráter de “desconcertar o público e inaugurar um novo movimento



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

dramatúrgico que rompe com os hábitos de um certo teatro africano”. As tramas epistemológicas desta análise nascem das teorias filosóficas e das discussões provenientes das cosmovisões afro-brasileiras, relacionando-as com a poética do escritor e dramaturgo africano Kossi Efoui. Portanto, o caminhar de Kossi Efoui é um movimento engajado, que propõe uma ruptura social e também poética, fundamentada na astúcia (*ruse*), na insubordinação, na revolta e na desobediência como um fator de alteridade.

Produção de roupas, fios de conta e paramentas de Orixás na cidade de Manaus/AM

Glacy Ane Araújo de Souza dos Santos

A arte religiosa nos terreiros expressa a vivência junto à ancestralidade negra/preta, ao movimento da vida, aos anseios de correspondência de artistas com o público afro-religioso e à alegria estampada no rosto ao concretizar peças artísticas. Objetivamos, com essa comunicação, apresentar pesquisa acerca da produção de roupas de santo, fios de conta e paramentas de ancestrais divinizados denominados Orixás, na cidade de Manaus/AM. Essas artes, empreendidas por artífices do "santo", carregam memórias, lutas e *expertise* dos que vivenciam a afro-religiosidade no cotidiano religioso e em seu ambiente de trabalho.

Implantação do *poetry slam* no Brasil como “espaço de acolhimento” nas salas de aula

Lindaura Simone Andrade dos Santos

Este relato de experiência tem o intuito de abordar a implantação do *poetry slam* no Brasil e como ele se apresenta enquanto “espaço de acolhimento” dentro das salas de aula. Argumentamos que o *poetry slam* ressignifica a poesia, a escola e, sobretudo, o modo como se constrói o conhecimento em uma sociedade marcada por uma desigualdade abissal, onde a fome, o silêncio e a literatura se atravessam e formam verdadeiros gritos de reexistência, através de uma experiência vivida na modalidade remota por conta da pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2. A arte, misturada com ativismo do *slam*, se insere na própria cena cultural produzida pela engrenagem sistêmica como zona de fuga para os atletas da palavra. A entrada da filosofia *slammer* em lugares institucionalmente propagadores do silenciamento provoca novos enunciados e coloca em evidência antigos sujeitos.



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

A moça de vestido amarelo: memória e ancestralidade no conto de Conceição Evaristo

Wilma dos Santos Coqueiro

Conceição Evaristo, escritora negra e de origem periférica, tem se destacado no cenário da literatura negro-brasileira contemporânea graças à qualidade estética de sua obra e à temática subversiva e crítica de seus contos, romances e poemas. Com um estilo marcado pelas “escrevivências”, ou seja, uma escrita que se alimenta da própria vivência da autora, cada vez mais tem merecido trabalhos acadêmicos e homenagens por sua obra tão poderosa e inovadora. Neste trabalho, a partir do conto *A moça de vestido amarelo*, que integra a coletânea *Histórias de leve enganos e parecenças* (2016), busca-se refletir sobre o papel da ancestralidade e da religiosidade de matriz africana no processo de formação humana, identitária e cultural da protagonista, com vistas a comprovar o comprometimento da autora com a representação da subjetividade negra e com uma arte que prima pela humanização das personagens, sobretudo as femininas.

Saberes oriundos da terra, com curas e aberturas de caminhos: as histórias contadas pelas minhas mais velhas coletadas via pesquisa de escuta

João Vítor Ferreira Nunes (João Vítor Mulato)

Inúmeras foram as crianças que cresceram mundo afora ouvindo as histórias contadas pelas bisavós, avós e mães e essas histórias foram importantes não apenas para a família, as tradições e costumes, mas também para a sociedade como um todo, tendo em vista que é possível compreender o passado, reconhecendo-as como uma verdadeira herança cultural. Assim, é importante que as reconheçamos como verdadeiras memórias arraigadas, alocadas para além do imaginário, na pele, no corpo como um todo. Nesta comunicação, viso partilhar algumas das histórias que foram entoadas aos pés de meus ouvidos, em minha tenra idade, e como elas foram significativas para que eu me descobrisse enquanto sujeito de origem étnica indígena. Faz-se mister explicitar que, em fase de estudos de doutoramento no PPGT da UDESC, acessei os porões das histórias e acampeei nos solos férteis do sertão nordestino e potiguar, para, então, resgatar as memórias dos mulatos através da realização de uma metodologia da convivência denominada pesquisa de escuta



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

(NUNES, 2020), erguendo um tripé de interlocução entre memórias de mulheres, tradições indígenas e atos performativos dançantes.

Palavras-chave: Danças ritualísticas e performativas; Memória de mulheres; Pesquisa de escuta; Tradições Indígenas.

Ismael Ivo: a resistência em um corpo negro dançante

Pedro Henrique Braz

Ismael Ivo, homem negro, de origem humilde, nascido na Vila Ema, Zona Leste de São Paulo, em 1955. Aos 66 anos, foi mais uma vítima por complicações da Covid-19, deixando seu nome e produções marcantes ao mundo da dança e da arte brasileira. Bailarino, coreógrafo, diretor, curador, intérprete e criador expressionista, Ismael Ivo envolveu sua origem e negritude ao desejo de se expressar. Cidadão do mundo: teve uma longa trajetória internacional, começando na década de 1980, quando foi convidado por Alvin Ailey, coreógrafo ativista afro-americano, para integrar sua companhia, a *Alvin Ailey Dance Center*, em Nova Iorque. Seguidamente, o bailarino fundou o festival de dança contemporânea *ImpulsTanz*, em Viena; foi diretor da companhia alemã *German National Theater* (primeiro diretor negro estrangeiro da companhia) e gestor da seção de dança da Bienal de Veneza, somando três décadas de trabalhos no exterior. Em 2017, Ismael retorna à terra natal, para sua última direção no Balé da Cidade de São Paulo, onde também foi o primeiro diretor negro. Sua carreira foi permeada de artistas importantes, como o coreógrafo alemão Johann Kresnik, o bailarino e coreógrafo japonês Ushio Amagatsu e a bailarina Marcia Haydée, o que lhe possibilitou experiências de aprendizagem. Na consciência de que seu corpo e sua dança ocupavam um espaço que negava a pele retinta e a cultura afro-brasileira, Ismael acreditava que escolheu ser artista por pura pretensão. Nesse sentido, atentando-se à comoção do público, o bailarino registrou na e pela dança sua identidade, tendo como característica as questões sociais e raciais, que objetivaram a diversificação e reflexão de seu trabalho e do público, tal que suas concepções e coreografias propunham o diálogo da relação de corpos com suas vivências e histórias. Partindo da pesquisa biográfica em artigos, entrevistas, redações, notícias e vídeos, com propósito reunir informações sobre a trajetória de Ismael Ivo, e tendo em perspectiva a sua “dança negra”, como desenvolve Ferreira (2021) ao discutir



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

sobre o corpo político de Ismael Ivo, esta comunicação objetiva dialogar sobre a trajetória de resistência e representatividade negra do bailarino na dança. Demarcado o lugar social que ocupava - “eu, homem negro” - como o bailarino costumava se apresentar, e desenvolvida sua arte de maneira política, diante da vivência atenta de uma realidade que emergiu em seu trabalho artístico, “vozes e histórias outras, características da resistência dos africanos da diáspora e da busca pelo resgate de sua própria história” (FERREIRA, 2021, p. 78) constituem sua trajetória. A exemplo, um de seus maiores trabalhos, *Delírios de uma Infância*, estreado em 1989, em Berlim, regata as vivências da criança negra de origem periférica entre memórias afetivas da vida do bailarino e sua ancestralidade negra atravessada pela escravidão. Nesse sentido, esse corpo negro dançante, vivido, amadurecido na/pela dança, como discute Vieira (2016) sobre memória, corpo e dança, apresentou-se evocando experiências, revelando uma memória que o constituiu, que o foi. Reconhecer a perspectiva e posicionamento do bailarino no decorrer de sua na dança e, por conseguinte, na sua construção estética, possibilita inferir a memória de maneira individual e coletiva.

Melancolia, silêncio e memória na lírica de Carlos de Assumpção

Sandro Adriano da Silva

Nascido em 1927, em Tietê, estado de São Paulo, Carlos de Assumpção hoje vive em Franca, no interior do estado paulista. Neto de Cirilo Carroceiro, beneficiário da Lei do Ventre Livre, analfabeto, que, na infância do poeta, junto a uma fogueira no quintal, contava ao menino histórias que se contrapunham às que o neto aprendia na escola. Filho de pai igualmente analfabeto, exímio contador de histórias, e de mãe alfabetizada, que trabalhava cozinhando e lavando roupa para fora, sendo, ainda, amante de poesia, gênero ao qual se dedicava a ponto de ensaiar poemas com as crianças da *Sociedade Beneficente 13 de maio*, para que se apresentassem nas festividades negras. Foi nessa família leitora de poemas, narradora, fabuladora e politizada, informa Pucheu (2020), que o pensamento e o imaginário do menino Carlos se formaram. Vindo a residir em Franca, já na maturidade, Carlos cursou a faculdade de letras e de direito na UNESP. Carlos de Assumpção escreve o poema que marcará sua estreia na poesia, em 1956, *Protesto*, tendo sido recitado pela primeira vez em 1958, na *Associação Cultural do Negro*, em São Paulo. Esta comunicação discute as relações entre lírica, memória e ancestralidade em Carlos de Assumpção, poeta negro



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

e autor de *Protesto: poemas* (1982), *Quilombo* (2000), *Tambores da noite* (2009), *Protesto e outros poemas* (2015), *Poemas escolhidos* (2017) e, mais recentemente, *Não pararei de gritar* (2020), que reúne esses cinco livros, acrescentando nove poemas inéditos, escritos entre 2018 e 2019, além de diversas antologias. Tomada em seu mosaico temático, sobretudo em torno da ancestralidade afro-brasileira e pela consciência do fazer poético, que enforma o legado milenar da oralidade e uma estética negra, a lírica de Assumpção vem sendo considerada uma precursora do *slam* contemporâneo, operando como um libelo militante contra o preconceito étnico-racial tão indelevelmente enraizado na cultura brasileira, bem como pela afirmação de uma memória elegíaca que reverbera (PUCHEU, 2020). A memória, em sentido amplo, cria um *élan* entre poesia e imaginário individual e coletivo, sempre em devir, e de forma dialógica, na constituição das identidades (ASSMANN, 2011). A ancestralidade, tomada em seu sentido antropológico, constitui-se como patrimônio material e simbólico, reverberando uma ideia de herança cuja transmissão a converte em memória social. Para a literatura negra, especialmente a poesia, aventamos que o imaginário revisitado repertoria determinados elementos culturais, como rastros linguísticos e estéticos, evocação do sagrado, o discurso de resistência ante a colonização, entre outros aspectos. A poesia, como lugar de fala, portanto, engendra o gesto poético e histórico de permanente elaboração dos matizes organizadores de memória social e coletiva (CUTI, 2011). Nessa perspectiva, a lírica de Carlos de Assumpção, sobretudo agora, na reunião que possibilita uma visão panorâmica de seus temas e arquitetônica estética, permite visualizar o que de mais significativo formulou em termos de um pensamento vanguardista sobre as questões raciais e da poesia negra como resistência. Intento apontar alguns desses matizes na releitura do poema *Protesto*, reconhecendo suas metáforas éticas de um sujeito lírico porta-voz de uma poesia que grita ininterruptamente, insurgindo-se contra o apagamento do cânone poético e político.

Águas de mamãe Oxum: ancestralidade e memória afrodiaspórica em *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo

Lorrany Andrade da Cruz & Flávio Pereira Camargo

Neste trabalho, temos como objetivo analisar a importância da ancestralidade e da memória afrodiaspórica no conto *Olhos d'água*, que faz parte da coletânea *Olhos*



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

d'água (2014), de Conceição Evaristo. Nessa narrativa, a pergunta motriz é: “de que cor eram os olhos de minha mãe?”. Ela faz com que a personagem principal relembre episódios da infância, com a mãe e as irmãs. Notamos como as situações de privação passadas por elas se relacionam com a realidade de várias mulheres negras brasileiras e também como essa busca pela cor dos olhos da mãe leva à presença da ancestralidade, através de gerações de mulheres negras. Os olhos da mãe são cor de olhos d'água, as águas de mamãe *Oxum*, Orixá das águas doces. Assim, a espiritualidade e a religião afro-brasileira ligam essas mulheres negras à ancestralidade; por meio do ritual aos Orixás, de buscar a cor dos olhos da mãe, a narradora parece encontrar sua identidade cultural negra. Além disso, há a retomada da linha do tempo pela memória afrodiáspórica, que parte de uma necessidade da literatura negra de se voltar ao passado histórico, para reconstruí-lo e relacioná-lo com o tempo e a história presentes, como afirma Conceição Evaristo (1996). Esse passado que se presentifica, que está na memória do hoje e do agora, tem uma relação de continuidade com o presente, devido às opressões de matriz colonial: racismo, classismo, cisheterossexismo, conforme Carla Akotirene (2019).

Literatura negro-brasileira, vestibular e infâmia: uma educação antirracista passa pela representatividade da literatura negra

Taynara Cristina de Souza Silva & Liliam Cristina Marins

A partir da noção foucaultiana “sujeito infame”, analisamos o discurso acerca da inclusão do livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus (1960), como indicação para vestibulares de universidades estaduais paranaenses. Junto a essa análise, atentamos para a escrevivência, conforme Evaristo (1996), e para a representatividade da literatura negra (CUTI, 2010). Ao considerar que estar nesse tipo de vestibular significa estar nas escolas, tal literatura contribui para a formação de sujeitos críticos e antirracistas.



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

SIMPÓSIO TEMÁTICO 16: QUILOMBOS E COVID-19: UM TURBILHÃO DE HISTÓRIA(S) E EXPERIÊNCIA(S)

Coordenadores/as: Veridiana Barreto Nascimento, Andréa Cardoso e Cardoso & Samilly Valadres

Resumo: Somos pesquisadoras quilombolas e não quilombolas, envolvidas em diferentes papéis nas lutas contra a Covid-19 nos quilombos paraenses e o silêncio acerca das condições históricas e contemporâneas de produção e reprodução da vulnerabilidade da população quilombola. Desde o início da pandemia, o Pará tem ocupado o primeiro lugar em número de casos e mortes provocadas por essa doença nas comunidades quilombolas do Brasil. Para além das especificidades locais, os conhecimentos e sentimentos que temos acumulado dizem respeito a uma questão comum a todo o país: o racismo estrutural, que designa à população negra e quilombola, em particular, uma condição histórica de vulnerabilidade da qual dificilmente se sai por vias individualmente acessadas. Neste Seminário Temático, pretendemos congregiar trabalhos que abordem experiências e histórias de enfrentamento da pandemia nas comunidades negras e quilombolas do Brasil. Valorizamos, especialmente, relatos e análises sobre ações coletivas e modos de organização comunitários nos quilombos do Brasil. As situações criadas pela pandemia são singulares e nos colocam em um turbilhão de experiências e emoções. As reações a elas são também singulares em cada quilombo, mas acreditamos que todas são frutos de conhecimentos acumulados, práticas e formas de sociabilidade e solidariedade construídas ao longo de séculos. Esperamos proporcionar diálogos entre perspectivas acadêmicas e comunitárias e estimular quilombolas a registrarem suas histórias e experiências.



TRABALHOS APRESENTADOS

Incidência de casos de COVID-19 em comunidades quilombolas próximas à Mineração Rio do Norte (MRN)

Beatriz Fernandes Farias

A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. A pandemia de Covid-19 afetou a todos, porém populações tradicionais Quilombolas foram especificamente prejudicadas por conta da falta de acesso a diversos direitos básicos de saúde, infraestrutura e saneamento básico, deixando-as ainda mais vulneráveis. A exemplo, o auxílio emergencial, que depende de um aplicativo, sendo que muitas comunidades não são atendidas por uma rede de energia de boa qualidade ou sinal de internet; então, muitos deixam sem receber o benefício a que têm direito; daí o acesso contínuo de quilombolas às cidades próximas, em busca de serviços que já deveriam ter em suas comunidades. No caso dos quilombos próximos à MRN, as populações quilombolas são obrigadas a conviver com moradores e trabalhadores da vila, que tem acesso a vários lugares, elevando a contaminação. Por conta de uma bolsa de orientação, venho acompanhando os números dos casos do Covid-19 em comunidades quilombolas nas proximidades da referida mineração, a qual causa grande impacto no modo de viver dessas populações, influenciando, inclusive, no aumento de número de casos nas comunidades quilombolas.

Povos quilombolas e o aspecto relacional entre território e pandemia

Lohana Katrini Picanço Pereira & David Junior de Souza Silva

A efetivação dos direitos dos povos tradicionais deveria ser tarefa meramente administrativa. Uma vez garantidos nas constituições dos Estados, caberiam meramente atos administrativos para torná-los realidade. Todavia, na realidade do Estado brasileiro, menos multinacional do que colonial, os povos tradicionais e etnicamente diferenciados têm de lutar constantemente contra o racismo estrutural e o colonialismo interno que os querem fazer desaparecer. A ação de resistência e enfrentamento ao racismo estrutural e institucional por parte dos povos tradicionais se dá na qualidade do que chamamos movimento social e, como tal, dentre seus muitos



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

elementos componentes, tem a tarefa da legitimação da demanda e do direito defendido um de seus elementos essenciais: por absurdo que possa ser, a necessidade de legitimação do direito à vida e ao território é realidade cotidiana dos povos tradicionais. Povos quilombolas são guiados por sua identidade étnica e o caráter coletivo de se organizarem nos eixos políticos e socioculturais, a fim de resguardarem e provocarem as instâncias burocráticas por parte do aparelho estatal, para a garantia de seus territórios e práticas de ordem cultural que os norteiam suas características identitárias.

A importância da reflexão sobre a terminologia “desenvolvimento” social e econômico na comunidade remanescente quilombola de União dos Palmares-AL

Levy Felix Ribeiro

O presente trabalho é um exercício de reflexão analítica e epistemológica no uso do conceito de desenvolvimento relacionado à disciplina antropológica. Para esta análise, serão considerados os dados coletados na pesquisa realizada entre 2015 e 2017 na comunidade remanescente quilombola do Muquém, em União dos Palmares-AL, cidade que fica localizada a aproximadamente 70 km da capital Maceió. Pretendo tomar e tratar o campo e o discurso do desenvolvimento a partir da análise das políticas públicas direcionadas aos moradores da comunidade logo após a enchente de junho de 2010 e como a mudança de território impactou as relações sociais e territoriais da população, que foi realocada para uma área mais alta do local, afastando-se do antigo espaço em que vivia, próximo ao Rio Mundaú. Houve propostas de política de assistência realizadas entre 2010 e 2013, como a entrega de casas em um conjunto habitacional para aproximadamente 700 pessoas, distribuídas a 120 famílias que perderam suas casas com a forte enxurrada que as derrubou e mudou todo o cenário ambiental da comunidade e de quase 19 cidades nos estados de Alagoas e Pernambuco. Por meio dos processos da pesquisa realizada, das entrevistas, do campo, me permito, a partir de agora, com a disciplina “Antropologia do Desenvolvimento”, voltar a algumas premissas sobre as quais não havia pensado durante meu tempo com os moradores: qual tipo de desenvolvimento se possibilitou para essas famílias e como compreender, a partir dos textos em debate, as reivindicações dos moradores, o uso da terra e as estratégias que pudessem contribuir no sustento desses quilombolas?



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

"Bumba meu boi não é só festa": estratégias de enfrentamento da Covid-19 do Boi de Leonardo e do Boi da Floresta no Quilombo Urbano da Liberdade, em São Luís-MA

Claudia Regina Avelar Santos, Nadir Olga Cruz,
Talyene Cruz Melônio & Wilmara Aparecida Silva Figueiredo

Os bairros da Camboa, Diamante, Fé em Deus, Liberdade e Sítio do Meio hoje formam o território do Quilombo Urbano da Liberdade, certificado pela Fundação Cultural Palmares em novembro de 2019, sendo o primeiro quilombo desta categoria no Maranhão e apontado como o maior do país em termos populacionais. Essa área, localizada na porção central da capital maranhense, concentra uma grande população negra que reproduz aspectos socioculturais de origem africana na organização social e expressão cultural. Em um território onde os cultos religiosos de tambor de mina, bumba meu boi, tambor de crioula, capoeira, festas do Divino Espírito Santo, clubes de reggae, blocos tradicionais, *cacuriás*, dentre outras formas de expressão e celebrações ali encontradas e intensamente vividas, são amostras das heranças culturais deixadas por negros escravizados da São Luís colonial e migrantes negros oriundos do litoral ocidental maranhense no pós-abolição, que ocuparam essa área localizada às margens do rio Anil. Tamanha efervescência cultural faz do Quilombo Urbano da Liberdade um rico campo de acervo cultural, com inúmeros pontos de cultura que trazem muito da história e memória de São Luís e do Maranhão. Contudo, ao longo do tempo, esse território, ainda marcado pela presença de palafitas, esgoto a céu aberto, urbanização precária, tráfico de drogas e milhares de pessoas em situação de vulnerabilidade social em diversos níveis, foi estigmatizado por seu perfil socioeconômico, em que a violência urbana e a pobreza são os discursos predominantemente associados à população negra residente no local. No contexto de pandemia, muitas entidades culturais tiveram de intensificar suas atividades sociais para apoiar colaboradores e moradores da região que, na qualidade de trabalhadores autônomos, informais e/ou prestadores de serviço no comércio em geral, sofreram graves impactos com a retração econômica causada pela pandemia. Nesta comunicação, destacamos a atuação do Bumba meu Boi da Liberdade e Bumba meu Boi da Floresta, sob o comando, respectivamente, de Claudia Regina Avelar Santos e Nadir Olga Cruz: duas mulheres negras que têm usado a sensibilidade feminina e a



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

força de sua tradição e prestígio de dois dos grupos culturais mais antigos e respeitados da cidade de São Luís e de todo o Maranhão em prol do bem-estar social comunitário. Ao longo de 2020 e 2021, elas vêm coordenando diversas atividades que aliam o fortalecimento do patrimônio cultural ao enfrentamento da Covid-19, ampliando a consciência sobre a importância social e simbólica que suas agremiações representam para a comunidade local o que, por sua vez, desembocou em uma série de mudanças, atualizações e adaptações metodológico-conceituais em vários níveis, que percorrem da repaginação dos ritos e calendário festivo das brincadeiras ao ativismo social, com suporte direto a mães solo, fazedores de cultura e articulação com instituições atuantes em diferentes setores, com vistas à ampliação do alcance de políticas públicas no território. Um pouco sobre a contextualização histórico-social do território, bem como suas respectivas histórias de vida e envolvimento com o patrimônio cultural, se fazem necessários para uma melhor compreensão da complexa engrenagem movida para a atuação satisfatória dessas entidades, para sobreviver a esse período marcado por muitas perdas e agruras, sem deixar de lado a fé e a alegria que marcam a identidade dessa importante manifestação cultural, alçada ao cargo de patrimônio cultural da humanidade em 2019.

O que pode fazer uma antropóloga no enfrentamento da pandemia em comunidades quilombolas?

Luciana Goncalves de Carvalho

Trata-se de narrativas de cunho pessoal e profissional acerca das possibilidades de atuação como antropóloga junto a comunidades quilombolas para enfrentar os impactos da pandemia de Covid-19.

SIMPÓSIO TEMÁTICO 17: CINEMAS COM MULHERES INDÍGENAS E NEGRAS

Coordenadores/as: Graciela Guarani, Sophia Pinheiro, Janaina Oliveira

Resumo: Neste Simpósio Temático, interessam-nos trabalhos, pesquisas em andamento, análises fílmicas e demais partilhas com mulheres indígenas e negras. Buscamos historicizar o cinema feito por essas mulheres e seus recortes étnicos, raciais, sociais, cosmopoéticos e políticos, a fim de contribuir com os estudos de



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

gênero e racialidades no cinema, para pensarmos em que medida esses estudos corroboram e tensionam os pensamento visuais contemporâneos; quais práticas e pedagogias esses filmes criam em seu próprio sistema de mundo e de realização cinematográfica; de que maneira questionam as teorizações e as práticas da colonialidade na formatação do olhar, do saber e do ser e nas demais categorias inventadas para a dominação colonial. Desejamos que essas conversas cocriativas de vida, com afetos e cotidianos, operem como caminhos possíveis no acesso das liberdades epistemológicas e etnofilosóficas.

TRABALHOS APRESENTADOS

Dez encontros com o racismo- curta metragem

Cláudia Ferreira da Silva Almeida

Apresentação do curta metragem Dez encontros com o racismo. O objetivo do curta é atuar exatamente no reconhecimento da maior vulnerabilidade social da mulher negra, a partir das narrativas de 10 escritoras participantes que ultrapassaram esse estágio de vulnerabilidade e, hoje, seguem lutando, resistindo, tanto individualmente como coletivamente, com fito de alavancar outras mulheres negras a sobreporem as barreiras que o patriarcado, associado ao racismo, impõe sobre nós, mulheres negras. O filme foi criado e dirigido por Negra Luz (Cláudia Almeida) e editado por Pedro Nguvu.

Cores e Botas: culturas da infância e processos de identificação

Priscila Souza de Oliveira

Contribuição oral sobre uma das interfaces da pesquisa em andamento que aborda o protagonismo no audiovisual infantojuvenil, a partir de um levantamento de curtas-metragens com realização e atuação negras. Nesta apresentação, o curta *Cores e Botas* (2010), de Juliana Vicente, aguça as reflexões quanto à cultura lúdica e ao imaginário na infância sob uma perspectiva interseccional com gênero, raça e classe. Partindo do conceito “olhar opositor”, de bell hooks, propõe-se atravessamentos entre feminismos negros, multiculturalismo e sociologia da infância para analisar as culturas infantis no curta-metragem com e para crianças.



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

“Acervo ZUMVI - O levante da memória” sob a perspectiva de uma cineasta negra

Izabel de Fátima Cruz Melo & Ialle Ramos Azevedo

Este trabalho faz parte da pesquisa em andamento *Mulheres negras no cinema brasileiro: história, trajetórias e representações*, desenvolvida como projeto de Iniciação Científica na UNEB. De forma ampla, trabalhamos em duas frentes: a representação das mulheres negras nos filmes e a análise da produção cinematográfica/audiovisual de cinco diretoras negras. Ancoradas nesta segunda frente, propomos aqui uma primeira aproximação ao filme *Acervo ZUMVI - o levante da memória* (2020), da cineasta e montadora Íris de Oliveira. O documentário de curta metragem apresenta a trajetória do fotógrafo Lázaro Roberto e a paulatina organização do ZUMVI, não apenas pelas suas fotografias, mas sobretudo pela escolha de Íris em propor um diálogo entre Lázaro e alguns dos seus fotografados, evidenciando criação de uma memória que se constitui a partir deste acervo, tão precioso quanto pouco conhecido, que dá conta de muitos aspectos da presença e participação negra na sociedade baiana e brasileira.

Reflorestarmentes para curar a Terra

Paulo Mac Dowell

Filme documentário sobre a extraordinária Marcha das Mulheres Indígenas, integrando imagens da marcha com a belíssima apresentação do projeto *Reflorestarmentes*, pela educadora e ativista Célia Xakriabá.

Mossane e Atlantique: formas distintas de representar a mulheridade africana através do tempo

Mariana Angelito Bessa de Souza

Em 1996, estreou o *Mossane*, primeiro longa-metragem de ficção da Safi Faye – expoente diretora senegalesa. Se no fim do século XX, os cinemas africanos estavam começando a se solidificar enquanto linguagem e campo teórico (FERREIRA; NAFAFE, 2020, p. 48); contemporaneamente, já se têm claros indícios de que as cinematografias africanas se consolidaram na indústria cultural do terceiro milênio.



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

Um exemplo é o longa-metragem *Atlantique*, de 2019, dirigido por Mati Diop – que também tem origem senegalesa, mas é nascida na França. Os dois filmes foram feitos por mulheres de origem africana e tiveram um percurso exibidor que incluiu o *Festival de Cannes* e outros festivais pelo mundo, que, de forma interessante, se conectam através da narrativa. pois partem de um mesmo pressuposto: mulheres que tem o casamento decidido pela comunidade e são prometidas a um homem, mas desejam ter outro par. As duas obras têm linguagens e recursos distintos, mas trabalham a representação das subjetividades de duas adolescentes africanas e suas paixões e limitações. A pergunta que fica é: como a lacuna temporal, entre um filme e outro, vai construir narrativas a partir de formas diferentes nas quais a mulher africana é vista e representada? Através de uma análise comparativa entre os filmes, nota-se como as narrativas partem de um mesmo pressuposto para culminar em finais bem distintos.

SIMPÓSIO TEMÁTICO 18: REPRESENTATIVIDADE PARLAMENTAR DE NEGROS E NEGRAS NO AMAZONAS

Coordenadores/as: Renildo Viana Azevedo, Vinícius Alves da Rosa & Rafaela Fonseca da Silva

Resumo: Os parlamentos no Brasil, em todos os níveis, não são representativos das forças e segmentos sociais que formam o povo brasileiro. Os negros, como maioria da população brasileira, não possuem representatividade proporcional ao tamanho de sua fração e, para piorar, parte dos parlamentares negros eleitos não representa, de fato, os interesses e as lutas de negras e negros no Brasil. No estado do Amazonas, essa realidade se repete e a representatividade parlamentar de negros e negras, quando existiu, ocorreu por meio de deputados ou vereadores brancos e não por meio dos parlamentares negros. Este Simpósio Temático tem como objetivo proporcionar um espaço de debate entre pesquisadores, lideranças sociais e quadros partidários para apresentarem estudos e relatos, de modo a favorecer uma reflexão a respeito da representatividade de negros e negras nos parlamentos do estado do Amazonas.



TRABALHOS APRESENTADOS

Representatividade do ativismo negro

Christian Rocha da Costa

O tema da representatividade do ativismo das causas de Negritude, a importância de um representante da causa negra nos parlamentos, é um desafio para uma parte da sociedade que nunca foi contemplada com políticas públicas em que a saúde e a cultura da população negra recebam uma ótica compreensiva, sem fazer parte de um assistencialismo. As igrejas, os ramos de empresários e interesses familiares, possuem seus representantes nos parlamentos, já a comunidade negra não possui. Para que o Brasil desigual amenize a dor dos seus filhos, precisamos de militantes e ativistas comprometidos com a causa negra, com o objetivo de promover a equidade.

Resistência da mulher negra na cidade de Manaus na política institucional

Michelle Barbosa Andrews

A proposta do artigo é relatar a experiência de Michelle Andrews, 37 anos, mulher negra, na disputa eleitoral da cidade de Manaus nos anos de 2018 e 2020, buscando deixar um registro para que mais mulheres consigam ocupar a política. Sem as mulheres, não há democracia! Nos últimos anos, tivemos: o assassinato da vereadora Marielle Franco; parlamentares eleitas sendo assediadas física e moralmente; relatos de mulheres negras na Jornada das Pretas, afirmando que seus partidos não estão preparados para combater o racismo institucional. Essa é a realidade das mulheres negras dentro dos partidos políticos e na política. Eu, Michelle Andrews, produtora cultural, entrei na política institucional em 2017, com o intuito de ocupar a política levantando as bandeiras das pautas identitárias. Na vivência da dinâmica partidária, pude perceber que o debate estava distante da prática e da vida real. De um lado, pessoas com alto discurso teórico, sem prática e capacidade de agir na sociedade; de outro lado, pessoas confundindo política institucional com movimentos sociais. Combater o racismo e o machismo dentro de um partido político não é uma prioridade factual; apenas na teoria é incluído no programa, mas, na hora da divisão de recursos e da ocupação de cargos, a presença da mulher negra é diminuída.



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

ENCONTRO COM CELSO LUIZ PRUDENTE

Coordenação: Roberta Enir

Resumo: A estética revolucionária: A ontologia da luta de horizontalidade da imagem do ibero-asio-afro-ameríndio *versus* a verticalidade da hegemonia imagética do euro-hetero-macho-autoritário: a dimensão pedagógica do cinema negro posta em questão.

LANÇAMENTO DA EXPOSIÇÃO REMANDO NAS ÁGUAS DA ARTE E CULTURA NEGRAS NA AMAZÔNIA

Coordenação: Alessandra Fonseca, Claudina Maximiano, Mara Marcelino, Marília Silva, Denis Pereira e Roberta Enir.

Resumo: A ideia desta exposição é apresentar ao público as expressões artístico-culturais dos negros/as na Amazônia, numa corrente das águas cuja nascente brota na grande floresta Amazônica. Além da arte, trazemos imagens que relatam a história do povo preto, que aprendeu a dialogar com a mata e os rios e construiu morada neste lugar. A exposição está disponível na rede mundial de computadores. Utilizamos o aplicativo *Google Earth*. Tal aplicativo favorece com que o visitante faça uma viagem aos espaços sociais, quilombos e outros, para conhecer um pouco da presença negra na Amazônia e também encontrar *links* com produções acadêmicas e audiovisual sobre as comunidades apresentadas. A exposição apresenta comunidades nos estados do Amazonas, Pará e Rondônia. Visite e compartilhe: https://earth.google.com/earth/d/1MrmEdoxiJ95F21s4kpWOz_kBqRQdXHlt?usp=sharing.

SESSÕES DE CINEMA: “DE BUBUIA PELOS RIOS DA AMAZÔNIA”

Filmes: *Utopia e 2013/2020*

Coordenação: Alícia Miranda

Com a presença de: Rodrigo Aquiles Santos.

Sinopse *Utopia*: A busca de uma filha por histórias vividas pelo pai garimpeiro que faleceu no garimpo. Arquivos sobre esse pai, fotos, vídeos e cartas que ele escrevia



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

para a família relatando a vivência e as dificuldades do garimpo. O documentário procura humanizar homens que dedicam suas vidas à terra; mais do que um registro, o filme mostra um relato íntimo e poético sobre a vida desses garimpeiros.

Sinopse 2013/2020: Ao registrar o dia-a-dia da quarentena de 2020 e o caos do apagão elétrico ocorrido no Amapá, no mesmo ano, o cineasta Rodrigo Aquiles Santos vê o material se conectar com filmagens realizadas por ele nas manifestações de junho 2013, que nunca vieram a público.

Filmes: *Butterfly e Açaí*

Coordenação: Alícia Miranda

Participação: Mc Super Shock e André Cantuária

Sinopse *Butterfly*: O curta retrata a linha tênue entre o céu e o inferno astral, quando a ansiedade toma conta e o vazio preenche; a sensação do não pertencimento da pessoa preta; a insegurança de saber que é alvo e o cansaço de ser 2x melhor.

Sinopse *Açaí*: A curta conta a saga de Dionlenon, um homem de 30 anos, acostumado com a vida que leva ao lado da mãe, com quem mora numa periferia de Macapá. Ele sai em busca de dois litros de açaí para almoçar, mas não conta com uma viagem tão distante assim.

Filme: *Meus santos saúdam teus santos*

Coordenação: Alícia Miranda

Participação: Rodrigo Antônio

Sinopse: Em uma viagem de regresso à ilha do Marajó, terra de seus avós, Rodrigo conhece a pajé Roxita e recebe a notícia de que têm guias espirituais de herança. Rodrigo vive sua iniciação na pajelança marajoara e registra sua relação com Roxita, que será sua guia num encontro com seus ancestrais.

LANÇAMENTO DE LIVROS

Organizadores: João Maciel de Araújo e Laura Cristina Leal e Silva.

Resumo: A proposta é dar visibilidade a autores/as negros/as, com destaque para os/as escritores/as negros/as que fazem parte da Rede Federal. Foi um espaço para um bate-papo com os/as autores/as.



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

Obras lançadas:

Mulheres na história africana em Mato Grosso, de Cristina Soares.

Egressa do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cristina Soares desenvolveu sua dissertação abordando o antirracismo no ambiente escolar e práticas pedagógicas que já rendeu diferentes resultados. A autora desenvolveu o livro *Mulheres na história africana em Mato Grosso* a partir das contribuições coletadas durante o processo de pesquisa.

Sobre a autora: Cristina Soares é professora de História na rede pública de ensino em Mato Grosso. Graduada em Licenciatura Plena em História pela UNEMAT, pós-graduada (Especialização) em Ensino de História e Geografia pela Faculdade da Lapa (FAEL) e mestre pelo Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) na UFMT. Participa do projeto de incentivo à produção literária de pessoas negras *Selo Itan Literário*. Também participa da *Web Kizomba TV*, o canal da resistência vivo em Mato Grosso, em que trata de assuntos referentes a questões étnico-raciais. Além de professora/historiadora, é também ilustradora. Ilustrou a primeira capa da Revista *História e Diversidade*, da UNEMAT, o livro *Baobá: a árvore da vida*, de Pinheiro Rodrigues, participou da ilustração do livro de Mariana Bracks: *Poderosas rainhas africanas*, ilustrou o livro infantil da professora Noêmia Madureira, *Rana, a princesa desaparecida*, ambos com personagens negras. Por fim, construiu um material pedagógico denominado *Mulheres na história africana em Mato Grosso* e segue com um projeto de artes plásticas com a artista Michelle Diehl, denominado *Simbiose*, onde a arte é produzida a quatro mãos.

Violência contra LGBT: resistência e enfrentamento, de Denis da Silva Pereira. Editora: EDUA/2020

Este livro, que originalmente consistiu na tese de doutorado do autor, parte de uma narrativa que evidencia que os acasos concorrem para cerzir a história de um modo peculiar. Um flerte, um carro que é levado a refazer um percurso, na imediaticidade de um olhar de soslaio, e um encontro fortuito, tanto podem anunciar a surpresa, o prazer e o riso, quanto provocar sofrimento e a possibilidade de uma



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

tragédia. Indagando o trivial mais simples, o autor se expõe e, numa análise reflexiva, situa agentes sociais numa trama sociológica que demarca a sexualidade na fronteira, através de um ato classificado como criminoso, por atentar contra a vida. Uma facada inesperada, desferida com propósito letal, desfaz expectativas românticas, fazendo despontar emoções nada poéticas relatadas em estilo contundente na rigidez de um boletim de ocorrência. A narrativa de próprio punho revela os limites de uma relação fundada na liberação de costumes. É desse ponto de partida, disruptivo, que o autor nos convida a acompanhar o percurso de seu complexo itinerário analítico, que se estende de situações vividas à elaboração de uma tese de doutorado. Transformar atos vividos em experiências sensoriais, tornando-os objeto de análise e de reflexão. A redação concisa e direta, ao se contrapor à linguagem metafórica, às analogias e às visões edulcoradas, facilita este propósito acadêmico e bem contorna os possíveis obstáculos e entaves a uma descrição rigorosa, produzida segundo critérios de produção científica. Numa abordagem marcada por identidades em movimento, o autor se empenha no discernimento e no acuro. Discute a controversa distinção entre gênero e sexo, descortinando condições de possibilidades para uma reversão de convenções e normas que vigem sob uma forma extremada e, ao mesmo tempo naturalizada, de dominação masculina. O convite à leitura pressupõe uma apreciação crítica do peso das normas e seus efeitos na vida cotidiana, sobretudo quanto à discriminação sexual e à interdição velada de práticas corporais, com consequências éticas e relativas à liberdade de escolha. As mais proeminentes, dentre elas, concernem às tentativas de legisladores e de fundamentalistas em impor uma visão da homossexualidade como doença e degradação, inclusive no plano das políticas públicas e dos dispositivos jurídicos, transformando-a em “crime”. No plano moral, consideram que, enquanto violação de princípios, são transgressões da fé, ao mesmo tempo em que são classificadas como transgressões sexuais. Os atos de violência cometidos contra os que contestam tais tentativas e desconstruem a noção de “sexo natural”, apontando, inclusive, para novos significados do conceito de família², evidenciam uma tendência ascensional e autoritária, absolutamente ilegal, que compromete os princípios democráticos. Esse processo de criminalização de práticas e de controle compulsório da sexualidade, que funciona ao molde de um ritual de instituição³ de uma “temporada de caça às bruxas”, não pode ser dissociado das violências recorrentes contra lideranças dos movimentos LGBT e do elevado número



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

de assassinatos de homossexuais. Os homicídios e as tentativas de homicídio, determinados por questões de gênero e por fatores relativos à sexualidade, compreendem mortes violentas intencionais. Esses indicadores de criminalidade, abrangendo os mortos e atingidos pela violência, consistem em acontecimentos funestos, que demonstram que os números a eles correspondentes só são comparáveis historicamente a grandes tragédias e a catástrofes, a guerras e a genocídios, a matanças e a feminicídios. Há intérpretes que argumentam que se corre o risco dos saberes homossexual e feminino, populares, serem forçados paulatinamente a refluírem para uma existência clandestina, subterrânea e velada, mediante os constrangimentos sucessivos e as condições de possibilidade de severas punições. Assim, embora o autor em pauta não se pretenda um tragediógrafo, relata episódios cujo desenrolar da ação termina de ordinário em acontecimentos fatais, em que os agentes sociais estudados são as vítimas. O trabalho etnográfico ganha consistência e força descritiva a partir desse tipo de narrativa pormenorizada e extremamente analítica da tragicidade dos fatos examinados, segundo o ponto de vista dos próprios entrevistados, bem como das estatísticas oficiais através dos chamados “anúários de segurança pública”, que focalizam os indicadores nacionais de criminalidade. Em virtude dessa forma de abordagem, o livro ora apresentado torna-se uma leitura imprescindível para a compreensão sociológica dos problemas concernentes a gênero e sexualidade, que hoje marcam a sociedade brasileira.

Sobre o autor: Denis da Silva Pereira é Professor do IFAM, Campus Manaus Zona Leste; Formado em Filosofia PUC MG, Doutorado em Antropologia social PPGAS UFAM, com pesquisa ligadas aos movimentos indígenas e quilombolas; movimento LGBTQIA+ e atuação no partido dos trabalhadores.

Abolição à sombra do cativeiro: raça, classe, gênero e educação (Amazonas, Brasil, Séc. XIX), de Ygor Olinto Rocha Cavalcanti. Editora: CRV/2021

As celebrações pela proclamação da abolição da escravidão no Amazonas, naquele julho de 1884, fazem parte de um processo cultural de modificação dos corpos, de rituais de polidez e de civilidade, de encenação das ideologias dominantes do final do século XIX. Estava em jogo a manutenção – ao menos idealmente – de uma sociedade indivisa e harmônica. Nascia ali a representação visual a ser inscrita na memória coletiva que informa, até hoje, identidades raciais, nacionais e de gênero.



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

A escolha do horário, por exemplo, encenava a igualdade, já que o sol, era o que se dizia, em seu ponto mais alto, iluminava indistintamente, evitando a projeção de sombras que sinalizassem desigualdades nessa comunidade cívica. O conjunto dessas cenas, investidas de exibicionismo e saudações narcísicas, funciona como um objeto, uma estrutura que engloba registros retirados da história para fixá-los em uma espécie de véu, no qual se projetam fantasias e desejos. Essa estrutura de recortes da realidade, diferencial que se apresentava, funciona como um mosaico, um painel, que, a nosso ver, tem uma função encobridora. Encobridora de quê, exatamente? Dos desejos inconscientes de morte social contra aqueles que não se integravam aos ideais de ser branco da época.

Sobre o autor: Ygor Olinto Rocha Cavalcanti é Historiador e Psicanalista, Mestre e Doutorando em História Social (UFAM) e Docente do Instituto Federal do Amazonas - Campus Presidente Figueiredo. Pesquisador interessado na articulação entre história, crítica da cultura e psicanálise nas investigações sobre a história da escravidão, do trabalho e dos estudantes no Amazonas durante os séculos XIX e XX. Premiado com menção honrosa no prêmio Abraham Cohen (UFAM/2010); premiado pela Fundação Palmares e Ministério da Educação e Cultura (2011) e pelo Prêmio Nestor Nascimento (2021), todos motivados pelo trabalho no campo da educação e da pesquisa sobre a presença africana e afro-brasileira no Amazonas. É autor também da obra *Uma viva e permanente ameaça: resistências, rebeldias e fugas escravas no Amazonas Provincial* (2015).

Negritude, poderes e heroísmo: estudos sobre representações e imaginários nas histórias em quadrinhos, de Fernanda pereira da Silva. Editora: Conexão/2021.

Qual seria a necessidade de discutir sobre “Negritudes, Poderes e Heroísmos”, no século XXI? Nosso livro propõe uma cartografia acerca de políticas de representação e configuração de imaginários, observando práticas de significação e composições estéticas que, ainda hoje, persistem e enclausuram personagens negros e negras. Para tal, reunimos alguns super-heróis e super-heroínas que, entre suas vivências didáticas e perspectivas epistemológicas, entendem a urgência de textualidades que decifrem ou denunciem estereótipos. O livro é uma produção coletiva do Observatório Carioca de Histórias em Quadrinhos, que se articula entre propostas didáticas e metodológicas, com pesquisadores de diferentes partes do



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

Brasil. Um dos projetos do Observatório é o *África em Quadrinhos*, que discute identidade e representação nas HQs pensando o continente africano e as relações África-Brasil. Negritude, Poderes e Heroísmos surgem como uma proposta diferenciada, propondo análises sobre personagens negros e negras que já fazem parte do repertório de muitos adolescentes, jovens e adultos, no entanto, alguns deles, nunca foram compreendidos como objetos de pesquisa. Nesta obra, poderemos observar debates sobre Tempestade e Vixen e a cosmovisão africana e religiosidades, as perspectivas identitárias em Raio Negro, discussões sobre masculinidades a partir de Blade, análises sobre o conceito de eugenia, tendo como ponto de representação o Capitão América. Além da presença negra nos Mangás, Cultura visual em Peter Parker vs Miles Morales, um dossiê sobre o Pantera Negra, das narrativas quadrinizadas até o cinema e dialogismos em torno de Jeremias, de Maurício de Sousa.

Sobre a autora: Fernanda Pereira da Silva é Doutoranda em Mídia e Cotidiano pela Universidade Federal Fluminense (UFF); Mestra em Relações Étnico-Raciais pelo CEFET-RJ; possui Graduação em Artes Visuais e Trabalha como Design Instrucional na Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro.

Portfólio: aprendendo a ensinar/ensinando/aprendendo com o povo Jarawara da aldeia Casa Nova, de Alessandra de Souza Fonseca (Manira) & Claudina Azevedo Maximiano (Neme Boniraha). Editora: Artera.

O *Portfólio: aprendendo a ensinar/ensinando/aprendendo com o Povo Jarawara da aldeia Casa Nova* compartilha as experiências vivenciadas por duas professoras do Instituto Federal de Ciência, Tecnologia e Inovação do Amazonas (IFAM) - campus Lábrea, que lecionaram disciplinas durante o primeiro ano do Curso Técnico em Florestas, na Terra Indígena Jarawara/Jamamadi/Kanamati, Rio Cainã, Médio Rio Purus, município de Lábrea/AM. O curso foi criado a partir de uma demanda específica do povo Jarawara, da aldeia Casa Nova/Nascente, junto ao movimento indígena e seus parceiros. O projeto pedagógico atende às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena, previstas na Constituição Federal de 1988 e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação: é um curso diferenciado, intercultural e bilíngue. Constitui-se, a partir do que podemos considerar, como um novo paradigma no contexto do IFAM. Este livro tem o intuito de apresentar aos



Negritude e Pretice na Amazônia:

Resistência da Floresta e das Águas
23 a 26 de novembro de 2021

profissionais da educação, aos povos indígenas e aos demais interessados as iniciativas didático-pedagógicas adotadas pelas autoras para o ensino técnico ministrado em uma terra indígena. A ideia é socializar como as aulas foram desenvolvidas, o que foi trabalhado e como foi trabalhado, apresentando como os estudantes indígenas vivenciam esse curso. Essas e outras questões, que a curiosidade do leitor naturalmente elabora, poderão ser respondidas ao acessar o conteúdo da obra.

Sobre as autoras: Alessandra de Souza Fonseca (Manira) é Engenheira Florestal, professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM); Claudina Azevedo Maximiano (Neme Boniraha) é Antropóloga, professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM).

Negritudes e poesias, de Ronilson Lopes (Org.). Editora: UICLAP

Este livro reúne poesias de autores e autoras do Amazonas, trazendo voz para uma negritude muitas vezes escondida, acobertada pelas diversas misturas étnicas presente no Brasil. O trabalho se insere em um contexto mais amplo de discussões sobre temáticas raciais, contemplado em um projeto de extensão coordenado por Ronilson Lopes, visando refletir sobre tal tema de modo autônomo, lúdico e coerente, trazendo esta importante discussão não apenas para dentro dos muros da escola, mas também para a cidade de Lábrea, no interior do Amazonas e local de origem de grande parte dos/as poetas e poetisas que fazem parte deste livro.

Sobre o autor/organizador: Ronilson Lopes é professor de Filosofia, Mestre em Estudos Literários, professor do Instituto Federal do Amazonas.